

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E
DESENVOLVIMENTO LOCAL (POSMEX)

MARCONIEDISON HERCULANO DA SILVA

PERMANÊNCIA DE JOVENS NO MEIO RURAL:
DESAFIOS AO DESENVOLVIMENTO LOCAL DO ASSENTAMENTO
CANZANZA (MORENO – PERNAMBUCO)

RECIFE

2014

MARCONIEDISON HERCULANO DA SILVA

**PERMANÊNCIA DE JOVENS NO MEIO RURAL:
DESAFIOS AO DESENVOLVIMENTO LOCAL DO ASSENTAMENTO
CANZANZA (MORENO – PERNAMBUCO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, na linha de Pesquisa, Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Brás Fernandes Callou.

RECIFE

2014

MARCONIEDISON HERCULANO DA SILVA

**PERMANÊNCIA DE JOVENS NO MEIO RURAL:
DESAFIOS AO DESENVOLVIMENTO LOCAL DO ASSENTAMENTO
CANZANZA (MORENO – PERNAMBUCO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, na linha de Pesquisa, Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Aprovada em: 11 de agosto de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angelo Brás Fernandes Callou
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Maria Salett Tauk Santos
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Irenilda de Souza Lima
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Laura Susana Duque Arrazola
Universidade Federal Rural de Pernambuco

*Aos meus pais, Maria Edinalva Rosa da Silva e
Severino Herculano da Silva.*

*Aos meus irmãos, Marcelo Herculano da Silva e
Marcelino Herculano da Silva.*

À minha avó, Cecília Maria de Souza.

E ao meu afilhado, Bruno Vinícius Patta.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir mais este ciclo em minha vida, tenho a plena consciência de ter dado o melhor de mim na realização desta pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado.

Agradeço às forças Divinas, por chegar até o fim.

Ao orientador, professor Angelo Brás Fernandes Callou, pelo seu entusiasmo, firmeza e capacidade no direcionamento desta pesquisa, presente nos momentos em que meu saber não era suficiente.

A todos(as) os(as) agricultores(as) do Assentamento Canzanza, que me receberam e acolheram, em especial aos jovens que participaram desta pesquisa. Também aos agricultores, Osvaldo Joaquim (Fuba) e Adriano José Cosme da Silva e José Vicente (Due), sua esposa Rute e seus filhos Bruno e Bruna, que me receberam com tanta gentileza em sua residência.

Aos professores Irenilda de Souza Lima, Maria Salett Tauk Santos, Maria Luiza Lins e Silva Pires, Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa, Jorge Roberto Tavares de Lima e Dorilma Neves, pelos ensinamentos.

Aos colegas da Turma 2012.1, do Posmex: Aniérica, Luciana, Ana Paula, Pedro, Manuela, Cleyton, Thiago, Gisele, Ramon, Luiz e Marcos. Em especial a Isabel, Daniel e Ana Monzon, pelos bons momentos.

A generosidade dessas pessoas, que foram maravilhosas comigo, nos momentos em que mais precisei: Margarida Barros, Jefferson Nunes e Isa Wanessa Rocha Lima, Iraci Bastos, Gibson Castro e Fábio Nascimento.

Às funcionárias do setor de Documentação do IBGE e da Fidem e da Biblioteca Central da UFRPE. Aos funcionários(as) do IPA, escritório de Moreno; do Sindicato dos

Trabalhadores Rurais de Moreno e do Departamento de Educação da UFRPE, pelas informações e ajuda que, todos (as), gentilmente me concederam.

Aos tantos amigos(as) que em algum momento na trajetória desse Mestrado me ajudaram: Gilvanildo Ramos, Michelle Maciel, Carlos André Lima, Daniel Nascimento, Ana Lígia Lira, Caio Menezes e Ana Elizabeth Barbosa...

À Capes e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRPE, por me conceder a bolsa de pesquisa e ajuda de custo, respectivamente, para me manter e realizar esta pesquisa.

A todos, muitíssimo obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a permanência dos jovens no Assentamento Canzanza, município de Moreno, Pernambuco. Especificamente, o que se pretende analisar é se as atividades agrícolas e não agrícolas favorecem a permanência desses jovens no meio rural. Os referenciais teórico-metodológicos que nortearam esta pesquisa sobre jovens e sua permanência no meio rural foram baseados nos estudos de Wanderley (2007), Castro (2004, 2008, 2009), Brumer (2007), Carneiro (2004); e Silva (2011). Sobre desenvolvimento local, utilizou-se Franco (2000), Albuquerque (2010), Oliveira (2001), Pires (2005), Jesus (2003) e Saraiva (2008). A amostra deste estudo de caso foi composta por quinze jovens e dois agricultores de Canzanza. Na coleta de informações, foi utilizado um conjunto de técnicas combinadas de pesquisa, baseadas em Gil (2009), Minayo (1999) e Yin (2005), como entrevista semiestruturada, análise documental, vivência no assentamento e observação. A pesquisa evidenciou que as atividades agrícolas da forma como são desenvolvidas hoje em Canzanza não favorecem a permanência dos jovens no assentamento, devido, entre outros fatores, ao exaustivo esforço físico despendido por eles na cultura da cana-de-açúcar e à falta de oportunidades de emprego local. A maioria dos jovens, moças e rapazes, que se ocupam de atividades não agrícolas, pensa em morar numa cidade, alegando a situação caótica dos serviços básicos e acesso aos direitos sociais em Canzanza. Por outro lado, devido às adversidades no dia a dia das atividades agrícolas e não agrícolas, os jovens percebem que é possível alcançar o desenvolvimento local em Canzanza, pois conhecem os seus principais problemas, bem como algumas estratégias de mudança, entre elas a própria organização dos jovens no assentamento.

Palavras-chave: Juventude rural. Permanência. Atividade agrícola e não agrícola. Assentamento. Desenvolvimento local.

ABSTRACT

This research presents as goal the analysis of the staying of young people at Canzanza rural settlement, located at Moreno City, Pernambuco -Brazil. This work intends to go further and analyze if the agricultural and the non-agricultural activities contribute for this staying. The theoretical and methodological references that headed up this paper about young people at rural environments were based at Wanderley (2007), Castro (2004, 2008, 2009), Brumer (2007), Carneiro (2004) and Silva (2011) works. The texts on local development used data from Franco (2000), Albuquerque (2010), Oliveira (2001), Pires (2005), Jesus (2003) and Saraiva (2008). The sampling for this work was composed by 15 young people and 2 farmers from Canzanza settlement. A net of combined techniques based on Gil (2009), Minayo (199) and Yin (2005) was used to collect data by using semi-structured interviews, documental analysis, local life style assessment and observation. The research pointed to the fact that the way agricultural activities are made nowadays do not contribute to young people staying due, between further factors, to the physical hard working at the sugar-cane culture and harvesting and to the local lack of professional opportunities. Most young men and ladies who worked with farming activities think of living at urban cities, claiming the chaotic situation of basic services and the access to social rights in Canzanza. On the other hand, knowing the adversities in everyday life of agricultural and non-agricultural activities, the young people realize that it is possible to achieve local development in Canzanza, because they know well its mains problems as well as some strategies for changes, including the very organization of young people in the settlement.

Keywords: Rural youth. Staying. Agricultural and non-agricultural activities. Settlement. Local development.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População residente total e rural no Brasil, Nordeste, Pernambuco e Moreno.....	14
Tabela 2	População residente total por grupo de idade (15 a 29 anos) e situação de domicílio em Moreno – Pernambuco.....	15
Tabela 3	População residente por situação de domicílio e grupo de idade (15-29 anos) em Moreno (1970-2010).....	16
Tabela 4	Categorias dos jovens entrevistados na pesquisa.....	49

LISTA DE SIGLAS

ACPS	Associação dos Criadores de Peixes da Serra
APAs	Agentes Promotores da Agroecologia
ASSOCENE	Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste
CEASA	Centro de Abastecimento e Logística de Pernambuco
CNJ	Conselho Nacional de Juventude
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CONSEA	Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
EBAPE	Empresa de Abastecimento e Fomento Agrícola de Pernambuco
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FIDEM	Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco
FOJUPE	Fórum das Juventudes de Pernambuco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPA	Instituto Agrônomo de Pernambuco
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ITERPE	Instituto de Terras e Reforma Agrária do Estado de Pernambuco
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MT	Movimento dos Trabalhadores

NESUR-IE	Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional/Instituto de Economia
NPK	Nitrogênio, Fósforo e Potássio
NPT	Nossa Primeira Terra
OCDE	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PAIS	Produção Agroecológica Integrada e Sustentável
PMM	Prefeitura Municipal de Moreno
PNCF	Programa Nacional de Crédito Fundiário
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNATER	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
PNERA	Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária
POSMEX	Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRORURAL	Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Produtor
RJ	Rio de Janeiro (Estado Brasileiro da Região Sudeste)
SCJ	Secretaria da Criança e Juventude
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
O PROBLEMA, SUA ORIGEM, IMPORTÂNCIA E O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO.....	14
O processo de investigação.....	24
1 CAPÍTULO 1 – JUVENTUDE RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS.....	32
2 CAPÍTULO 2 – PANORAMA DO MUNICÍPIO DE MORENO E DO ASSENTAMENTO CANZANZA.....	38
2.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DAS CONQUISTAS NO ASSENTAMENTO CANZANZA.....	38
2.1.1 A associação do Assentamento Canzanza.....	42
2.1.2 A área comunitária de Canzanza.....	42
2.1.3 A educação no Assentamento Canzanza.....	42
2.1.4 A saúde no Assentamento Canzanza.....	43
2.1.5 A acessibilidade e o transporte no Assentamento Canzanza.....	44
2.1.6 A cultura da cana-de-açúcar no Assentamento Canzanza.....	44
2.1.7 Os recursos naturais do Assentamento Canzanza.....	46
2.1.8 Lazer e diversão em Canzanza.....	47
3 CAPÍTULO 3 – ATIVIDADES AGRÍCOLAS E NÃO AGRÍCOLAS E OS DESAFIOS DOS JOVENS RURAIS PARA PERMANÊNCIA NO ASSENTAMENTO CANZANZA.....	48

3.1	OS JOVENS ENTREVISTADOS DO ASSENTAMENTO CANZANZA.....	48
3.2	Jovens que trabalham em atividades agrícolas no Assentamento Canzanza.....	50
3.3	Jovens que trabalham em atividades não agrícolas, em áreas urbanas, mas retornam para o Assentamento Canzanza todos os dias.....	75
3.4	Jovens que trabalham no Assentamento Canzanza em atividades agrícolas, ajudando os pais e estudam na zona urbana ou em outro assentamento.....	88
3.5	Jovens, do sexo feminino, que trabalham em atividades domésticas, em Canzanza, subsidiando as atividades dos pais e irmãos.....	94
	CONCLUSÃO.....	105
	REFERÊNCIAS.....	108
	APÊNDICES.....	113

INTRODUÇÃO

O PROBLEMA, SUA ORIGEM, IMPORTÂNCIA E O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a permanência dos jovens rurais no Assentamento Canzanza, município de Moreno, Pernambuco. Especificamente, o que se pretende analisar é se as atividades agrícolas e não agrícolas favorecem a permanência desses jovens no meio rural.

De acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010 (Tabela 1), dos 191 milhões de brasileiros, apenas 29,8 milhões residem no meio rural, ou seja, 15,6% da população brasileira. Na região Nordeste, dos 53 milhões de habitantes, 14,2 milhões estão no meio rural, isto é, 26,8% da população desta região (IBGE, 2010), concentrando-se no Nordeste quase a metade da população rural do país.

Em Pernambuco, dos 8.796.448 milhões de habitantes do Estado (Tabela 1), 19,83% desta população vivem no meio rural. Em Moreno, são 56.696 mil habitantes, dos quais 11,46% moram na área rural deste município.

Tabela 1 – População residente total e rural no Brasil, Nordeste, Pernambuco e Moreno

População residente total e rural no Brasil, Nordeste, Pernambuco e Moreno		
População residente	Milhões	%
Total no Brasil	190.755.799	100
Total Rural no Brasil	29.821.150	15,63
Total no Nordeste	53.081.950	100
Total Rural no Nordeste	14.258.260	26,86
Total em Pernambuco	8.796.448	100
Total Rural em Pernambuco	1.744.407	19,83
População residente	Mil	%
Total em Moreno	56.696	100
Total Rural em Moreno	6.499	11,46

Fonte: Silva, M. H. (2014). IBGE, 2010. Adaptada.

No que se refere à população jovem, segundo dados do IBGE (2010), 51 milhões da população total do Brasil são jovens com idade entre 15 e 29 anos (26,9 %). Destes, 43 milhões (84,3%) residem no meio urbano e apenas oito milhões (15,79%) moram no meio rural, sendo quatro milhões de homens e 3,6 milhões de mulheres (IBGE, 2010). Em Pernambuco, a população de jovens é de 2,4 milhões (27,4%), sendo quase 2 milhões residentes no meio urbano (21,9% da população total do Estado) e 484 mil jovens no meio rural (5,50% da população total do Estado) (IBGE, 2010). Em Moreno (Tabela 2), são 15.682 jovens (27% da população total do município), sendo que 2.078 de jovens (3,66%) moram no meio rural.

Tabela 2 – População residente total por grupo de idade (15 a 29 anos) e situação de domicílio em Moreno – Pernambuco

População residente total por grupo de idade (15 a 29 anos) e situação de domicílio em Moreno – Pernambuco		
Moreno	Mil	%
População Total	56.696	100
População Total Rural	6.499	11,46
Total de Jovem	15.682	27,66
Total de Jovem Rural	2.078	3,66
Total de Jovem Urbana	13.604	23,99

Fonte: Silva, M. H. (2014). IBGE, 2010. Adaptada.

Ao definir juventude, Wanderley (2007, p. 22) considerou que o termo “corresponde a um momento no ciclo da vida, caracterizado como um período de transição entre a infância e a idade adulta.” Afirma a autora que essa categoria é “culturalmente determinada e que a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, sendo referida ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente, a uma faixa etária.” Aqui consideramos jovens os indivíduos que estão na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, de acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

A população de jovens no meio rural de Moreno vem decaindo nas últimas décadas. Ao se analisar os censos demográficos do IBGE no período de 1970 a 2010 (Tabela 3), verificou-se que, em 1970, a população de jovens rurais na faixa etária de 15

a 29 anos em Moreno era de 3.519 (11,28 % da população total); caindo para 2.205 em 1980 (6,31% da população total); seguindo decrescendo em 1991 para 2.132 (5,45% da população total). Já entre 1991 e 2000, ocorreu um ganho de 1.315 jovens no meio rural em Moreno, o que elevou o número dessa categoria rural do município para 3.447 jovens no ano 2000, ou seja, 7,01% da população total.

Tabela 3 – População residente por situação de domicílio e grupo de idade (15-29 anos) em Moreno (1970-2010)

População residente por situação de domicílio e grupo de idade (15-29 anos) em Moreno (1970-2010)			
Ano (década)	Total de jovens	Total de jovens urbanos	Total de jovens rurais
1970	8.118 (26,02%)	4.599 (14,74%)	3.519 (11,28%)
1980	9.756 (27,92%)	7.551 (21,61%)	2.205 (6,31%)
1991	11.590 (29,62%)	9.458 (24,17%)	2.132 (5,45%)
2000	14.836 (30,15%)	11.389 (23,15%)	3.447 (7,01%)
2010	15.682 (27,66%)	13.604 (23,99%)	2.078 (3,66%)

Fonte: Silva, M. H. (2014). IBGE, 2010. Adaptada.

O aumento da população rural jovem no período de 1991 a 2000 pode estar associado à implantação de assentamentos da reforma agrária no município de Moreno, pois em pesquisa exploratória realizada para este estudo, tais assentamentos foram fundados, em sua maioria, nos anos 1993, 1997 e 1999, segundo uma liderança do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), técnicos do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) e presidentes de associações locais. É o caso do Assentamento Canzanza, consolidado em 1999.

Entre os 12 assentamentos existentes em Moreno, Canzanza é o que possui, atualmente, uma maior quantidade de jovens desenvolvendo atividades agrícolas e não

agrícolas. Aspecto determinante para a escolha desse assentamento como *locus* desta pesquisa, como vamos ver detalhadamente mais adiante.

Em contrapartida, uma década mais tarde, em 2010, o número de jovens rurais volta a sofrer uma diminuição da ordem de 1.369 (3.35%) de jovens que deixam o meio rural (IBGE, 2010).

Pode-se presumir que se tal deslocamento da população jovem do meio rural de Moreno continuar decrescendo, a previsão é de que, nas próximas décadas, poderá ocorrer uma redução drástica dessa população, com repercussão no desenvolvimento local do município. Porque as relações de produção agrícolas e não agrícolas no meio rural e a comercialização destas mercadorias favorecem os circuitos curtos de produção e consumo.

Por outro lado, mesmo tendo a concorrência dos produtos agrícolas oriundos do Centro de Abastecimento e Logística de Pernambuco (Ceasa), vale ressaltar que o meio rural de Moreno contribui para a segurança alimentar¹ do município, através da comercialização dos produtos hortifrutícolas *in natura* e produtos beneficiados que são consumidos pela população local.

Recentemente, em 5 de agosto de 2013, a Presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, sancionou a Lei nº 12.852, que institui o *Estatuto da Juventude*, oficializando os direitos da juventude, e que serve de orientação para criação de políticas públicas, programas e ações voltadas a esse público (BRASIL, 2013).

Castro (2008, p. 117) lembra que somente em 2005 foram criados no Brasil a Secretaria Especial da Juventude e o Conselho Nacional de Juventude (CNPJ), enquanto que em outros países da América Latina já existiam essas instituições. Constata a autora um distanciamento entre juventude rural e urbana. Assim, diz ela, “os que são identificados como juventude rural são percebidos como uma população específica, uma minoria da população jovem do país.” Apenas 8 milhões de jovens, portanto, moram no meio rural. Em contrapartida, são 43 milhões residentes no meio urbano. Diz ainda essa autora que “apesar das difíceis condições de vida e produção apontadas pelos próprios

¹A segurança alimentar “consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis” (BRASIL, CONSEA, 2013).

jovens, um número importante vem reafirmando querer ficar no campo [...]” (CASTRO, 2008, p. 119).

Em relação à população rural, Veiga (2003, p. 65-66) nos informa que o Brasil é menos urbano do que se imagina, pois a metodologia oficial de cálculo do “grau de urbanização” usada para se caracterizar uma cidade como urbana está “anacrônica e obsoleta.” Ao utilizar o critério da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE), esse autor afirma que apenas 411 dos 5.507 municípios brasileiros existentes em 2000 seriam considerados urbanos. Mesmo assim, a população de jovens rurais é muito menor do que em relação à população de jovens urbanos, segundo Ipea/IBGE/Nesur-IE/Unicamp (1999 apud VEIGA, 2003, p. 65-66).

Seja como for, a diminuição da população jovem do meio rural de Moreno é um fato que pode estar associado ao declínio socioeconômico da monocultura da cana-de-açúcar no município, segundo informações obtidas na pesquisa exploratória realizada para este projeto, por meio de conversas com técnicos de instituições governamentais, representantes dos agricultores² e da Prefeitura de Moreno. Aspecto esse que pode ser observado nos dados da produção agrícola de Moreno, que apresentam a queda de 5.000 hectares de área plantada de cana-de-açúcar, em 2011 (IBGE, 2011).

Por outro lado, a proximidade de Moreno com a capital pernambucana, a especulação imobiliária, a oferta de empregos gerados na cidade vizinha de Vitória de Santo Antão, com a instalação de indústrias, como a Sadia, a geração de empregos no Porto de Suape, no Cabo de Santo Agostinho, a construção da Arena Pernambuco para a Copa do Mundo de 2014, em São Lourenço da Mata, municípios estes que fazem limite com Moreno, a falta da posse de terra por agricultores familiares, e a ausência de um local adequado para comercializar a produção agrícola, entre outros aspectos, podem estar relacionados à diminuição da população rural, particularmente a dos jovens do município de Moreno. Essa migração, portanto, pode estar relacionada diretamente com a geração de emprego e renda e com a autonomia financeira dos jovens rurais.

Segundo Johnson (1997, p. 148), a migração é o “movimento físico de indivíduos dentro e entre sistemas sociais, sendo importante pelos efeitos que produz

² Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Moreno (STR) e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

sobre as áreas que perdem migrantes, através de emigração e áreas que os recebem por imigração.” Afirma o autor, que a

migração constitui um componente relevante do crescimento demográfico e, historicamente, tem sido a principal causa da urbanização, além de afetar também de forma profunda a composição social de populações. Historicamente, o estudo sociológico dos padrões de migração tem se focalizado em ‘fatores de expulsão’ e em ‘fatores de atração’, ou seja, em condições sociais e de outros tipos que levam indivíduos a deixar uma área e ser atraídos por outra.

Menezes (2012, p. 21-22), discutindo sobre migrações e mobilidades, destaca trabalhos clássicos referentes ao tema em evidência, e aponta que esses estudos

Fundamentavam-se no paradigma histórico-estrutural, em que as migrações resultavam de fatores de expulsão e de atração, expressando transferências de populações de regiões ou setores econômicos considerados estagnados, arcaicos ou tradicionais para regiões modernas e/ou setores em desenvolvimento.

Dessa forma, as migrações campo-cidade continuam a acontecer no Brasil, tendo como justificativas os atrativos da vida urbana, como o trabalho remunerado (fatores de atração), sendo reforçadas pelas dificuldades para se viver e produzir no meio rural, funcionando como fatores de expulsão para os que vivem no campo (BRUMER, 2007).

Segundo Champagne (1986 apud BRUMER, 2007), a migração pode ser vista como uma negação dos filhos ao modo de vida dos pais, chamada de crise de identidade social desses jovens, que não têm interesse em suceder seus pais. Constatou ainda que os jovens, ao avaliar seu modo de vida no meio rural, fazem comparação com o urbano, chegando a ver a agricultura de forma negativa, pois o agricultor não goza de benefícios trabalhistas, como férias, fins de semana livres, e tem que se submeter a um desgaste físico na realização das atividades agrícolas, tendo, como resultado, rendimentos não fixos e instáveis. Mas, olhando pelo lado positivo, os jovens destacam fatores, como a autonomia do agricultor, que não tem que prestar contas a um chefe.

Castro (2004, p. 5) relata que os estudos das percepções sobre juventude rural se assemelham e evidenciam o destino da migração para a cidade e o “‘fim’ do mundo rural” e das atividades agrícolas familiares. Mas também vê na juventude a possibilidade de um agente da transformação social, capaz de resgatar os valores do mundo rural.

Estudando a juventude rural e as políticas de extensão rural do Instituto Agrônômico de Pernambuco (IPA) para esse público jovem aqui do Estado, Silva (2011, p. 5) afirma que “a fragilidade e a precariedade dos bens e serviços básicos no meio rural contribuem para o deslocamento da população local.” E que “os jovens continuam migrando, não mais devido aos atrativos das cidades, mas devido à falta de oportunidades no meio em que estão inseridos, sendo impulsionados a deixarem o meio rural.”

Brumer (2007), em revisão de literatura sobre a problemática dos jovens rurais, analisa e relata que nos últimos 15 anos cresceu o número de estudos sobre juventude, devido às reivindicações dos jovens por maior visibilidade e formulação de políticas públicas.

Os estudos de Brumer (2007, p. 41,50) relatam que os conhecimentos sobre as tendências migratórias e a visão dos jovens rurais sobre a atividade agrícola têm avançado. Desta forma, “parece importante a inversão da questão, procurando examinar as condições que favorecem sua permanência,” pesquisando sobre “por que os jovens permanecem no meio rural?” Ao invés de “por que os jovens saem do meio rural?” É fundamental analisar nas várias regiões do Brasil “o modo de vida, as relações sociais, as condições estruturais, as oportunidades de lazer e acesso às atividades agrícolas e não agrícolas, para jovens de ambos os sexos.”

As sugestões de Brumer (2007), para pesquisa com juventude rural, fundamentam-se nos dados sobre as atividades econômicas agrícolas e não agrícolas, levando em conta que “das 15 milhões de pessoas economicamente ativas no meio rural brasileiro, 4,6 milhões estão ocupadas em atividades não agrícolas,” segundo Graziano da Silva (2000 apud CARNEIRO, 2004, p. 26).

Carneiro (2004) traz como exemplo o Estado do Rio de Janeiro, que já possui um maior percentual da população rural engajada em atividades não agrícolas do que em atividades agrícolas.

Nessa perspectiva, Carneiro (2004, p. 26,28) destaca a grandeza que vem tomando as fontes de renda não agrícolas em muitos países e aponta que “a combinação da agricultura com atividades de pedreiro ou servente de obras é muito comum e atrai, sobretudo, a camada mais jovem de agricultores [...]” Neste sentido, a autora informa que “na América Latina, o rural não agrícola já ocupa entre 20% e 30% da população.”

Sendo essas atividades “contratadas em forma de empreitada, o que confere uma certa flexibilidade no tempo de trabalho, permitindo gerenciar com maior facilidade a combinação com a atividade agrícola.”

Por sua vez, relacionando as dificuldades de ordem econômica e social com que se deparam a juventude rural e seus anseios, Carneiro (2007, p. 61) enfatiza que “permanecer no campo exige pensar em alternativas não agrícolas, tanto para moças, quanto para rapazes ou, ao menos, em um modo de fazer agricultura diferente da realizada por seus pais.”

A formulação desta questão implica, de acordo com Brumer (2007, p. 50), conhecer a ocupação dos jovens em “atividades agrícolas ou não agrícolas, assim como as condições de vida e trabalho no meio rural.”

Essa autora (2007, p. 39) pôde constatar nas pesquisas de campo com jovens, filhos de agricultores familiares do Sul do Brasil, que suas reivindicações estão relacionadas ao “acesso a uma renda própria, cujos recursos eles possam decidir como utilizar” e ainda ter “autonomia em relação aos pais.” A ausência de renda e autonomia tem efeitos diferentes para rapazes e moças, isso devido ao processo de socialização que eles passam no decorrer de suas vidas.

Corroborando na questão de pesquisa sobre os jovens que ficam no meio rural, os dados levantados em assentamentos pela Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pnera) evidenciam que, no caso do assentamento pesquisado por Castro (2009, p.192), na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, pode ser tomado como regra geral no Brasil. Pois, depois de 15 anos de existência do assentamento estudado pela autora, as famílias e, conseqüentemente, os jovens, “continuam sem acesso aos direitos básicos de saúde, educação, transporte público, equipamentos públicos de lazer e condições de produção e comercialização de seus produtos.” Entretanto, diante das “difíceis condições de vida e produção apontadas pelos próprios jovens, um número importante afirmou que deseja ficar no assentamento.”

Nessa mesma direção, Wanderley (2007, p. 26) afirma que do conjunto de 615 jovens rurais estudados nos municípios pernambucanos de Glória do Goitá, Orobó e Ibimirim, 280 (45,5%) declararam que têm “o desejo de permanecer na área rural,” como escolha do lugar onde pretendem viver ao atingir a idade adulta. Um “grande problema é que são mais numerosos os jovens que não acreditam poder realizar seus

projetos em sua comunidade (26-42,6%) do que aqueles que têm a convicção inversa (160-26,0%).”

Dentre as razões para a permanência do jovem no meio rural, uma das mais importantes está relacionada à questão da “sucessão geracional dos estabelecimentos agropecuários familiares,” visto que a sucessão geracional é “de grande importância, não apenas para os membros da família diretamente envolvidos, mas para a reprodução dessas unidades de produção ao longo do tempo” (BRUMER, 2007, p. 42).

Assim, Brumer chama atenção para a importância de se realizar “novos estudos sobre os fatores que atraem os jovens para a atividade agrícola e para a vida no meio rural.” E assim se poder avançar nas pesquisas que enfocam a migração desses jovens.

Nesse contexto, de ausência de direitos sociais básicos, renda e autonomia no cenário de vida do jovem rural, o desenvolvimento local pode ser uma alternativa, pois de acordo com Franco (2000, p.31)

é um modo de promover o desenvolvimento que leva em conta o papel de todos esses fatores (econômico, social, cultural, ambiental e físico-territorial; político-institucional e científico-tecnológico) para tornar dinâmicas potencialidades que podem ser identificadas quando olhamos para uma unidade socioterritorial delimitada.

Essa perspectiva de desenvolvimento local é também abordada por JESUS (2003, p. 72), ao afirmar que o desenvolvimento local funciona “como um processo que mobiliza pessoas e instituições, buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidades de trabalho e renda, e superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local”. Além de exigir, segundo Jesus (2003, p. 72), o uso dos recursos e valores locais, com a participação de atores locais e orientação institucional, tendo como produto final benefícios para a comunidade no todo, o que envolve os recursos naturais.

E, ainda, traçando um marco conceitual para o desenvolvimento local, Albuquerque (2010, p. 214) nos informa que

Quando falamos em desenvolvimento local nos referimos não só ao desenvolvimento econômico, mas também ao desenvolvimento social e sustentável ambientalmente. Por isso, é preciso realizar investimentos em capital humano, social e natural, além daqueles correspondentes ao capital econômico e financeiro.

Neste sentido, Tauk Santos (2000 apud SARAIVA 2008, p.28) diz que o desenvolvimento local “é compreendido como processo, em que, a partir da mobilização de potencialidades endógenas, da articulação dos atores sociais entre si, é possível criar oportunidades de crescimento para a população num esforço de ‘concertação’ no nível local.”

Oliveira (2001, p. 13) afirma que o desenvolvimento local “[...] comporta tantas quantas sejam as dimensões em que se exerce a cidadania.

E Albuquerque (2010, p. 216), relatando sobre a importância da estratégia do desenvolvimento local no Brasil, evidencia que

as autoridades locais são agentes importantes nos processos de desenvolvimento local. Muitas vezes são os líderes principais dessas iniciativas, ao impulsionar em seus territórios a mobilização e a articulação de atores para o desenvolvimento econômico e a criação de emprego. Em outras ocasiões, são atores diferentes (organismos de cooperação internacional, organizações não governamentais, entidades financeiras de desenvolvimento, jovens empresários, entre outros) que iniciam os processos de desenvolvimento local, embora logo a seguir seja necessária a incorporação ativa dos governos locais, que podem conferir a essas iniciativas algum caráter institucional.

Apesar dos estudos realizados sobre o desenvolvimento local nessas últimas décadas, o avanço das pesquisas sobre juventude rural está concentrado na temática das tendências migratórias e na opinião dos jovens sobre as atividades agrícolas, (BRUMER, 2007). Somam-se a esses estudos os esforços do Governo federal para estabelecer políticas públicas que visam a permanência do jovem no meio rural, a exemplo do Programa Nossa Primeira Terra (NPT), uma das três linhas de financiamento do³ Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), criado em 2003. A finalidade do NPT é incentivar e promover a participação e o empoderamento dos jovens rurais e a sucessão no campo (Informativo do PNCF).

³ O PNCF é uma política complementar à reforma agrária, pois permite o financiamento de terras que não podem ser desapropriadas. Esse financiamento tem origem nos recursos do fundo de terras e da Reforma Agrária e do orçamento da União, implantado em todo o país. Para executar o PNCF, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, através da Secretaria de Reordenamento Agrário, delega tal função aos governos estaduais (PNCF, 2003).

Essas constatações reforçam a importância de se estudar os jovens rurais de Moreno e sua permanência no campo, sem perder de vista as barreiras apontadas por Brumer (2007, p. 38) à inserção dos jovens na agricultura. São elas:

Barreiras concretas à inserção dos jovens na agricultura, tais como a falta de acesso à terra (seja pela exclusão na herança da propriedade familiar, pela posse de uma área de tamanho insuficiente para sua reprodução ou pela inviabilidade de uma exploração agrícola familiar calcada em parceria ou arrendamento) e, como dizem alguns jovens, a falta de incentivos para a agricultura.

Castro (2004, p. 5) chama atenção também no sentido de que os esforços individuais e coletivos não são suficientes para promover a permanência do jovem no meio rural, e destaca que “[...] alguns programas sociais visam ‘manter o jovem no campo’ e ‘empoderá-los’ de capacidade de liderança.” Mas vários estudos mostram que “a mudança dessa realidade está muito além de esforços individuais – demanda ações coletivas e mudanças mais profundas na realidade brasileira.”

No município de Moreno, a categoria jovem rural apresentou na última década, como já assinalado, uma perda populacional, aspecto que pode ser um indicador preocupante em relação à sucessão geracional na agricultura familiar, esvaziamento do campo, e insuficiência na produção de alimentos para a população local. Assim, respaldado na perspectiva do desenvolvimento local em Moreno, é de se perguntar: Como as atividades agrícolas e não agrícolas têm favorecido a permanência dos jovens no Assentamento Canzanza e qual a noção que esses jovens têm sobre o desenvolvimento local enquanto estratégia coletiva para a permanência deles no meio rural do município?

O processo de investigação

Com o intuito de se inteirar do contexto atual do meio rural no município de Moreno e obter subsídios que justificassem este estudo, foi realizada uma pesquisa exploratória. Conversamos com representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Moreno, da Prefeitura Municipal de Moreno (Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico) e do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA) sobre o número dos assentamentos no município; o percentual aproximado de jovens nesses

assentamentos, em que e onde esses jovens trabalham; e a ocorrência e as causas da migração da juventude local.

Foi observado nas falas dos gestores e lideranças que a maioria dos habitantes que saem do meio rural de Moreno para as cidades em busca de trabalho é formada por jovens rurais. Em contrapartida, há um pequeno percentual deles que optaram por permanecer no meio rural, desenvolvendo atividades agrícolas e não agrícolas, na intenção de obter renda e autonomia.

Dando continuidade à pesquisa exploratória no Setor de Documentação e Disseminação de Informações do IBGE, se buscou dados de censos demográficos e informações de como acessar o banco de dados (Sidra), disponível no *site* do IBGE. Consequentemente, se obteve dados demográficos sobre os habitantes de Moreno, dando ênfase à população rural deste município, com um recorte para os jovens na faixa etária de 15 a 29 anos, por situação de domicílio e sexo, durante as décadas de 1970 a 2010.

Igualmente, realizou-se um levantamento na Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco, Fidem, sobre o município de Moreno, para averiguar informações relativas aos aspectos geográficos, econômicos, sociais, destacando o meio rural e sua população.

Nesse contexto, é importante destacar que o autor desta pesquisa já havia realizado um estudo no meio rural do município de Moreno, sobre a “Caracterização de propriedades e produtores rurais do município de Moreno – PE” (SILVA, M. H. 2005), para conclusão do curso de graduação em Zootecnia, em 2005. Vale lembrar que o Assentamento Canzanza não foi incluído nesse estudo.

Tomamos conhecimento do Assentamento Canzanza através da realização de visitas a cinco assentamentos de Moreno (Jardim, Herbert de Souza, Laranjeira I e II, Jussara I). Essa foi minha primeira aproximação com Canzanza para escolha do lócus desta pesquisa, embora já conhecesse outros assentamentos e propriedades de agricultura familiar desse município.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi escolhido, entre os 12 do município de Moreno, o Assentamento Canzanza, de acordo com os seguintes critérios estabelecidos nesta pesquisa:

I – Um assentamento que apresentasse uma maior população de jovens residentes;

II – Que o assentamento contasse com jovens que desenvolvem atividades agrícolas e/ou não agrícolas, mesmo que as atividades não agrícolas sejam realizadas em uma área urbana e/ou em outro município.

Diante desse cenário e lembrando que o objetivo desta pesquisa são os jovens que permaneceram no Assentamento Canzanza, foram construídos alguns critérios para escolha dos jovens, protagonistas desta pesquisa:

I – Jovens de ambos os sexos, na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, que tivessem residência fixa no Assentamento Canzanza;

II – Jovens que desenvolvessem atividades agrícolas ou não agrícolas, no campo ou na cidade, com autonomia financeira ou não.

Seriam considerados, como tendo residência fixa no meio rural, casos em que os jovens passassem a semana trabalhando no meio urbano, até em outro município, mas dormissem diariamente ou nos finais de semana nas suas casas no meio rural.

A amostra da pesquisa foi composta ao todo por 17 entrevistados, sendo 15 jovens (11 rapazes e 4 moças), e 2 agricultores, o presidente da associação de Canzanza e um agricultor conhecedor da história de lutas e conquistas do Assentamento Canzanza.

Devido à população de jovens de Canzanza ser em sua maioria de rapazes, e estes serem mais disponíveis a conceder a entrevista, é que foi, nesta pesquisa, incluído um maior número de rapazes do que de moças. Entretanto, a proposta inicial era ter uma divisão igualitária por sexo dos jovens entrevistados, como foi previsto ainda no projeto da dissertação.

Na intenção de se apropriar da temática da juventude rural, no decorrer da pesquisa, participamos de dois eventos sobre juventude. Um foi o *1º Seminário O Estatuto é Nosso*, realizado no município de Carpina (PE), no dia 3 de outubro de 2013, tendo como público, jovens do meio rural e urbano, de diversas cidades, das várias regiões de Pernambuco, sendo, a maioria deles, representantes de Casas de Juventude. A pauta desse seminário incluiu questões referentes ao Estatuto da Juventude, as ações e o orçamento da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e o Fórum das Juventudes de Pernambuco (Fojupe).

O segundo evento foi o 3º Congresso Nacional da Juventude Camponesa, que ocorreu no Recife, no período de 14 a 19 de janeiro de 2014, promovido pela Pastoral da Juventude Rural, momento em que foram debatidos, com os jovens do meio rural de todo o Brasil, assuntos relacionados ao acesso à terra, a políticas públicas voltadas à juventude rural, à história dos 30 anos da Pastoral da Juventude Rural, entre outros temas.

Esta pesquisa se configura como um estudo de caso e tem um caráter qualitativo. O estudo de caso é definido por Yin (2005, p. 32) como “uma investigação empírica que busca um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.”

Enriquecendo o conceito de estudo de caso, a partir da caracterização de tipos de delineamento, Gil (2009, p. 6) informa que o estudo de caso “pode ser considerado um delineamento em que são utilizados diversos métodos ou técnicas de coleta de dados, por exemplo, a observação, a entrevista e a análise de documentos.”

O autor ainda lembra que o estudo de caso “se vale tanto da observação e da interrogação, quanto da documentação para coleta de dados” (GIL, 2009, p. 10).

A pesquisa de caráter qualitativo, segundo Minayo (1999, p. 21-22), é aquela que “se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado,” buscando trabalhar com “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Afirma, ainda, que esse “conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõe [...] se complementa, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (MINAYO, 1999, p. 22).

Para coleta de informações, se utilizou um conjunto de técnicas combinadas, como entrevistas semiestruturadas, análise documental, pesquisa bibliográfica e vivência no Assentamento Canzanza, por um período de nove dias consecutivos. Para realização dos primeiros contatos com os agricultores(as) de Canzanza e participação nas reuniões da associação do assentamento, foram utilizados dois dias de visita.

Para nos apropriarmos melhor da vida da associação do Assentamento Canzanza, foram examinados os livros de atas das assembleias gerais, sendo observado o registro de fatos importantes, como a fundação da associação, aprovação do estatuto

social da associação e eleição de posse da primeira diretoria e conselho fiscal, em 30/5/1999 (*Livro de ata da associação*, p. 1-4). O fato principal que chamou a nossa atenção nas atas de assembleias gerais da Associação foi a não referência à presença de jovens nas reuniões.

A vivência no Assentamento Canzanza ocorreu nos períodos de 22 a 25/1/2014 e 29/1 a 2/2/2014 (apêndice E), onde tivemos a oportunidade de conviver com famílias e jovens do assentamento, acompanhando e observando suas atividades agrícolas, o cotidiano dessas pessoas, como se relacionam, produzem, se organizam em associação, como comercializam seus produtos, suas formas de lazer e suas crenças religiosas.

Convivemos mais diretamente com uma das 66 famílias existentes em Canzanza, a qual gentilmente nos permitiu fazer as três refeições diárias em sua casa, por todo o período em que estivemos no assentamento. O presidente da associação local consentiu que, durante minha estada no assentamento, pudéssemos dormir na sede da associação.

Como infraestrutura, a sede da associação possui um salão de reunião, dois sanitários e uma pequena cozinha. Possui energia elétrica e água encanada, em uma torneira externa. A associação é um pouco distante da casa onde fazíamos as refeições.

Durante todo o dia, nos ocupávamos em visitar as famílias em suas parcelas e a encontrar jovens que se disponibilizaram a conceder entrevista. Nesse meio tempo, aproveitávamos para conhecer as áreas produtivas e conversar um pouco com os que ali se encontrassem.

Na primeira semana em Canzanza, foi mais difícil encontrar os jovens, pois estávamos conhecendo e nos tornando conhecidos entre os moradores do local. Na segunda, essa dificuldade foi superada, chegando a ponto de alguns jovens nos procurarem, se oferecendo para entrevista.

Das quinze entrevistas, seis foram realizadas à noite, em virtude de muitos jovens estarem ocupados em suas atividades agrícolas, não agrícolas e domésticas.

Quando não estávamos fazendo as entrevistas com os jovens, procurávamos acompanhar as suas atividades agrícolas. Fomos várias vezes até o corte da cana, pois, nesse período, estava acontecendo a colheita da cana-de-açúcar, momento em que pudemos observar os jovens na atividade de ajuntar a cana na ocasião em que a mão mecânica faz o trabalho de colocá-la nos caminhões. Alguns desses caminhões são dirigidos por jovens da comunidade.

Também acompanhávamos os jovens com os pais na colheita de macaxeira para comercialização no dia seguinte. Atividade esta realizada algumas vezes no início da noite, quando da feira livre de Moreno, onde são comercializados outros produtos agrícolas.

No decorrer das entrevistas, houve três casos em que o pai ficou acompanhando e, em alguns momentos, opinou. Mas não comprometeu o desenrolar da entrevista. Em outro caso, houve a intromissão de um senhor que estava embriagado, no momento da entrevista com um jovem, sendo necessário retomá-la posteriormente. Outro caso foi quando o pai e o irmão de um jovem entrevistado expuseram a insatisfação com o resultado financeiro na exploração da cana-de-açúcar, entrevista retomada também em outra oportunidade.

As entrevistas foram realizadas em diferentes locais, de acordo com a disponibilidade do entrevistado, sendo a maioria delas feita no interior de suas residências ou na área externa, embaixo de uma árvore. Algumas foram realizadas na associação, na igreja evangélica e no local de trabalho do jovem.

Gil (2009, p. 63) define entrevista como “uma técnica eficiente para obtenção de dados em profundidade acerca dos mais diversos aspectos da vida social.” Reforça o autor, afirmando que a entrevista, “quando bem conduzida, possibilita o esclarecimento até mesmo de fatores inconscientes que determinam o comportamento humano.”

Antes de conversar com os jovens, fazíamos uma apresentação pessoal e descrevíamos o objetivo da pesquisa em Canzanza, pedindo permissão para gravar as falas do entrevistado. Tudo foi registrado e esclarecido, através da leitura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice D), em que ficava claro que a participação do jovem na pesquisa é voluntária e que sua identidade seria mantida em sigilo.

Assim, com o consentimento dos jovens, ambos assinávamos o Termo, em duas vias, ficando uma cópia com o jovem e outra, conosco.

No intuito de preservar a identidade dos entrevistados, foram usados nesta pesquisa nomes fictícios, para identificá-los. Foram utilizados nomes bíblicos, espécie de homenagem aos jovens que, em sua maioria, são evangélicos e tinham uma estima por tais personagens (apêndice F).

A média de tempo de cada conversa foi de 28,5 minutos, sendo a menor com 14 minutos, e a maior, com 58 minutos, resultando um total de sete horas gravadas de entrevista. Somando-se com as entrevistas realizadas com o presidente da associação e o agricultor, o total geral do registro foi de 8,7 horas (apêndice E).

Fazer uso da gravação da entrevista ao invés de tomar notas foi levado em consideração, pois durante o processo de coleta de informação, “a tomada de notas dificulta a plena interação com o entrevistado [...]” e ainda a gravação possibilita “[...] captar as falas do entrevistado em suas múltiplas dimensões e proceder à verificação do que realmente foi dito durante a entrevista” (GIL, 2009, p. 67).

Destacando ainda a importância da entrevista para um estudo de caso, Sellitz et al (1965 apud GIL, 2009, p. 63) ressaltam que a entrevista “é adequada para se obter informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem, ou desejam, pretendem fazer, ou fizeram, bem como sobre as explicações ou razões acerca das coisas precedentes.”

Para a entrevista com os jovens, utilizamos um roteiro semiestruturado (apêndice A), com tópicos relacionados à pergunta formulada para esta pesquisa, mas abertos à inclusão de novas perguntas no decorrer da condução da conversa. Da mesma forma, também, utilizamos um roteiro de entrevista semiestruturado (apêndices B e C), com perguntas específicas para entrevistar o presidente da associação de Canzanza e o agricultor que sabe a história do Assentamento.

Considerando o uso de termos incomuns no cotidiano do público pesquisado, Paulo (2011, p. 47), em pesquisa realizada para sua tese de doutorado sobre as construções identitárias de jovens rurais no município de Orobó-PE, identificou que “jovem rural” não era um termo receptivo, no sentido de uso local, o que não ocorria ao usar o termo “rapaz” para o jovem do sexo masculino solteiro, “moça” para as jovens solteiras que não são mães e “jovens casadas” para moças casadas, “já que naquele universo não se classifica como moça uma mulher casada.” Neste sentido, na realização das entrevistas, ficamos atentos a essa observação e se percebeu que alguns termos, como “permanência” e “modo de vida”, não eram compreendidos facilmente. Assim, procurávamos usar palavras sinônimas que facilitassem a compreensão da pergunta pelo entrevistado.

Em um caso, duas jovens, que concordaram em ser entrevistadas, demonstraram estar um pouco apreensivas e temerosas. Então, fizemos essas entrevistas com elas duas juntas, para que ficassem mais à vontade.

Este estudo sobre a permanência da juventude no Assentamento Canzanza está dividido em três capítulos:

No primeiro, são abordados os aspectos que envolvem a juventude rural e o desenvolvimento local, destacando os temas das atividades agrícolas e não agrícolas, como fator que pode favorecer a permanência dos jovens no meio rural.

A apresentação do município de Moreno e do Assentamento Canzanza é realizada no segundo capítulo, a partir de uma descrição dos aspectos sociais, econômicos, políticos, ambientais e culturais, relacionados com a temática da permanência da juventude em Canzanza.

No terceiro capítulo é apresentada a juventude do Assentamento Canzanza na perspectiva do desenvolvimento local do município de Moreno, onde são analisadas as características das atividades profissionais e renda; a permanência no meio rural; as políticas públicas para a juventude rural e suas pretensões futuras, tendo a preocupação de observar os fatos que favorecem a permanência dos jovens em Canzanza.

Finalmente, nas conclusões, sintetizamos os aspectos e situações que favorecem a permanência de jovens no Assentamento Canzanza.

CAPÍTULO 1

JUVENTUDE RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

A literatura acadêmica sobre juventude rural no Brasil era incipiente até meados de 2007. Castro (2009, p. 46) revela que “até o ano de 2007, o levantamento identificou 197 obras relativas ao tema.” Entretanto, desde 2000, houve um crescimento dessa produção, chegando-se a uma média de 22 trabalhos por ano (CASTRO, 2009).

Referindo-se à produção de teses e dissertações no país sobre a temática da juventude rural, Castro (2009, p. 49) informa ainda que até 1999 essa produção se limitava a um ou dois estudos por ano.

Mas esse quadro mudou, pois, segundo essa autora, “[...] o considerável número de dissertações de mestrado e artigos sobre a juventude rural sugere o movimento de consolidação de um campo de pesquisa, sobretudo a partir do ano 2000” (CASTRO, 2009, p. 49).

Essa realidade pode ser observada no programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Entre 2010 e 2012, sete dissertações de mestrado foram concluídas, abordando o tema juventude rural, sob diversos aspectos e em diferentes lugares, enfatizando, sobretudo, o papel da juventude no desenvolvimento local.

Lira (2012), por exemplo, pesquisou a Reconfiguração identitária de jovens rurais, como estratégia de inclusão social; Bernardo (2012) buscou estudar o Capital humano e a juventude rural na criação e produção da moda-vestuário para o desenvolvimento local de Surubim-Pernambuco; Silva, (2011) foca sua pesquisa na Juventude rural e políticas de extensão rural do Instituto Agrônomo de Pernambuco; Pires (2011) analisa as mudanças ocorridas nas atitudes e visão de mundo dos jovens Agentes Promotores da Agroecologia (APAs), a partir da ação de extensão rural desenvolvida pela ONG Caatinga, no Sertão do Araripe; Lima (2011) se ocupa em estudar as redes sociais, juventude rural e desenvolvimento local; Soares (2011) pesquisa sobre A inserção de jovens rurais na economia solidária sob a perspectiva do desenvolvimento local; e Silva, (2010) investiga sobre A voz e a vez dos jovens na

Bacia do Goitá: arte, cultura, folkcomunicação e desenvolvimento local na experiência do projeto sanfona cultural em Pombos-PE.

Essas dissertações tiveram como local da pesquisa três regiões fisiográficas do Estado de Pernambuco, sendo três desenvolvidas no Sertão (Petrolândia e Ouricuri), uma no Agreste (Surubim), duas na Mata Norte (Pombos e Glória do Goitá). Apenas uma delas foi desenvolvida no Estado do Ceará, na região semiárida do Cariri Cearense (Nova Olinda).

No Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE também se observou a produção acadêmica sobre juventude rural. É importante citar a pesquisa de doutoramento de Assunção Paulo (2010), na qual a autora estudou as construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano no município de Orobó, Pernambuco. Estudo que foi transformado no livro *Juventude rural: suas construções identitárias*.

É importante destacar que o Nordeste está entre as três regiões que mais apresentaram publicações e produção acadêmica no país sobre juventude rural, ficando em terceira colocação com 18,09%, sendo superado na produção bibliográfica, apenas pelas regiões Sudeste, com 48,40%, e Sul, com 23,40% (CASTRO, 2009, p. 50).

Na produção acadêmica sobre juventude rural consultada, convém se deter sobre alguns desses estudos, como referência teórica da nossa pesquisa. Silva, (2011, p. 57), ao estudar as políticas públicas de extensão rural do IPA para juventude rural na comunidade Brejinho da Serra, município de Petrolândia, destaca que os jovens entrevistados trabalham com a criação de peixes em tanques-redes, com o intuito de obter “uma renda própria, independente dos pais,” o que possibilita a esses jovens “se manterem na comunidade com uma melhor condição de vida.”

Os jovens em seus depoimentos deixam claro, segundo Silva, (2011), a sua opção e interesse em participar da Associação dos Criadores de Peixes da Serra, pois nela podem conseguir renda em curto espaço de tempo, visto que essa atividade pesqueira pode ter resultados financeiros relativamente rápidos. Silva, (2011, p. 59) percebeu ainda que um dos itens que favorecem a migração dos jovens rurais é o fator educacional, pois o meio rural, segundo ele, não oferece a oportunidade para esses jovens realizarem um curso profissionalizante, tampouco uma formação na área de informática e sequer a conclusão do ensino médio.

Existe ainda a dificuldade de conciliar o trabalho com o estudo na cidade, pois jovens rurais entrevistados por ele dependem de transporte público no horário noturno, período que têm disponível para ir à escola. Nesse horário, porém, a Prefeitura local não disponibiliza ônibus escolar. Assim, os que conseguem concluir o ensino médio e pretendem continuar os estudos se veem pressionados pela “decisão de ficar ou sair da comunidade,” embora não tenham o desejo de sair.

Diante de tantas dificuldades a que o jovem rural é submetido, há um desestímulo visível, segundo ainda esse autor, provocado pela falta de políticas públicas para uma educação contextualizada no campo, onde esses jovens veem a escola “descontextualizada com a realidade em que estão inseridos” (SILVA, 2011, p. 60).

Ainda, segundo Silva, (2011), os jovens rurais, do sexo masculino, em relação às atividades produtivas desempenhadas em sua comunidade, afirmaram que ajudam seus pais nas atividades agropecuárias (criação de animais e plantios de milho, feijão e mandioca). A renda da venda dos produtos, porém, fica com os pais. As jovens se ocupam das atividades domésticas, ajudando a mãe. Assim, no intuito de ter sua autonomia financeira, alguns jovens do sexo masculino, além de ajudar os pais, também desenvolvem atividades na associação local, uma vez que a quantia que recebem dos pais, por ajudarem nas atividades agropecuárias, é pequena, podendo ser comparada a uma mesada (SILVA, 2011).

O acesso às atividades não agrícolas pelos jovens da comunidade, estudada por Silva, (2011), não é fácil, pois esses jovens viajam à procura de trabalho na construção civil, na maioria dos casos, juntamente com os seus pais. Em depoimento, um jovem que já saiu para trabalhar fora da comunidade “como técnico de eletrônica e montador de móveis e artefatos” conta que o “trabalho é extremamente cansativo e o salário não dava para se manter na cidade” (SILVA, 2011, p. 61).

Esse autor verificou ainda que apesar de haver um significativo número de jovens rurais inseridos nas atividades de extensão do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), “não está havendo trabalhos específicos com a juventude,” assim o autor chama a atenção para o não cumprimento das diretrizes da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Pnater), na promoção de atividades específicas para esse público jovem, pois mesmo apresentando limitações, a Pnater “ressalta a importância de atividades específicas com a juventude rural” (SILVA, 2011, p. 65).

Esses achados da pesquisa de Silva, (2011) são aqui importantes, na medida em que o estudo exploratório realizado para esta dissertação já dava sinais de existirem pontos comuns entre as juventudes estudadas, apesar das distinções, entre aquela pesquisa e está, em termos dos objetivos estabelecidos. Essas aproximações serão observadas em capítulo posterior.

Outro estudo de referência para este trabalho foi analisado por Carneiro (2004), quando enfatiza a importância das atividades não agrícolas para o desenvolvimento do meio rural, a partir de uma pesquisa realizada em Nova Friburgo (RJ), nos anos de 1997 e 1998. O resultado revelou que 62%, das 60 unidades familiares pesquisadas, combinavam as atividades da agricultura com outras atividades não agrícolas (pluriativas), e 28% das famílias sobreviviam apenas da renda obtida com a agricultura, sendo essa categoria (monoativa) a que apresenta pior situação econômica, com uma diferença de 2,25 salários-mínimos a menos que as pluriativas, e um desestímulo em permanecer apenas na atividade agropecuária (CARNEIRO, 2004 apud TEIXEIRA, 1998).

Quatro anos depois, em 2002, outra pesquisa realizada no mesmo local, com 40 famílias, constatou que, segundo ela, 75% dessas famílias combinam as atividades da agricultura com prestação de serviços de jardineiro, caseiro, pedreiro, confecção doméstica e emprego assalariado, configurando-se como pluriativas (CARNEIRO, 2004, p. 27).

Para Carneiro, ainda, a atitude das famílias agricultoras de recorrerem às atividades não agrícolas “reforçaria um projeto de permanência na atividade agrícola e no campo, além de viabilizar investimentos na atividade agrícola e o conforto familiar.”

Neste sentido, o autor (2004, p. 29), fazendo alusão a um projeto de vida urbano, chama atenção para o caso dos jovens rurais, que um tempo atrás tinham os centros urbanos como única alternativa de encontrar um trabalho, porém nos dias atuais as atividades não agrícolas, como as oriundas do turismo rural e as demandas dos novos residentes do meio rural, têm estimulado a permanência dos jovens na região de Nova Friburgo (RJ).

Carneiro (2004, p. 29) chama atenção ainda para as dificuldades a que um jovem do meio rural está sujeito a enfrentar ao buscar no centro urbano uma opção de melhoria de vida, pois na maioria das vezes se depara com “qualificação profissional e nível

educacional normalmente mais baixos do que os da cidade, a ausência de uma rede de parentela de apoio, a obrigação de pagar caro pela moradia, pelo transporte e pela alimentação.” Entretanto, diz ela, que está acontecendo um despertar provocado pelo fator econômico e social nessa categoria que “tem levado alguns jovens rurais a ‘descobrir’ que podem ter um padrão de vida bem mais satisfatório no campo, onde contam com um conjunto de facilidades inexistentes na cidade, sobretudo moradia e alimentação.”

Assim, Carneiro defende que a valorização e idealização da vida rural pelos moradores da cidade parecem ajudar o jovem rural a se conscientizar de que pode ter uma vida digna em seu local de origem, pois “as novas alternativas de trabalho no campo é um projeto que surge em função da perspectiva de estreitamento de laços com a cidade, favorecido pelas facilidades dos meios de comunicação.”

Carneiro (2004, p. 31), em seu estudo nos distritos de Lumiar e São Pedro da Serra (Nova Friburgo – RJ), pôde perceber que, apesar de não ser uma regra geral, é possível encontrar jovens, filhos de agricultores, motivados a permanecer, residindo no meio rural e desenvolvendo atividade agrícola, “sobretudo aqueles que apresentam melhores condições de reprodução social.” Assim, eles optam pela “‘liberdade’ que expressa a autonomia de viver por ‘conta própria’, ao ‘ar livre’ e, principalmente, de não ter patrão.”

Em relação às moças que permanecem no meio rural na região pesquisada por Carneiro (2004, p. 31), elas têm como alternativa de trabalho assalariado as pousadas e “residências secundárias” e confecção em suas casas. Essas atividades não agrícolas permitem que as jovens, diz a autora, “se estabeleçam no futuro, de maneira independente do marido, evitando reproduzir a situação de subordinação e desgaste físico vivenciados por suas mães.”

Mesmo com essas novas atividades que favorecem a permanência das jovens no meio rural, existe, segundo Carneiro, uma maior tendência de migração por parte das moças do que dos jovens para os centros urbanos. Aspecto “que leva a confirmar a tendência à masculinização do campo já observada em algumas regiões do Brasil.” Carneiro (2004, p. 32) verificou também, em seu estudo, que diante do aumento das oportunidades de trabalho em atividades não agrícolas nesses distritos, ainda vem ocorrendo a migração rural-urbana, mesmo que prevaleça o desejo dos jovens e adultos

de permanecer no meio rural. Nesse sentido, a autora afirma que “a agricultura vem perdendo, cada vez mais, espaço, como fonte de renda e de inserção social das famílias nativas, dando lugar às atividades não agrícolas.”

Outra situação observada por Carneiro (2004, p. 32-33) diz respeito à mobilidade dos jovens entre o rural e o urbano, por meio da aquisição de moto, compradas pelo esforço do trabalho deles. Essa mobilidade para a autora poderá interferir na identidade da juventude rural e no processo de sucessão no campo. Diz ela: os jovens “tendem a rejeitar a profissão do pai, criando uma grave crise no processo de escolha de um sucessor para o pai agricultor.”

Esses aspectos abordados, tanto por Silva, (2011), quanto por Carneiro (2004), serão retomados como referência na análise dos jovens do Assentamento Canzanza, buscando-se as aproximações e refrações dos achados desses autores com as informações fornecidas pelos jovens rurais do local aqui estudado. Acrescenta-se a essa referência teórica a concepção de desenvolvimento local, para observar o papel dos jovens de Canzanza no desenvolvimento local do município de Moreno.

Toma-se aqui como referência a concepção de desenvolvimento local, de Pires (2005, p. 59), que se configura a partir da “necessidade de união de esforços dos diversos atores sociais em torno de objetivos comuns, independentemente das possíveis diferenças que possam existir entre eles.” Ainda relata a autora que o local, além de remeter à “ideia de proximidade, vizinhança, identidade, raízes comuns, expressando, de um modo geral, laços mais fortes entre pessoas,” também “revela [...] uma ideia de diferença, de diversidade cultural e multiplicidade de arranjos,” o que possibilita que determinada cidade, lugar, vegetação ou território seja único no planeta, como, por exemplo, o Bioma Caatinga do Nordeste brasileiro (PIRES, 2005, p. 60).

O desenvolvimento local para Pires pode, ainda, “expressar o comum e o incomum, o genuinamente local e o global, a pluralidade de arranjos, uma diversidade de respostas voltadas à geração de renda e à melhoria da qualidade de vida.” Continuando, a autora ainda chama a atenção que o local “pode ser um continente, um país, uma região, um estado, uma cidade, um bairro, uma rua ou até mesmo uma escola.” Assim, “o local também pode ser o rural”, afirma Pires (2005, p. 60), o que nos leva a compreender que “quando falamos em desenvolvimento rural, estamos [...]

tratando de desenvolvimento local.” No capítulo seguinte, será desenvolvido um panorama geral sobre o município de Moreno e do Assentamento Canzanza.

CAPÍTULO 2

PANORAMA DO MUNICÍPIO DE MORENO E DO ASSENTAMENTO CANZANZA

O município de Moreno, criado em 1928, está localizado na Região Metropolitana do Recife, distando da capital 28 Km. Possui uma área de 196,071 km² com uma população residente total de 56.696 habitantes, sendo 6.499 (11,46%) residentes no meio rural, divididos em 3.037 mulheres e 3.462 homens. Aspecto que vai, de certa maneira, ao encontro do que afirma Carneiro (2004), em relação à masculinização do meio rural. Foi estimada, para 2012, uma população total de 57.828 habitantes (FIDEM, 2013; IBGE, 2010).

Em 2010, Moreno apresentou uma densidade demográfica de 289,16 (hab/km²); uma taxa de urbanização de 88,54 %; uma taxa de analfabetismo de 15,73%; um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,693, no ano de 2000 (FIDEM, 2013; IBGE, 2010).

A área rural de Moreno corresponde a 93,4% do território do município, com 39 engenhos, 12 assentamentos da reforma agrária, sendo cinco vinculados ao Instituto de Terras do Estado de Pernambuco (Iterpe) e sete ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) (PMM/DEGE/PE, 1999). Atualmente, possui cinco acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

2.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DAS CONQUISTAS NO ASSENTAMENTO CANZANZA

A palavra Canzanza é um dos nomes de Lemba, “divindade da procriação, de paz, pai de todos os inquices, equivalente a Lisa e Oxalá”, segundo Castro (2001 apud BARROS, 2007, p.221).

Sobre a história de luta e conquista das terras de Canzanza pelos trabalhadores, segundo o agricultor entrevistado, Adriano José Cosme da Silva, que participou do período de acampamento no Engenho Canzanza, relatou os fatos acontecidos. Os dados dessa entrevista (gravada em áudio) foram interpretados por mim, sem alteração das informações originais, de forma a facilitar a linguagem e a organização cronológica. E

acrescidos de informações da entrevista realizada com o presidente da associação de Canzanza.

Antes de se tornar um assentamento da reforma agrária, as terras do Engenho Canzanza eram de propriedade da Usina Colônia. No momento do acampamento, essas terras estavam arrendadas por três latifundiários da região, que cultivavam cana-de-açúcar. Nessa época, havia no Engenho Canzanza um conjunto de casas (arruado) onde morava 40 famílias que trabalhavam em todas as atividades que envolviam a cultura da cana-de-açúcar. Como um dos jovens entrevistados, lembra: “[...] Antigamente era da Usina Colônia o Engenho Canzanza. Aí passou um tempo parada. [...] Aí o Incra mandou muitos projetos. As casas antigamente eram todas de barro, era um arruado [...]” (Sansão, 23 anos).

A luta pelas terras de Canzanza teve início em maio de 1998, quando 40 famílias de trabalhadores sem terra, lideradas pelo Movimento dos Trabalhadores (MT), montaram um acampamento em Canzanza, permanecendo lá por um mês, saindo apenas quando receberam ordem de despejo da justiça (reintegração de posse). Essas famílias que se submetiam a ficar “debaixo da lona” eram originárias das mais variadas cidades da Zona da Mata de Pernambuco, como Ribeirão Cortez e Barra de Guabiraba.

Logo após a reintegração de posse, o arrendatário se propôs a transportar os 40 trabalhadores acampados até a sede do Incra, o que não aconteceu, abandonando-os na BR 232, à altura da entrada do Curado IV. Daí os trabalhadores foram para o lote 56, em Jaboatão dos Guararapes, onde organizaram uma comissão e foram até o Incra.

Seguindo as orientações do Incra, esses(as) agricultores(as) esperaram sair a reintegração de posse para poder voltar ao Engenho Canzanza, pois, segundo o Incra, era lugar de gente brava e de arrendatários violentos. Entretanto, não houve caso de violência no processo de acampamento e reintegração de posse do Engenho Canzanza.

Dos 40 trabalhadores que estavam acampados após o despejo (reintegração de posse), 20 desistiram, mas a outra metade continuou na luta pela terra.

Assim, em 02 fevereiro de 1999, foi emitido o decreto de imissão de posse do Engenho Canzanza para os trabalhadores que acamparam e para as famílias “moradoras do engenho.” Entre a reintegração de posse e a imissão de posse, durou um período de aproximadamente seis a sete meses.

Durante o período de acampamento, os moradores do Engenho Canzanza não participaram desse acampamento. Era difícil, pois eles tinham suas casas e não queriam ficar “debaixo da lona.” Entretanto, participavam das reuniões que aconteciam sobre a luta pela terra em Canzanza.

Mas quando aconteceu a imissão de posse, os moradores do Engenho Canzanza foram assentados juntamente com os trabalhadores que estavam acampados.

Em seguida à imissão de posse, do agora Assentamento Canzanza, foi liberado para os agricultores, através do Incra, o crédito fomento para a compra de alimento, ferramentas, animais, e materiais para construção de cercas, etc.

A construção das casas nas parcelas aconteceu em 2001 com a liberação do crédito habitação, pelo Incra. Neste momento, houve uma dúvida quanto ao local de construção das casas, se em formato de agrovila ou a construção individual em cada parcela, sendo decidido pela segunda opção.

Dos 40 agricultores acampados inicialmente, 20 persistiram até a imissão de posse da terra. Esses 20 somados aos 46 moradores do engenho, que também foram beneficiados com uma parcela, totalizam 66 famílias.

Mas hoje, desses 20 agricultores que foram acampados, na época, só restam seis. E dos 46 moradores do engenho beneficiados, todos permanecem na sua parcela, no Assentamento Canzanza. E hoje, existem mais de 100 famílias no Assentamento Canzanza, pois os filhos dos assentados, ao se casar, constroem suas casas na parcela dos seus pais.

Essa evasão das 14 famílias que participaram do acampamento, receberam a parcela e desistiram, teve como possíveis causas a ocorrência no assentamento de assaltos em suas casas e outros por não quererem trabalhar na terra, mesmo. Mas o medo dos roubos, ameaças e temendo pela própria vida desestimulou muitos agricultores a permanecer na sua terra, levando-os a fazer o repasse (“venda”) de suas parcelas.

O Assentamento Canzanza foi construindo sua infraestrutura física em sequência cronológica, iniciando com a construção da sede da associação do assentamento, em 1999.

Em 2003, foi construída a escola do assentamento, através de um projeto do Incra em parceria com o Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Produtor Rural

(ProRural)⁴ e pela extinta Empresa de Abastecimento e Extensão Rural do Estado de Pernambuco (Ebape), que ficou responsável pela obra. E, para finalizar, foi construído, na escola, um muro, e instalados os portões de ferro, pela Prefeitura do Município de Moreno, na época.

A energia elétrica monofásica já existia em Canzanza no ano 1998, ainda quando era um engenho arrendado, porém não em todos os locais do engenho. Entretanto, após se tornar assentamento da reforma agrária, foi realizada a eletrificação trifásica em Canzanza, em 2005, através do Programa do Governo federal, Luz para Todos, que permitiu a utilização de máquinas agrícolas sem causar danos a esses equipamentos.

No ano 2005, foi adquirido pela associação um trator, através do ProRural. A associação, por meio deste trator, presta serviços aos sócios, que pagam R\$ 40,00 por hora de funcionamento do trator e pelo trabalho do tratorista (que atualmente é realizado por um jovem de Canzanza). E os não sócios pagam R\$ 70,00 pela hora trabalhada, estendendo-se esses serviços, do trator, também aos agricultores dos assentamentos vizinhos.

Esse recurso arrecadado, com os serviços do trator, é usado para pagar o tratorista (jovem do assentamento), para a manutenção do trator (trocar pneu, revisão, troca de óleo) e abastecimento de combustível.

Devido ao número significativo de evangélicos em Canzanza, foi então reconstruída, em 2009, cinco anos atrás, a igreja Assembleia de Deus, pois a que existia anteriormente estava pequena.

Todas as 66 famílias de Canzanza já acessaram o Pronaf “A”⁵ (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), enquanto que só algumas famílias chegaram a acessar o Pronaf “C”.

Dentre as 66 famílias de agricultores de Canzanza, apenas cinco agricultores(as) comercializam seus produtos nas feiras livres, nos centros comerciais de Moreno e

⁴ O ProRural é um Programa do Governo do Estado de Pernambuco, que visa apoiar o desenvolvimento rural sustentável dos 180 municípios do Estado, sendo vinculado à Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária e tendo como missão coordenar, implementar e apoiar políticas públicas para o meio rural, cujo objetivo é favorecer a melhoria na qualidade de vida das famílias. (PRORURAL, 2014).

⁵ O Pronaf é o Programa do Governo federal, executado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Secretaria da Agricultura Familiar (SAF), que financia projetos individuais ou coletivos que gerem renda aos agricultores familiares ou assentados da reforma agrária, por meio de crédito para custeio da safra ou atividade agroindustrial e serviços agropecuários ou não agropecuários. Com 13 linhas de créditos, inclusive uma específica para jovens (BRASIL, 2005).

Jaboatão dos Guararapes, o que não impede que esses outros agricultores(as) vendam seus produtos a esses agricultores que comercializam nas cidades.

O Assentamento Canzanza faz limite com os engenhos Caraúna, Gurjaú de Baixo, São Salvador, Sacupema, Pedra Lavrada e com o Assentamento Jardim.

2.1.1 A associação do Assentamento Canzanza

A associação do Assentamento Canzanza foi fundada em 1999, com o nome de Associação dos Pequenos Produtores do Engenho Canzanza, sob o CNPJ nº 03.304.253/0001-47 (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica). Em 30/5/1999, foi realizada a assembleia geral de fundação da associação dos assentados do Engenho Canzanza, sendo aprovado nessa assembleia o estatuto social da associação e realizada a eleição e posse da primeira diretoria e conselho fiscal, sendo eleita, por unanimidade, a candidata da chapa única, sendo o presidente fundador José Pereira de Souza e a vice-presidente Cícera Josefa Coelho do Espírito Santo, única mulher da diretoria e do conselho fiscal (Livro de Atas da Associação, p. 1-4).

As reuniões da associação do Assentamento Canzanza acontecem no primeiro domingo de cada mês, no período da manhã. A gestão atual vai de 2014 a 2017 e tem como diretor-presidente o senhor José Vicente de Souza.

2.1.2 A área comunitária de Canzanza

A área coletiva possui 17 hectares. É a parte do assentamento onde fica localizada a sede da associação do Assentamento Canzanza, a igreja evangélica Assembleia de Deus, a Escola municipal, o campo de futebol, a garagem do trator (que está em construção) e quatro casas familiares.

Uma parte da área de preservação do Assentamento Canzanza fica ao longo da margem do riacho que deságua no rio Gurjaú. A nascente desse riacho fica em Canzanza.

2.1.3 A educação no Assentamento Canzanza

A escola municipal de Canzanza oferece aos moradores do assentamento o ensino infantil do pré, alfa e do 1º ao 4º ano do ensino fundamental. Além de atender às

crianças de Canzanza, essa escola também tem alunos do Engenho São Salvador, que fica vizinho a Canzanza. Ao todo, são aproximadamente 130 alunos.

Para continuar estudando, os jovens de Canzanza precisam se deslocar até a escola municipal do Assentamento Jardim, que fica vizinho a Canzanza, para cursar da 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Já para cursar o ensino médio, os jovens de Canzanza e da região têm que se deslocar até uma escola no meio urbano de Moreno. Assim, a Prefeitura Municipal disponibiliza ônibus para transportar esses jovens. Dos entrevistados, dois são estudantes do ensino médio na área urbana de Moreno. Mas há os que estudam o ensino fundamental no Assentamento Jardim e outros na sede do município de Moreno, o ensino médio.

À noite, a escola de Canzanza oferece a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para os agricultores(as) que não tiveram oportunidade de estudar.

O Assentamento Canzanza não possui a biblioteca rural, chamada de Arca das Letras, disponibilizada gratuitamente pelo MDA, através da Secretaria de Reordenamento Agrário. Esse projeto tem o objetivo de estimular a leitura e acesso ao conhecimento para os que moram no meio rural, principalmente crianças e jovens. Em Moreno, apenas os assentamentos Jussara e Jader de Andrade acessaram essa política pública.

Como forma de inclusão digital, os jovens de Canzanza usam seus aparelhos celulares, através dos quais acessam as redes sociais, com dificuldade, pois o sinal das operadoras só funciona em alguns locais estratégicos, altos e distantes de suas casas. Esses jovens também acessam a internet nas *lan houses*, quando vão ao meio urbano de Moreno. O acesso à política pública de inclusão digital, através de instalação de telecentros rurais, nesse assentamento, seria um meio de profissionalização e motivação para a permanência dos jovens.

Como forma de comunicação, algumas famílias de Canzanza possuem telefone fixo com antena, pois só assim conseguem captar o sinal da operadora de telefonia.

A TV e o rádio são os meios de comunicação mais acessados pela população de Canzanza.

2.1.4 A saúde no Assentamento Canzanza

O atendimento médico-odontológico dos jovens de Canzanza e de suas famílias é realizado no posto médico do Engenho Caraúna, três vezes por semana. As consultas

são marcadas por intermédio da agente de saúde do Assentamento Canzanza, que marca o dia e horário do atendimento. São ofertados os serviços de clínica geral, enfermagem e odontologia.

Quando há necessidade de uma especialidade médica, o(a) agricultor(a) é encaminhado(a) a um hospital no meio urbano de Moreno ou do Recife. A agente de saúde de Canzanza é mãe de um dos jovens entrevistados. Os jovens reclamam da ausência de um posto médico no próprio Assentamento Canzanza, pois têm que se deslocar para o Engenho Canzanza para ter acesso à saúde médica. Assim, se refere um dos entrevistados: “Antes, a gente se consultava no Beiro Uchoa (hospital) em Moreno. Hoje, a gente sai daqui para o engenho, aqui vizinho, e as consultas são lá” (Caraúna) (Eliseu, 24 anos).

Apesar da ausência de atendimento médico-odontológico em Canzanza, percebi que os jovens dão muita importância à saúde dental, pois a maioria deles usa aparelho ortodôntico. Esses jovens pagam por um plano odontológico em Moreno, onde fazem a prevenção e correção dos seus dentes. Dos 15 jovens entrevistados, seis usam aparelho ortodôntico. Essa preocupação com a saúde dentária dos jovens está relacionada com o fator estético, pois parece que eles não querem ser vistos como os desdentados, de um passado próximo, que se tinha no meio rural.

2.1.5 A acessibilidade e o transporte no Assentamento Canzanza

Os principais acessos das famílias de Canzanza para os centros comerciais são para os municípios de Moreno e Jaboatão dos Guararapes, por meio de estradas de terra, que no período do verão têm o inconveniente da poeira, e no inverno ainda é pior, por causar atoleiro e lamaçal, dificultando a locomoção dos veículos. A distância do meio urbano de Moreno até o Assentamento Canzanza, usando como meio de transporte uma motocicleta, é de 10 quilômetros e tem duração de 50 minutos.

2.1.6 A cultura da cana-de-açúcar no Assentamento Canzanza

Todos os agricultores do Assentamento Canzanza têm a cana-de-açúcar (*Saccharium spp*) como principal cultura, em extensão de área plantada de suas parcelas. Essa motivação para cultivar cana está relacionada com a comercialização,

pois, segundo os agricultores, sua compra é garantida pela Usina Bom Jesus, independentemente da quantidade. A Bom Jesus fica no município do Cabo de Santo Agostinho, a duas horas de Canzanza.

O período da safra (colheita) da cana acontece de setembro a fevereiro, no verão, facilitando o transporte nas vias rurais, quando ocorre a maior quantidade de empregos, principalmente para os jovens, no corte de cana, de motorista ou na usina, no laboratório de sacarose, dentre outras atividades. E eles aproveitam esse período para ter uma renda, embora não gostem de cortar cana, devido ao excessivo desgaste físico. Iniciam as atividades do corte de cana muito cedo, entre 4h30 e 5 da madrugada e largam às 10 ou 11 horas, evitando os horários em que o sol está mais quente.

O cultivo da cana-de-açúcar exige uma série de tratos culturais para que tenha uma boa produção, “dê resultado,” como dizem os agricultores, sendo necessário um investimento em adubos químicos (NPK), herbicidas (vários tipos) para controlar a invasão de plantas indesejáveis e que concorrem com a cana, por luz, água e nutrientes.

A aplicação dos herbicidas acontece após a colheita da cana, no período em que a rebrota atinge uns 60 centímetros de altura. É necessário pagar trabalhadores para aplicar os herbicidas e samear (distribuir) o adubo no plantio da cana.

O trabalho do corte da cana ainda faz com que alguns jovens permaneçam no campo. Eles começam nesse trabalho com 12, 13 anos de idade, como presenciamos, por ser algo corriqueiro no cotidiano deles, pela proximidade e, principalmente, por obter uma renda.

Não é difícil encontrar jovens de 16, 18 e 23 anos de idade trabalhando no corte de cana. Alguns trabalham para seus próprios pais e outros para qualquer parceleiro, sendo alguns já casados.

O corte da cana é um trabalho braçal repetitivo, que além de o trabalhador estar de pé, exige que incline repetitivamente a coluna, para com um forte golpe, com facão ou foice, realizar o corte da cana rente ao solo. Em seguida, corta a parte final das folhas, e então lança a cana em um amontoado em formato de fileira, para que a mão mecânica possa apanhar e colocar no caminhão.

A produção do corte de cana é medida em toneladas (1.000 quilogramas) de cana cortada. O valor da tonelada de cana cortada é de R\$12,00. Um jovem chega a

cortar uma tonelada de cana em uma hora, caso as condições sejam favoráveis e dependendo da habilidade.

É uma atividade relativamente perigosa, pois se utiliza uma ferramenta cortante, e se tem o risco de acidentes, mesmo se usando uma proteção mínima. Para se proteger do sol, da folha cortante e da cinza da cana queimada, os jovens usam calça comprida, camisa de manga longa, luvas, botas e chapéu. Mas tudo isso não é suficiente para evitar acidentes.

Os agricultores, donos de parcela, reclamam da dificuldade de encontrar pessoas para cortar cana, sendo necessário trazer jovens e adultos de outros assentamentos e engenhos vizinhos.

2.1.7 Os recursos naturais do Assentamento Canzanza

As terras de Canzanza, em sua maioria, são visualmente solos profundos de coloração cinza, pouco arenosos, cinzas, mais arenosos e amarelados com argila.

A topografia é variada, com áreas de várzea e com áreas de altitude, porém planas no seu topo.

Depois da cana-de-açúcar, as culturas mais plantadas em Canzanza são a mandioca e a macaxeira, seguida por plantios de bananeiras e coqueiros, e um caso isolado de plantios de graviola.

É visível nas paisagens de Canzanza o domínio da cana-de-açúcar sobre as áreas das parcelas, ficando livres apenas os locais em torno das casas. De longe se vê a diferença entre o monocultivo da cana e o policultivo das fruteiras e tantas outras espécies vegetais e animais em torno das casas, “o sítio”.

A organização não governamental Assocene desenvolveu, através da assistência técnica e extensão rural, por meio de um técnico agrícola, um projeto chamado de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (Pais). Este projeto consiste na instalação de uma horta no formato de mandala, sendo construído, no centro dessa mandala, um galinheiro. Os plantios de hortaliças, frutíferas e tubérculos são feitos em forma circular. A irrigação é feita por um sistema alimentado por uma caixa d'água de 5 mil litros.

Com a intenção de produzir alimentos para a família e comercialização, em um sistema de produção agroecológica, há um consórcio entre espécies vegetais e criação

de galinhas caipiras. O projeto também é composto por uma fossa séptica, que aproveita a parte líquida para irrigar fruteiras.

A maioria das famílias de Canzanza recebeu o Projeto Pais, porém nenhum está em total funcionamento, e alguns estão abandonados.

O local de preservação permanente de Canzanza tem duas áreas de mata, uma que delimita com o Assentamento Jardim e Engenho Macujé, e outra que delimita com a mata do Engenho São Salvador. Estas matas estão preservadas, mas quando precisam, os agricultores buscam nela madeira para confecção de ferramentas de trabalho, como cabo de enxada, foice, ou para fazer pequenas instalações para animais, como a cobertura de um galinheiro. Mas não se pode retirar madeira dessa mata, porém os agricultores quando retiram são em pequenas quantidades, não causando desmatamento, mas fazendo uso sustentável da mata. Assim, se expressa o presidente da associação de Canzanza:

Não pode, não. Eles tiram porque é coisa pouca. Mas não pode porque é área de mata, que é área de preservação mesmo, ninguém pode mexer. Só que a gente do campo precisa de um cabo de enxada, de foice, de estroenga, que é para trabalhar, mesmo.

2.1.8 Lazer e diversão em Canzanza

Como opção de lazer e diversão, principalmente para crianças e jovens, há em Canzanza um campo de futebol, os rios e açudes nos engenhos vizinhos. Tem um grupo de jovens que se reúne para jogar videogame, outros usam o tempo livre para aprender a tocar instrumentos musicais, como violão e teclado. Mas há também os passeios para a praia e parque aquático de Moreno. Há um estabelecimento em Canzanza (bar) que comercializa bebidas e alimentos, que funciona como um ponto de encontro e de conversas entre os jovens e adultos, onde se fala sobre os acontecimentos do cotidiano.

A igreja Assembleia de Deus do assentamento é o local onde os evangélicos se reúnem para cultuar Deus, mas é também um local de socialização, de encontros fraternos, e de os jovens fazerem as apresentações das músicas evangélicas (hinos) que ensaiam nas tardes dos sábados, principalmente quando está perto de alguma data comemorativa da igreja ou quando está próximo o “culto da mocidade.”

CAPÍTULO 3

ATIVIDADES AGRÍCOLAS E NÃO AGRÍCOLAS E OS DESAFIOS DOS JOVENS RURAIS PARA PERMANÊNCIA NO ASSENTAMENTO CANZANZA

3.1 OS JOVENS ENTREVISTADOS DO ASSENTAMENTO CANZANZA

Ao iniciar as entrevistas com os jovens de Canzanza, foram coletadas informações de identificação dos entrevistados (Apêndice F). Através dessas informações, pôde-se observar aspectos sociais, como idade, escolaridade, estado civil, religiosidade e organização familiar. Foram organizados quatro grupos: A, B, C e D, para uma melhor compreensão:

a) Jovens que já concluíram o ensino médio e os que estão estudando

Dos quinze jovens entrevistados, oito concluíram o ensino médio. Dois estão cursando o ensino médio e cinco desistiram de estudar. Desses cinco que não prosseguiram com os estudos, três não concluíram o ensino médio e dois, o ensino fundamental;

b) Jovens solteiros e casados com e sem filhos

Dos jovens entrevistados, treze são solteiros e dois são casados. Apenas um dos casados tem filho;

c) Jovens por grupos de idade, sexo e religião

Dos jovens entrevistados, nove são adeptos da igreja protestante Assembleia de Deus. E os demais não revelaram sua religião;

d) Jovens casados que moram com o pai ou em casa própria

Dos dois jovens casados entrevistados, um mora com sua família na casa dos pais.

Na intenção de uma melhor compreensão deste estudo, foi realizada uma categorização, partindo de atividades profissionais e renda, que são exercidas pelos(as) jovens do Assentamento Canzanza.

Assim, constituem quatro categorias principais – jovens que trabalham em atividades agrícolas, no Assentamento Canzanza; jovens que trabalham em atividades não agrícolas, em áreas urbanas, mas retornam para o Assentamento Canzanza todos os dias; jovens que trabalham no Assentamento Canzanza em atividades agrícolas,

ajudando os pais, e estudam na zona urbana de Moreno; e jovens, do sexo feminino, que trabalham em atividades domésticas, em Canzanza, subsidiando as atividades dos pais e irmãos –, que vão discorrer sobre a juventude rural de Canzanza e como tais atividades agrícolas e não agrícolas favorecem a permanência deles no meio rural. Cada uma dessas quatro categorias principais é formada por seis, três, dois e quatro jovens, respectivamente, totalizando 15 entrevistados. A tabela, a seguir, sintetiza essa categorização.

Tabela 4 – Categorias dos jovens entrevistados na pesquisa

Categorias principais	Distribuição dos jovens entrevistados de acordo com sua categoria						Total de jovens por categoria
	01	02	06	12	13	14	
1 – Jovens que trabalham em atividades agrícolas, no Assentamento Canzanza							06
2 – Jovens que trabalham em atividades não agrícolas, em áreas urbanas, mas retornam para o Assentamento Canzanza todos os dias	04	11	15				03
3 – Jovens que trabalham no Assentamento Canzanza em atividades agrícolas, ajudando os pais, e estudam na zona urbana de Moreno ou em outro assentamento	03	07					02
4 – Jovens, do sexo feminino, que trabalham em atividades domésticas, em Canzanza, subsidiando as atividades dos pais e irmãos	05	08	09	10			04
Total de jovens entrevistados							15

Fonte: Silva, M. H. (2014).

Em cada uma das categorias determinadas, serão trabalhadas cinco subcategorias. São elas: atividades profissionais e renda; morar no meio rural; políticas públicas para a juventude rural; entre ficar e sair do meio rural; e pretensões futuras. Cada categoria principal é iniciada com uma caracterização dos jovens entrevistados por cada categoria, como se pode observar a seguir:

3.2 Jovens que trabalham em atividades agrícolas no Assentamento Canzanza

O grupo de entrevistados, que trabalham no Assentamento Canzanza, em atividades agrícolas,⁶ é composto por seis jovens do sexo masculino, com idade média de vinte anos. Destes jovens, três concluíram o ensino médio, dois não chegaram a concluir o ensino fundamental e um desistiu dos estudos no 1º ano do ensino médio.

Caracterização dos jovens que têm como ocupação as atividades agrícolas

O jovem Eliseu

Eliseu tem 24 anos de idade. É solteiro e estudou até a 7ª série do ensino fundamental. Tem vontade de concluir o ensino médio, para daí realizar um sonho, que é ser engenheiro agrônomo. Esse jovem é proprietário de uma parcela em Canzanza e, talvez, devido a isso, seja bastante participativo nas atividades da associação de Canzanza.

Ele diz que se orgulha em morar no meio rural, e que nunca negou a sua origem:

Oxê, e então! Nunca me envergonhei, posso estar onde estiver, onde for, dentro de um metrô lotado, dentro de um ônibus no centro da cidade. Quem me perguntar, eu vou dizer: moro no Engenho Canzanza, município de Moreno, zona rural.

O jovem Moisés

Moisés mora em Canzanza, há 11 anos. Hoje ele tem 22 anos, é solteiro, já concluiu o ensino médio. É um entusiasmado pela cultura da cana-de-açúcar, pois, segundo ele, esta cultura tem vantagens positivas em relação a outras.

Desse modo, ele esclarece as vantagens de se plantar cana em quase toda a área da parcela da família e o seu pensamento em relação a essa cultura:

⁶De acordo com a Lei da Política Agrícola, de nº 8.171, “entende-se por atividade agrícola a produção, o processamento e a comercialização dos produtos, subprodutos e derivados, serviços e insumos agrícolas, pecuários, pesqueiro e florestais.” Capítulo I – Dos princípios fundamentais – Art. 1º, parágrafo único (BRASIL, 1991).

[...] Eu não pretendo mudar, porque eu acho assim, as outras lavouras, eu penso que são mais trabalhosas. A cana eu já conheço, já sei como é que faz. Eu pretendo ficar nela (cana) e cada dia mais crescer. [...] Mas, no final, você tem a recompensa. Você tem um lucro bastante positivo, bastante bom. A vantagem da cana, vamos supor, você planta uma vez, e ela (a cana) se você cuidar (realizar os tratos culturais), dá uma vez, dá duas, dá três vezes, porque têm soca (rebrotas). E vamos supor, banana comprida mesmo, você corta ela (colhe), ali ela já morreu. Só se nascer os outros pezinhos (perfilho). [...] E a cana não precisa replantar sempre. [...] Você limpando, colocando o adubo, o veneno (herbicidas) dela normal, você tem ela (colheita) tranquilo e nem vai se preocupar.

O jovem Noé

Noé há dois anos desenvolve em Canzanza as atividades de corte e plantio de cana (cobrir os colmos de cana com terra) nas áreas de cultivo do seu avô e de outros agricultores parceleiros e também cria bovino com aptidão para engorda. Tem 18 anos, é solteiro e estudou até a 5ª série do ensino fundamental, desistindo por precisar trabalhar.

O jovem Abraão

Com 20 anos de idade, Abraão é solteiro e já concluiu o ensino médio, mas pensa em fazer um curso técnico na área de mecânica de motocicletas. Realizou um sonho que tinha desde criança, que era ser motorista. Mas ainda tem um grande sonho, que é ser proprietário de uma loja e/ou oficina de motocicletas, como revela em sua fala: “O meu maior sonho, se eu tiver condição, é poder abrir uma coisa pra mim, mesmo, uma oficina ou uma loja de venda de peças de motocicleta.”

Abraão é bem dinâmico. Além de atividade agrícola, faz conserto de motocicletas e bicicletas em sua casa, no assentamento. Tem orgulho de ser do meio rural, pois foi ali onde cresceu e vive até hoje. Diz ele: “Acho que me identifico, pelo meu jeito, aspecto, tudo. Me identifico que sou do engenho, sou do interior. Moro no interior. Tenho orgulho porque foi onde eu me criei. Pra mim, aqui é bom.”

Esse jovem chama atenção para o perigo do uso dos herbicidas nos plantios de cana, que são aplicados, também, por jovens e, muitas vezes, sem nenhuma proteção. Essa falta de cuidado durante o manuseio e aplicação desses herbicidas pode estar associada à ausência de informações sobre a real gravidade desses produtos e por não ter uma reação negativa imediata em quem estar manipulando, sugerindo uma ação educativa, no uso desses insumos agrícolas. Nesse assunto, diz ele:

[...] O governo podia fazer na zona rural um projeto para ajudar os jovens. Ter um lugar que pudesse ensinar os jovens, aqui, as coisas sobre os venenos (herbicidas). Como trabalhar com veneno, utilizar o veneno. Viesse para cá um colégio para os jovens aprenderem a fazer o certo, os adubos, venenos, de como utilizar, colocar nas lavouras. Isso era bem legal. Tem veneno que você não pode mexer, não pode sentir o cheiro, é perigoso. Aí tem muito jovem que não sabe, vai mexer, utilizar.

O jovem Salomão

Salomão mora no Assentamento Canzanza há aproximadamente 15 anos e corta cana desde os 16 ou 17. Hoje ele tem 21 anos, é solteiro e concluiu o ensino médio. Seu grande sonho é apenas construir uma boa casa para sua mãe. Quando está nos centros urbanos, ele se identifica como jovem do meio rural, ao contrário de outros colegas, como ele relata:

Sim, sim. Eu me identifico bastante, apesar de que o pessoal quando me vê na cidade pensa que eu não sou da zona rural. Mas eu sempre digo que eu sou do Engenho Canzanza. Muitos jovens daqui diz que, quando sai daqui diz que é de Jaboatão, Recife, sai inventando vários cantos (lugares). Apesar de que eu acho isso uma besteira. Mas várias pessoas fazem isso, mas eu me identifico que sou daqui (Canzanza).

Atualmente, Salomão está participando de um processo seletivo para trabalhar em um supermercado na zona urbana de Jaboatão dos Guararapes.

O jovem Elias

Desde os 12 anos de idade, Elias corta cana. Hoje ele tem 18 anos, é solteiro e, por precisar trabalhar, estudou até o 1º ano do ensino médio. Tem o sonho de ser operador de uma retroescavadeira ou pá carregadeira, em uma empresa no Porto de Suape, como seu irmão.

Assim, nesta primeira categoria serão detalhados, ao longo das cinco subcategorias, aspectos peculiares desses jovens que têm como ocupação as atividades agrícolas no Assentamento Canzanza.

3.2.1 Atividades profissionais e renda

As atividades profissionais que geram renda para esses seis jovens são aquelas relacionadas à cultura da cana-de-açúcar e cultivos de subsistência, sendo que no

período da colheita, corte da cana, é onde se concentra a maior parte das atividades dessa cultura, envolvendo toda a família, mesmo que indiretamente.

Desses jovens que trabalham no corte de cana, dois começaram nessa atividade com 12 anos de idade e um com 16. Mas, em média, esses jovens trabalham no corte da cana e demais atividades que envolvem essa cultura há pelo menos cinco anos. Dizem dois dos jovens entrevistados:

Rapaz, o negócio que tem aqui é só corte de cana mesmo. É limpando mato. Trabalho até agora cortando cana, né? Até arranjar um emprego aí. Rapaz, desde os 12 anos de idade que eu venho cortando cana (Elias, 18 anos).

Agora, não são todos (os jovens) que trabalham só na cana. Tem outros que trabalham em outras lavouras, plantam macaxeira, milho, feijão, banana. Criam bezerro e cabra (Eliseu, 24 anos).

Recebem por essa atividade agrícola uma remuneração satisfatória na opinião de quatro, entre os seis entrevistados, que trabalham no Assentamento Canzanza. Mas um jovem discorda. Acha que é muito pouco o que recebe. E outro não respondeu. Há casos, quando o jovem trabalha na parcela de sua família, que não chega a receber uma remuneração por essa atividade, pois está trabalhando no que é seu também. Assim, justifica um jovem:

Sim eu faço, corto cana, trabalho, limpo cana também, limpo roça. É da própria família, a gente trabalha só que não recebe, né? É da família, fica em casa mesmo. Só quando trabalha fora, entendesse? Por exemplo, para outros parceiros. Você vai limpar uma conta de cana, aí você recebe. Cortar cana, aí você recebe. O de casa se resolve. É porque no corte de cana é assim. Certo que a gente que corta cana acha muito cansativo e ganha pouco, entendeu? Mas só que o pequeno fornecedor de cana também, que paga aos cortadores, ganha pouco também, aí não tem como aumentar também. Aí um leva o prejuízo do outro. Aí conversam, um que é amigo do outro, tira de menos, ajeita mais no salário. Algo de melhorar é difícil. Algo para melhorar, só tendo recurso, vi? Bastante recurso para a zona rural. Agora de um tudo. De transporte, de projeto, de várias coisas podia melhorar bastante (Salomão, 21 anos).

No entanto, há exceções, como um jovem desse grupo que se destaca por ter como atividade a profissão de motorista de caminhão que carrega cana. Encontra-se nesta função só há quatro meses. “No momento, eu sou motorista, trabalho com o caminhão que transporta cana para a Usina Bom Jesus” (Abraão, 20 anos).

Essa profissão é considerada menos cansativa, pois trabalha protegido do sol e sentado. Ela exige, porém, boa habilidade para conduzir esse caminhão em áreas de relevo montanhoso e irregular, e ainda conduzir esse veículo com carga de até 20 toneladas de cana.

O caminhão que esse jovem transporta cana foi comprado por seu pai como forma de geração de trabalho e renda para o filho. Talvez foi a forma que o pai encontrou para que seu filho não saísse do Assentamento Canzanza, para trabalhar em um centro urbano.

O jovem motorista de caminhão de cana, como é chamado, nos passa a impressão de estar satisfeito com o seu trabalho, pois não expressou nenhuma insatisfação.

Esse jovem motorista de caminhão, além de trabalhar no transporte da cana no período da safra (colheita da cana), também desenvolve a atividade de conserto de motocicletas e bicicletas em sua casa, em Canzanza, juntamente com o seu pai. Ofício que aprendeu sozinho, olhando os outros consertarem motocicleta e bicicleta.

A maioria desse grupo de jovens, que trabalham em Canzanza (cinco deles), não possui terra própria (parcela), estando esta, em posse dos pais ou avô, sendo que dos entrevistados desse grupo, apenas um é proprietário de uma parcela em Canzanza. Aspecto que se converte, segundo Brumer (2007, p. 38), em “barreiras concretas à inserção dos jovens na agricultura.”

Devido à atividade agrícola exigir um demasiado esforço físico, ela é vista pelos jovens como negativa. Esse lado negativo da agricultura, na visão dos jovens entrevistados, foi igualmente identificado por Champagne (1986 apud BRUMER, 2007). Aspecto que levou quatro deles, que atuam na atividade, a dizer que não gostam do trabalho do campo:

Gosto nada. O cabra (a pessoa) corta (cana) porque é o jeito mesmo, aqui, né? Mas presta não, cortar cana, não (Elias, 18 anos).

Da zona rural, eu faço um tudo, só que eu não gosto. É por isso que eu estou correndo atrás (buscando) de um emprego na rua (centro urbano) (Salomão, 21 anos).

Porque não tem outra coisa pra fazer, só tem isso aí mesmo (corte de cana) (Noé, 18 anos).

Porque é cansativo, trabalha no sol quente. Você chega em casa cansado pra caramba. Tem muita dificuldade na zona rural. É certo que a gente que corta cana ganha muito pouco. Um leva o prejuízo do outro (Salomão, 21 anos).

Esse grupo de jovens, que não gostam do trabalho que desempenham no meio rural, é principalmente o que se refere ao corte da cana. Esta atividade, segundo eles, exige muito esforço físico, sob um sol quente, em pé, além de se sujar muito com as cinzas da queima da cana, chegando a ser um trabalho exaustivo e não ter uma remuneração satisfatória.

Entretanto, os outros três jovens, contradizendo seus congêneres, disseram gostar do trabalho no campo, se amparando em outros benefícios que o cotidiano e a atividade agrícola lhes proporcionam. O que coincide com o estudo de Carneiro (2004, p.31) em Nova Friburgo (RJ), onde jovens que permaneceram no meio rural optaram “pela liberdade que expressa a autonomia de viver por conta própria [...] e não ter patrão.”

Assim se referem dois jovens:

Eu gosto. É forçado (demanda muito esforço físico), mas eu gosto de fazer. É bom viver aqui (Moisés, 22 anos).

Não é bom, mas eu gosto. No dia a dia estou acostumado no engenho, mesmo. E a pessoa trabalha pra pessoa mesmo. O bom é isso. A pessoa não está obrigada a trabalhar pra ninguém, se acorda a hora que quer, trabalha o dia que quer. O bom é isso (Eliseu, 24 anos).

Como forma para melhorar em seu trabalho, dois jovens, dos que trabalham em Canzanza, acham que seria através de máquinas agrícolas e investimentos de recursos na zona rural, enquanto que os outros quatro não responderam. Um deles afirmou:

Rapaz, porque aqui para o engenho, né? Pra plantar cana, se tivesse assim, máquina pra sempre ajudar a pessoa a plantar, quando tivesse uma área já gastada, já ruim (replântio). O Governo tivesse algum trator, assim desse pra ajudar, seria melhor, podia melhorar, melhorava mais (Moisés, 22 anos).

Sobre a satisfação no trabalho que desenvolvem em Canzanza, dos seis jovens, três disseram que estão satisfeitos, enquanto dois disseram que não é do seu agrado trabalhar em atividade agrícola. E um jovem não respondeu.

Em relação à importância da atividade realizada em Canzanza para sua permanência, quatro jovens, do grupo dos seis, acham que essas atividades influenciam sua permanência no assentamento. E um jovem relatou que não sabe e outro não respondeu: “É do trabalho que eu venho me mantendo, eu e minha família. No dia a dia, acostumado já, a pessoa se acorda e já sabe para onde vai. A remuneração é boa, a pessoa mesmo é o patrão” (Eliseu, 24 anos).

Os seis jovens que desenvolvem atividades agrícolas em Canzanza foram unânimes em afirmar que lá há oportunidade de emprego para os jovens, Sendo citados, como atividades nesse trabalho, o plantio e o corte de cana, por cinco dos jovens entrevistados. Dois deles afirmam:

Só cortar cana, se fichar no corte de cana. Limpar roça (plantios de mandioca e macaxeira). Tombar adubo (transportar), samear adubo (adubar a cana). Se for negócio mais de plantação de cana (Salomão, 21 anos).

Rapaz, só se for trabalho rural, no campo, mesmo. Aqui é difícil. Se você não tiver estudo para arrumar outro lá fora, você não arruma. E aqui é cortar cana, limpar cana, readubar cana. Aquele que tem ainda uma oportunidade melhor, arruma um melhor, né? (emprego) (Abraão, 20 anos).

E sobre a oportunidade de emprego para os jovens do meio rural, na área urbana de Moreno, cinco, dos seis, acham que têm, mas são poucos, devido à cidade não ser desenvolvida. E os que surgem são na área da construção civil. Contudo, um jovem lembra a dificuldade que existe para os jovens rurais se profissionalizarem. Carneiro (2004, p. 29) reafirma essa situação ao destacar em seu estudo que, na maioria das vezes, o jovem rural se depara com “qualificação profissional e nível educacional normalmente mais baixos que os da cidade.” Assim se expressam dois jovens de Canzanza sobre oportunidades de emprego:

Em toda cidade varia os empregos, porque numa tem mais que em outra. Ter, tem. Agora os jovens da zona rural têm que ter muita capacitação, como cursos, terminar os estudos. E a maioria não tem, aí fica difícil de os jovens arrumarem emprego, por causa disso. Aí trabalha muito no corte de cana porque eles têm dificuldade de concluir um curso técnico, para entrar no mercado de trabalho. Aí por isso fica no corte de cana. Uns gosta disso e outros é por necessidade mesmo (Salomão, 21 anos).

Em Moreno, vaga de emprego é pouca, a cidade é pequena, não é muito desenvolvida (Eliseu, 24 anos).

Com a conquista de bens obtidos através do recurso de seu trabalho, quatro jovens, dos seis, relataram que compraram a tão desejada motocicleta, enquanto um, que já possuía moto, trocou por outra melhor, como é relatado por três jovens:

Eu troquei de motocicleta. A minha era 125 (potência da motocicleta) passei para um bro 150 (modelo maior e mais potente). Mas antes de comprar ele (o caminhão). Mas ele também teve influência, porque agora trabalhando, tem como pagar. Paguei a minha moto. Aí tenho a minha própria motocicleta bro. Aí a gente comprou outras coisas também, comprei roupas. E a gente vai ajeitando devagarzinho vai ajeitando ele (o caminhão) também (Abraão, 20 anos).

Já comprei uma moto, uma vez comprei um fusca, depois de um ano eu vendi. Eu penso daqui a uns dois anos em comprar um carro pra mim (Eliseu, 24 anos).

Aqui o que eu construí? O que eu queria ter, eu tive. Que foi minha motocicleta, eu consegui. E coisas mais, basta eu querer e vai ser acrescentado. Assim como eu quero construir minha casa. Eu creio que com a ajuda aqui do assentamento aqui (trabalho), eu vou conseguir ter. Basta me esforçar e... (Moisés, 22 anos).

Ao mesmo tempo em que um jovem diz que usa esse recurso, fruto de seu trabalho, para comprar calçados, vestuário e se manter, um, entre os quatro jovens que compraram moto, está planejando agora obter sua Carteira Nacional de Habilitação:

Até agora eu só venho me mantendo, vi? As minhas coisas, entendesse? Mas eu venho me mantendo, de umas roupas, calçados (Elias, 18 anos).

Rapaz eu agora, daqui pra frente, estou trabalhando para ver se eu tiro minha habilitação (Noé, 18 anos).

Em síntese, com a remuneração que recebem pelos trabalhos que realizam em Canzanza, os jovens investem em vestuário, calçados, compra de motocicleta e na obtenção de documento que lhes habilite a conduzir motocicleta.

Dentre os seis jovens desse grupo, dois não acham muito ruim a remuneração que recebem pelo trabalho do corte de cana e outras atividades relacionadas à cultura da cana, estando satisfeitos com o valor recebido. Diz Moisés, 22 anos: “Compensa, sempre é bom. No final da safra, quando colhe, sempre tem uma recompensa boa. Por isso dá pra viver ainda aqui. Você trabalha, mas no final tem uma recompensa boa.”

É no período da colheita da cana que os jovens mais trabalham, pois têm que colocar fogo na cana, cortar a cana e ajuntar no momento em que os caminhões vêm

transportar, pois a mão mecânica da máquina ao carregar o caminhão de cana, ao ser levantada até a carroceria do caminhão deixa cair algumas canas no chão. Nesse momento, o jovem tem que ser bem ágil para juntar novamente, apanhar e colocar essas canas nas linhas onde são entulhadas no momento do corte.

Assim, na intenção de ajudar sua família e ter uma renda própria, os jovens se lançam ao corte de cana, conforme diz Salomão, 21 anos:

Eu hoje mesmo corto cana, pra um, pra outro. É porque a gente é jovem, ver os familiares trabalhando, quer ajudar também, entendeu? Certo que o pessoal diz que é trabalho escravo. Mas a gente também olha a situação dos pais e quer ajudar, né? Hoje mesmo eu corto cana, para um, para outro. Todos parceiros diferentes. Tem muitos (parceiros) que não pagam um salário certo, porque é de menor (idade abaixo de 18 anos).

As outras atividades que os jovens desempenham na cultura da cana são a limpa (capina) com enxada, mas alguns preferem usar o herbicida para eliminar as plantas indesejadas, que nascem entre as linhas do plantio da cana, que estão brotando novamente após a queima e corte (chamada de soca). Ainda tem a adubação e o replantio da cana, quando se quer aumentar o plantio ou replantar uma área que já esteja improdutiva.

Além dessas atividades que envolvem a cultura da cana, existem aquelas relacionadas às culturas da macaxeira e mandioca, banana, coco, hortaliças e graviola. E as atividades relacionadas às criações de animais, na sua maioria equinos, bovinos e galinhas.

Desta forma, o jovem tem que dar conta de uma gama de atividades agrícolas. Diz um deles:

No dia a dia do jovem na zona rural tem muita coisa para fazer, porque certo que não vai se matar no trabalho, né? Tem que trabalhar no que pode. Porque muitos têm que trabalhar na cana (plantio da cana-de-açúcar), em roça (plantio de mandioca e macaxeira), lavoura (Salomão, 21 anos).

Tem jovem que com a renda obtida do trabalho no corte de cana, compra um ou dois novilhos (bovinos jovens) para criar amarrado a uma corda no pasto, até que ganhem peso e estejam prontos para o abate. Nessa ocasião, o novilho já adulto é vendido a um comerciante de carne (marchante) que percorre a zona rural, comprando esses animais para abate.

3.2.2 Morar no meio rural

No que diz respeito a continuar no meio rural, esses seis jovens revelam que gostam de morar no Assentamento Canzanza, deixando claro isso nas suas falas:

Eu acho um lugar bom; nascido e criado aqui, me acostumei já. Um lugar calmo, tranquilo. Gosto de manter contato com a natureza, por isso eu gosto de morar aqui (Eliseu, 24 anos).

Gosto de morar aqui. Porque é um lugar tranquilo. Assim, os vizinhos são longe (moram), não tem zuada (barulho), não tem bagunça um com o outro. Tem as dificuldades, mas também... Você não ouve nem diz, cada um nas suas posses (parcelas). Por isso que eu gosto, ainda, de morar aqui (Moisés, 22 anos).

Gosto, porque é um lugar tranquilo. Não tem muita violência. Tem a vantagem de ter frutas (Noé, 18 anos).

Assim, gostar eu gosto do Engenho Canzanza. Desde pequeno, morei aqui. O ar é puro, tem fruta na hora que você quiser comer. E você se sente livre aqui. Um ambiente bom. Eu gosto! Era um sonho que eu tinha desde criança, trabalhar de motorista, aí graças a Deus meu pai comprou um caminhão. Aí eu gosto (Abraão, 20 anos).

Gosto, é bem tranquilo. É bom e é ruim. Porque ambiente pra você caçar (procurar) emprego na rua fica difícil, tanto da condução (transporte) pra você ir e voltar. E é bom porque é bem tranquilo, não tem muitas coisas como na cidade grande, muitos homicídios. É calmo, lugar bom de viver (Salomão, 21 anos).

Gosto, porque é um lugar calmo, né? Agora por uma parte é ruim, mode (devido) a fase de emprego, que é só cana. Aí não dá pro cabra (pessoa) ficar só na cana, que é pouco o salário e o serviço é pesado (Elias, 18 anos).

Embora esses seis jovens, ao contrário do que se pensa, gostem de morar no meio rural, também deixam claro as dificuldades que enfrentam em relação a ter acesso a um trabalho e renda na cidade, demonstrando de alguma maneira insatisfação com o trabalho do corte de cana. Quando encontram um trabalho no meio urbano, têm dificuldade para se deslocar todos os dias, pois não há transporte dos centros urbanos para Canzanza.

Destacados por esses seis jovens, como pontos positivos para se morar no meio rural, foram a ausência de violência, de barulho, de poluição, e por não precisar pagar frutas e outros alimentos, que têm disponível em Canzanza.

Mesmo reconhecendo as qualidades do meio rural, dois, dos seis jovens, afirmaram que pretendem morar em um meio urbano, alegando a dificuldade de deslocamento para Canzanza, no caso de um possível trabalho num centro urbano. E um

jovem pensa em passar um tempo em Canzanza, mas depois que casar quer ir morar na sede do município de Moreno, pensando nas facilidades que a cidade pode oferecer. Os outros quatro jovens, dos seis, pretendem permanecer morando em Canzanza. Desta forma, um jovem cita a vantagem da ausência no meio rural de poluição sonora e visual, violência e o estresse das cidades:

Eu gosto da vida do campo porque é uma vida mais livre. A pessoa não tem tanto luxo feito o povo da rua (área urbana), isso de andar tão limpinho. Não que eu goste de andar sujo. Porque a gente anda mais de bota e se sente à vontade, né? Com uma roupa velha. Lugar calmo, não é muito de violência, tranquilo, não tem muita poluição sonora, visual, essas coisas assim (Eliseu, 24 anos).

Um dos quatro jovens, que desejam permanecer, pensa em ter uma casa na cidade, pois caso venha a trabalhar fora de Canzanza, poderá dividir seu tempo entre o campo e a cidade. Isso evidencia que “a fragilidade e precariedade dos bens e serviços básicos no meio rural contribuem para o deslocamento da população local” [...] e que “os jovens continuam migrando [...] devido à falta de oportunidades no meio em que estão inseridos [...]” como afirma Silva (2011, p. 5), em seu estudo sobre juventude rural.

Assim se expressam alguns jovens de Canzanza:

Se Deus permitir, eu vou morar na cidade (Moreno). Lá fica mais fácil de tudo. A minha namorada também quer ir pra rua (área urbana de Moreno). Se der pra ficar aqui, a gente fica, se não der, a gente vai (pra cidade). Pretendo ficar aqui até alguns tempos, mas eu pretendo, mesmo, quando me casar, a gente morar na rua, porque fica mais fácil pra mim, pra minha namorada. Ir para a cidade é melhor (Abraão, 20 anos).

Acho melhor aqui (Canzanza) do que na rua (área urbana). Morar aqui (Noé, 18 anos).

Pretendo morar aqui até quando eu tiver vida. Mas eu pretendo também comprar uma casa na rua (área urbana de Moreno), porque se algum tempo eu conseguir um emprego fora, aí passo um tempo lá, um tempo cá. A vida na cidade grande é bem estressante (Salomão, 21 anos).

Eu penso em ir embora, porque também fica difícil de estar aqui, no Engenho Canzanza. Pra trabalhar longe do assentamento (Elias, 18 anos).

Quanto à pretensão dos seis jovens em continuar o trabalho agrícola dos seus pais na parcela em Canzanza, três afirmam querer dar continuidade. Os demais não pretendem. Pretensão que se aproxima das observações de Castro (2008, p. 119),

quando diz que “apesar das difíceis condições de vida e produção [...], um número importante de jovens vem reafirmando querer ficar no campo [...].”

Desses três jovens que desejam suceder seus pais ou avós, um deles tem a sua própria parcela e outro é o principal responsável pelas atividades agrícolas na parcela de sua família. Assim, alega um jovem:

Eu penso em ficar aqui. Construir minha família aqui mesmo, até Deus quiser. Eu não tenho vontade de morar em cidade, não. Não chegou vontade em mim de morar em cidade, não, por conta da violência, essas coisas. Assim, prefiro... Sou daqueles matutão (caipira) mesmo (Moisés, 22 anos).

Um dos três, que não desejam continuar o trabalho dos seus pais, afirma que, às vezes, chega a vontade de permanecer na profissão do pai. E um segundo jovem, desses três, diz que não pretende dar continuidade aos serviços na parcela de sua família, pois acha que precisa procurar coisa melhor na cidade, trabalhar numa empresa: “Algumas vezes chega a vontade. Chegou o momento de pensar, mas não dá pra tá aqui também cuidando da parcela” (Elias, 18 anos).

Carneiro (2004, p. 32-33) chama a atenção para o caso em que jovens “tendem a rejeitar a profissão do pai, criando uma grave crise no processo de escolha de um sucessor para o pai agricultor.”

Em relação à maneira que se vive no meio rural, esses jovens revelam um pouco das qualidades desse local:

Porque é um lugar bom, não tem muito problema de violência. Se pode andar tranquilo (Noé, 18 anos).

É bom porque, como eu disse, você se sente livre. Você quer sair de motocicleta, você sai, não tem esse negócio. A hora que você quiser acordar, você acorda (questão da segurança). Não tem zuada (barulho) (Abraão, 20 anos).

De um tudo, os colegas, o dia a dia, a convivência. É legal aqui (Salomão, 21 anos).

Rapaz, é bom porque tem os sítios, né? Pra nós se alimentar aí. É bom mode (devido) isso, porque na rua, não tem essa oportunidade de tá assim, no assentamento comendo frutas (Elias, 18 anos).

Quatro dos seis jovens dizem que, o que ainda faz eles permanecerem em Canzanza é a família, gostar do lugar e a tranquilidade do assentamento. Já para o quinto é o trabalho e a família, e o sexto, não respondeu.

Nos momentos de lazer, esses seis jovens fazem muitas coisas, mas o que mais eles gostam de fazer é de tomar banho de açude, rio ou barragem, assistir televisão e ouvir música, ir à igreja evangélica e sair com os amigos. Isso tudo pode ser observado nas falas seguintes:

Fico em casa assistindo televisão, às vezes saio com os amigos para o açude, pra tomar banho, ir para outro engenho vizinho conversar com os amigos (Eliseu, 24 anos).

A gente não costuma sair muito, às vezes vai pra um rio, caminha poucas vezes, mas das vezes que a gente caminha, se diverte muito. Se anima bastante (Moisés, 22 anos).

Jogar bola no campo, tomar banho de açude mais os meninos (amigos), ir para a praia (Gaibu, Pontas de Pedra) (Noé, 18 anos).

Eu sou mais assim, como se diz, caseiro. Gosto de ficar em casa, assistir filme. Mas quando não tou em casa, eu saio, vou andar, vou à casa dos irmãos (correligionários), vou ao açude, tem a barragem de São Salvador, a gente vai lá tomar um banho. Tem vezes que saio mais os amigos, vou para a igreja. Sou evangélico, graças a Deus. Quando eu não tou em casa, saio mais para a igreja (Abraão, 20 anos).

Fico em casa, assisto televisão, escuto um som, vou para a casa do vizinho, converso um pouco, vou para algumas barracas, jogo algum videogame que tem. E volto para casa, antes das 9 horas (21 horas). Não saio muito por aqui, não (Salomão, 21 anos).

Eu tomo banho de rio, depois venho, volto, vou pra igreja, pronto, fico assim. Dia de domingo um banho de rio, aí venho, quando é à noite, tou na igreja, pronto (Elias, 18 anos).

O uso da rede mundial de computadores interligados (internet) é acessível apenas para três, dos seis jovens que trabalham em Canzanza. E a outra metade não tem acesso à internet. Sendo que dos três que podem, dois acessam a rede por meio do celular e o outro, em uma *lan house*, quando vai ao centro de Moreno.

Esses três jovens que utilizam a internet, acessam, mais frequentemente, as redes sociais (*facebook*), noticiários e *sites* de pesquisa e trabalhos. Há dificuldades, porém, para ter acesso a esse meio de comunicação, como dois deles relatam:

Aqui, não. Só se a gente for para um local que dá área, aí a gente mexe com a internet. Eu tenho um tablet, mas aqui no engenho pega, mas fica muito lento. Aí não tem como mexer na internet. Aí tem que ser no celular mesmo. Mexo mais em *facebook*, pesquisa, quando vou pesquisar alguma coisa (Abraão, 20 anos).

Aqui, não. Quando eu vou para a rua, eu acesso lá, nas *lan houses*, no meu celular também tem. Acesso um pouco no meu celular. Eu procuro mais as

redes sociais, as notícias do mundo, algum trabalho, algum trabalho de escola, sempre mais isso (Salomão, 21 anos).

Permanecer no meio rural para três dos seis jovens aqui considerados é justificado pelo contato com a natureza e ter onde plantar e obter alimentos. Dizem não se envergonhar de sua origem e identidade rural. Já os outros três jovens não responderam a essa pergunta. Falam, dois deles, sobre a vantagem e satisfação de permanecer no meio rural:

Tem pessoas que gostam de permanecer no campo porque têm como se mexer, né? Plantar uma macaxeira, um inhame. Aí acho que o povo pensa assim. Na rua, não tem essa oportunidade de plantar (Elias, 18 anos).

Porque a pessoa, ficando no Assentamento Canzanza, define a origem da pessoa, do campo, mesmo. Não é todo mundo que quer ficar. Às vezes o cara fica porque não quer extinguir a origem. Porque muitos, hoje, se envergonham de dizer: Tu moras onde? Moro na zona rural. Oxe, tu moras dentro do mato, é? Não, isso não é para se envergonhar. Isso é realmente a pessoa ser o que é. Ali é o meu lugar. Eu não me envergonho do que eu sou, do que eu faço (Moisés, 22 anos).

3.2.3 Políticas públicas para a juventude rural

Ao perguntar aos seis jovens que desenvolvem atividades agrícolas em Canzanza se já participaram ou se souberam da existência de algum projeto, curso, capacitação ou palestra promovidos pela Prefeitura de Moreno, Governo Estadual ou Federal ou, ainda, por alguma organização não governamental voltada aos jovens, eles foram unânimes em responder que nunca tiveram conhecimento. E sobre políticas públicas para a juventude, especificamente para os que moram no meio rural, a resposta foi igualmente negativa:

Rapaz, eu não sei. Até aqui eu não cheguei a conhecer nenhum, não. Nem da Prefeitura. Porque eu não ando muito nessas coisas assim. Desde que eu estou aqui, a gente nunca pegou nenhum projeto. Vem aí um projeto pra ajeitar a casa (reforma das casas-Incra). Mas até agora não chegou ainda (Moisés, 22 anos).

Apenas um jovem disse ter já acessado o Pronaf “A”, porém não tinha conhecimento da linha de financiamento “Pronaf Jovem”, que pertence ao mesmo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

Ainda no que se refere às políticas públicas para a juventude rural, todos os seis jovens desconhecem a existência dessas políticas públicas, como a linha de financiamento Nossa Primeira Terra (NPT), do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF). Trata-se de uma política pública do Governo federal, desenvolvida pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Em Pernambuco, esse programa é executado pelo Instituto de Terras e Reforma Agrária do Estado de Pernambuco (Iterpe).

Dessa forma, pode-se inferir que o Assentamento Canzanza nunca recebeu nenhuma política pública voltada para a juventude, o que também pode ser confirmado nos relatos dos livros de atas da associação de Canzanza e na fala do presidente dessa associação, ao ser indagado sobre a ocorrência de tais políticas em Canzanza: “Até agora, aqui em Canzanza, não teve, não.”

Dentre os que dizem conhecer o Estatuto da Juventude, apenas um jovem, entre os seis, diz que tal documento deve tratar sobre educação, segurança e outras coisas direcionadas à juventude, sendo esse estatuto ainda pouco conhecido entre a população jovem de Canzanza e esses seis jovens entrevistados, como fica evidente pela superficialidade como trata o tema. Alguns jovens assim se expressam:

Melhoria, segurança, educação... são coisas voltadas aos jovens, coisas boas (Eliseu, 24 anos).

Rapaz, que eu tou lembrado, não faço a mínima ideia, vi? (Salomão, 21 anos).

Já ouvi esse nome aí, mas não sei definir o que é. Acho que foi na TV (Moisés, 22 anos).

Já, sempre por aqui, na rua também já escutei. Escutei pouco tempo atrás e não decorei bem, não (Salomão, 21 anos).

Dos seis jovens, quatro já ouviram falar do Estatuto da Juventude e os outros dois dizem que nunca ouviram falar. O meio pelo qual ouviram falar do Estatuto da Juventude foi a televisão, relatam três jovens, e um diz que foi na zona urbana e/ou em Canzanza, não tem certeza.

Quanto à participação nas atividades da associação de Canzanza, os seis jovens se dividem em três que participam e outros três que não participam. As razões apresentadas estão relacionadas a não terem tempo e por não quererem, segundo dois deles:

Porque devido ao tempo, que eu não tenho. Que eu trabalho e quando tem reunião, eu não vou mesmo (Abraão, 20 anos).

Participo, não. Sem tempo, né? (Elias, 18 anos).

Alguns participam das atividades da associação, porque seus pais são proprietários de sua própria parcela; eles vão substituí-los nas reuniões; outro diz participar, mas não com assiduidade, como relatam:

[...] Assim, já fui umas duas, três vezes. Mas porque é o meu pai que vai, ele participa. Tem vez que eu vou lá. Já fui algumas vezes, fiquei escutando o pessoal falando lá sobre projeto, essas coisas. Mas eu nunca participei, não (Abraão, 20 anos).

Eu participo, porque na maioria das vezes minha mãe não pode ir, aí eu vou no lugar dela (Salomão, 21 anos).

Na opinião do presidente da associação de Canzanza, os jovens não se interessam muito em participar das atividades da associação, porque não tem nada que seja do interesse deles, como explica em sua fala:

No caso, são poucos. Frequentam mais nos dias das reuniões, mas não são todos que vão, são alguns. E assim, os jovens não se interessam muito. E no caso na associação, agora por enquanto, não tem, assim, nenhuma atividade para eles fazerem. Aí eles frequentam, mas pouco, por causa disso.

Como atrativo para esses jovens se aproximarem mais das atividades da associação, o presidente aponta algumas iniciativas, como curso de artesanato e/ou curso de informática e uso da internet para eles, mas diante das dificuldades financeiras da associação, não consegue promover tais cursos. Por outro lado, não parece encontrar outras alternativas. É o que evidencia a fala do presidente:

Acho que se viesse, assim, um trabalho de artesanato, que ensina os jovens a fazerem algum artesanato. Isso aí já é um meio de eles se chegarem à associação e ficar ali se divertindo. Assim, se a gente tivesse acesso a um computador, que era pra eles entrar na internet, pesquisar alguma coisa... Até

agora o recurso da gente (da associação) é pouco, não deu pra comprar um computador para a associação.

Emprego e cursos profissionalizantes, inclusive na área agrícola, no assentamento, bem como asfaltar as vias que dão acesso ao centro de Moreno e o transporte coletivo são as reivindicações aos governantes dos seis jovens que desenvolvem atividades agrícolas em Canzanza. Assim, elencam as suas reivindicações:

Acho que podia fazer um projeto para os jovens ter uma profissão e poder ficar aqui. Muitos não têm condição de fazer um curso. O governo podia fazer na zona rural um projeto para ajudar os jovens. Ter um lugar que pudesse ensinar os jovens, aqui, as coisas sobre os venenos (herbicidas). Como trabalhar com veneno, utilizar o veneno. Viesse para cá um colégio para os jovens aprender a fazer o certo, os adubos, venenos, de como utilizar, colocar nas lavouras. Isso era bem legal (Abraão, 20 anos).

Escola com mais capacitação, tivesse mais recurso para transporte e desenvolver mais empregos na zona rural. Porque o emprego que tem aqui é muito difícil para os jovens. Só fica mesmo aqui, quem não tem algum estudo. Aí tem que viver do trabalho aqui mesmo. Mas se tivesse emprego aqui, desenvolvimento na zona rural, o pessoal raramente sairia daqui. Se tivesse um bom emprego, um bom serviço, não sairia daqui. Mas muitos saem porque é bem dizer, obrigado (forçado), porque não consegue trabalhar no pesado, né? Aí fica difícil, vai procurar um melhor (emprego) (Salomão, 21 anos).

Se ajeitasse as estradas, o jovem queria realmente ficar. No inverno, o jovem não quer ficar aqui, porque é muito difícil o trajeto da cidade (Moreno) pra cá (Canzanza). Aí se as estradas fossem assim, melhor, fosse boa, fosse pista. Vamos supor, o jovem sempre queria ficar aqui. Pois mesmo se ele trabalhasse na cidade, mas eles iam vir pra cá, porque ia ser melhor a caminhada dele (deslocamento). Penso assim, que o jovem ficava (Moisés, 22 anos).

Sei lá. Fazer um projeto bom, né? Sobre agricultura. Sei não, alguma coisa pra gente fazer (Noé, 18 anos).

Construir alguma fábrica, né? Para ter construção pra aliviar mais os jovens das canas (Elias, 18 anos).

Poderiam dar assistência aos jovens do campo, olhar mais pra gente. Assistência, assim, voltada em projeto para o assentamento, que a gente pudesse através desse projeto receber algum salário. Ter carteira fichada, algo assim. Porque tem muito o que fazer num assentamento desse, mas no momento nenhum desses governos não olha. A gente do campo fica esquecido (Eliseu, 24 anos).

Ao perguntar o que os jovens de Canzanza poderiam fazer para ser atendidos pelos governantes em suas reivindicações, cinco dos seis não responderam e um sugeriu que:

Se reunissem pra conversar um com o outro. E vendo o que o governo ia fazer pelos jovens, né? Como o pessoal diz “botar a boca no trombone.” É porque a maioria dos jovens não tem bons estudos e não tem informação de algumas coisas que acontecem nas grandes cidades. Aí fica um pouco meio acanhado de fazer um protesto sobre algumas coisas. É mais por causa de informação que eles não têm. E a maioria que tem informação, nem se mexe pra isso (Salomão, 21 anos).

3.2.4 Entre ficar e sair do meio rural

No que diz respeito ao impasse que precisam decidir entre o ficar ou sair do meio rural, foi perguntado aos seis jovens, que permanecem exercendo atividades agrícolas em Canzanza, o que está faltando no assentamento para que eles fiquem no local.

Em suas respostas, cinco dos seis jovens apontaram a ausência de emprego (exceto o corte de cana), seguido da falta de capacitação no assentamento sobre práticas agrícolas que sejam promissoras, e, também, melhoria do transporte local. Desta forma, esses jovens expressam seu desejo de permanecer no meio rural, e, por outro lado, sua insatisfação com a realidade atual do Assentamento Canzanza.

O que vai ao encontro dos achados da pesquisa de Castro (2009, p. 192) em um assentamento na Baixada Fluminense (RJ), onde verificou que depois de 15 anos de existência, as famílias e o assentamento estudado “continuam sem acesso aos direitos básicos [...]. Mas diante das “difíceis condições de vida e produção apontadas pelos próprios jovens, um número importante afirmou que deseja ficar no assentamento.”

Sobre isso, assim se expressam alguns jovens de Canzanza entrevistados:

Vou ser sincero, em minha opinião, acho que falta trabalho, emprego, porque muitos ainda trabalham na mão de obra pesada e muitos não querem. Podia ter emprego voltado para algum tipo de curso, de estudo. Isso depende do Governo, do prefeito do município (Eliseu, 24 anos).

Se tivesse assim, alguns cursos aqui, mesmo na localidade, mesmo (Canzanza) pra eles (os jovens) saber mais lidar com as coisas do campo. Assim, se eles vissem que ia ganhar alguma coisa com aquele estudo que ele tá estudando aqui no campo. Se o Governo trouxesse essa oportunidade pra cá, eu penso assim, que os jovens iam ficar aqui, iam se interessar pela vida aqui no campo. Porque eles iam, vamos supor, se influenciando com os representantes aqui. Eles iam tá treinado para lidar com a vida no campo. Muitos não querem mais, porque não tem quem ajude, essas coisas assim. É muito difícil, viu? (Moisés, 22 anos).

Emprego, né? Alguma coisa pra gente trabalhar, né? Outra forma de trabalho (Noé, 18 anos).

Para os jovens ficar mais por aqui, tem que ter mais oportunidade de emprego (Abraão, 20 anos).

Uma firma aqui, construir para o jovem permanecer mais, porque muitos estão saindo, “mode” (devido) o quê? Porque não quer cortar cana. Aí se fosse uma firma aqui dentro, alguma obra, construía e ficava mais fácil, né? Dos jovens permanecerem nos assentamentos (Elias, 18 anos).

Ao tratar sobre a contribuição da associação de Canzanza para a permanência desses jovens no meio rural, dois dos seis disseram que a associação não pode fazer nada:

Eu acho que a associação não pode fazer nada. Mesmo que ela quisesse, ela não poderia fazer nada. Porque como é que a associação vai fazer (criar) meio mundo de emprego para esse pessoal da zona rural? Aí fica difícil também. Mesmo que ela pudesse fazer alguma coisa, não tinha como ela fazer (Salomão, 21 anos).

A associação em si não pode fazer nada, porque é pequena pra vista desses órgãos públicos, Governo estadual, federal (Eliseu, 24 anos).

Enquanto três jovens afirmaram que a associação podia conseguir projetos e cursos profissionalizantes, um deles falou que a associação poderia viabilizar a vinda de uma empresa para o Assentamento Canzanza. Estes desejos ficam evidentes em suas falas:

Se ela (associação) pudesse trazer alguma coisa para que os jovens pudessem aprender outras coisas, pudesse ajudar para ficar aqui. Seria legal se no assentamento viesse um projeto, uma coisa do governo para ajudar os jovens, seria bom (Abraão, 20 anos).

Assim, uma firma, pra construir. Porque muitos estão saindo porque não quer cortar cana (Elias, 18 anos).

[...] Que os representantes da associação corresse atrás de coisas melhores, aqui, para o assentamento. Os jovens não querem ficar aqui. Mas se os representantes da associação tivessem, fosse mais, vamos supor, competente, corresse atrás das coisas. Aí pra influenciar os jovens a ficar, ter mais os projetos aqui para os jovens. Eu penso que eles ficavam. Como eu mesmo às vezes, pode até vim vontade de sair. Mas se os representantes da associação corresse atrás de projetos que influenciasse os jovens a ficar, trouxesse algo... [...] Para que eles ficassem aqui. Vamos supor cursos, como eu já falei, coisas assim... (Moisés, 22 anos).

Diante das sugestões dos seis jovens para que a associação de Canzanza favoreça iniciativas que estimulem a permanência desses jovens no assentamento, o presidente da associação chama a atenção para a falta de iniciativas governamentais,

direcionadas à geração de trabalho e renda no meio rural para os jovens. Aponta, ainda, a falta de mobilidade existente nas vias do meio rural, dificultando o contato dos jovens com o meio urbano. Neste sentido, o presidente da associação justifica que:

Em Canzanza, não tem nada que incentive os jovens, ainda porque não tem uma estrutura de nada, a não ser a escola, uma igreja evangélica, e a associação. O bom mesmo era que os governos olhassem uma estrutura que era para que os jovens façam qualquer tipo de trabalho que pudesse envolver com a agricultura. Os jovens também não veem condições de estradas, não vê um galpão (empresa) no lugar que eles moram. Mas eles não veem nada disso, aí pronto, desistem logo cedo. Que depois dos estudos querem ir logo pra cidade (trabalhar e morar).

Procurou-se saber desses seis jovens sobre o que poderiam fazer para que permanecessem em Canzanza. Dois, desses seis, não responderam. Um disse não saber e os outros três disseram que os jovens deviam buscar meios de permanecer, através da organização, capacitação e esforço individual. Aspecto que denota a vontade deles de permanecer no meio rural:

Se eles (jovens) ficassem aqui no engenho, no assentamento (Canzanza), podia ser que tivesse alguns representantes pelos jovens, assim, que realmente quisesse lutar por eles (jovens). Que influenciassem eles a lutar pela vida, aqui. É isso. O Governo trouxesse alguém que influenciasse os jovens daqui a ficar, a não sair da localidade (Moisés, 22 anos).

Trabalhar com fé em Deus, se esforçar que consegue viver aqui, sem estar obrigado (dependente) aos outros lá fora (no meio urbano). Por que de um taco de terra (pedaço de terra), todo mundo vive. Se quiser trabalhar, vive. Não é muito fácil não, mas dá pra viver (Eliseu, 24 anos).

Rapaz, sei não. Depende da associação mesmo. Sei não. Sei explicar, não (Noé, 18 anos).

Procurar se interessar mais, procurar ir atrás de capacitação, procurar se desenvolver mais na zona rural. Procurar fazer capacitação de agricultor, agrônomo. Algumas coisas... (Salomão, 21 anos).

3.2.5 Pretensões Futuras

Em se tratando das pretensões futuras desse grupo de seis jovens que têm no seu cotidiano as atividades agrícolas, três deles revelaram que gostariam que as estradas que dão acesso ao Assentamento Canzanza fossem asfaltadas, pois isto facilitaria o deslocamento deles até a cidade de Moreno, principalmente na época da estação chuvosa.

Os outros três jovens gostariam que em Canzanza houvesse uma academia de malhação e a instalação de uma empresa que gerasse empregos e capacitações técnicas. Evidenciaram, ainda, que precisa haver em Canzanza um posto policial que garanta um mínimo de segurança, além da melhoria no campo de futebol, onde acontece um dos momentos de lazer desses jovens.

Por meio dessas falas, parece evidente que esses jovens desejam que exista em Canzanza apenas o cumprimento de alguns dos direitos sociais⁷ – segurança, educação, trabalho, saúde e lazer – assegurados aos cidadãos pela Constituição Brasileira, independentemente de onde morem, seja na cidade ou no meio rural.

Assim, tais jovens expressam sua insatisfação e seu desejo de que esses direitos cheguem até eles, proporcionando uma melhor qualidade de vida:

O que mais eu queria que tivesse era essas estradas pra se locomover, pois é muito difícil no inverno, tempo de chuva. Difícil mesmo pra gente se locomover de um lado pra outro, da cidade para o campo. Por enquanto, eu vejo isso (Moisés, 22 anos).

Se tivesse como eu falei no início, uma coisa assim, que os jovens pudessem aprender mais aqui na associação (educação). Que a associação tivesse um curso para a pessoa aprender, acho que o jovem ficaria mais aqui. Que ele ia ter mais conhecimento do trabalho do campo. E a associação faria uma coisa boa para os jovens daqui (Abraão, 20 anos).

Uma academia de malhação e um posto policial (segurança) seria bom também (Eliseu, 24 anos).

Ajeitar o campo que está ruim. Ajeitar os caminhos daqui que está ruim, muito buraco, somente (Noé, 18 anos).

Estradas. Estradas com asfalto. Melhoraria a vida de todo mundo, vi? Porque até para fazer um socorro (saúde – assistência a um enfermo) ficaria muito melhor (Salomão, 21 anos).

Um desenvolvimento aqui (em Canzanza), para nós ficar de dentro, agindo alguma coisa. Como eu falei sobre a obra (trabalho – construção de uma empresa) (Elias, 18 anos).

Sobre o futuro, relacionado ao trabalho, profissão, escolarização e melhoria na condição de vida desses seis jovens, três pensam em voltar a estudar, seja para concluir o ensino médio ou fundamental e/ou fazer uma faculdade de agronomia ou um curso

⁷ De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade, à infância e a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” Capítulo II – Dos direitos sociais, Art. 6º (BRASIL, 2014).

técnico numa área que tenha afinidade. Assim, contam seus anseios em relação ao estudo, profissão e trabalho:

Espero ainda estudar, me formar em algo voltado ao campo, espero coisas boas. Eu parei de estudar, mas eu tenho um sonho de um dia ser um engenheiro agrônomo, voltado ao campo. Meu sonho é esse (Eliseu, 24 anos).

O que eu desejo é os estudos, vice? Os estudos mais, porque os estudos a gente... Não tem coisa melhor. Penso em estudar (Elias, 18 anos).

Como eu já terminei meu ensino (ensino médio) que eu possa fazer uma faculdade, um curso que eu possa lá na frente ter um trabalho melhor. Fazer um curso técnico na minha área de mecânica, que eu mexo em mecânica. Que eu possa lá na frente ter um futuro melhor, uma coisa melhor. Já trabalho com motocicletas. Eu queria fazer um curso que lá na frente, quem sabe, eu possa conseguir uma coisa melhor. Possa até abrir um negócio para mim mesmo, né? (Abraão, 20 anos).

Os demais jovens pensam em procurar um trabalho numa cidade ou em ampliar sua produção e seus conhecimentos sobre a cana-de-açúcar. Dizem eles:

No futuro cada vez crescer mais a produção da cana e ficar por aqui mesmo. Conhecer cada vez mais como saber lidar com o cultivo (da cana), essas coisas assim (Moisés, 22 anos).

Eu pretendo cumprir minha obrigação e seguir a vida, e ver no que dá. Procurar um serviço melhor na rua (cidade), né? Rapaz, eu pretendo, como eu disse, tirar a habilitação e ver se arrumo (conseguir) um serviço com caminhão (dirigir), alguma coisa assim (Noé, 18 anos).

Agora mesmo eu tou querendo arrumar um emprego, me estabelecer na minha vida. Que eu quero me manter. Com o tempo que eu conseguir me manter, arrumar uma faculdade, me formar e então me casar. Arrumar uma companheira e fazer minha casinha, como eu já falei, uma aqui no engenho (Canzanza) e uma na rua (zona urbana). Pra quando eu puder sair com ela (esposa) pra rua e não vim no mesmo dia. Me deslocar da rua com ela altas horas da noite para vim para o engenho, que é muito perigoso. Aqui tem muitos empregos, mas sem carteira assinada, aí dificulta bastante a vida (Salomão, 21 anos).

Num misto de tantos desejos, há também o sonho de se estabelecer em um trabalho, ter sua própria casa e constituir família.

Buscou-se saber ainda desses jovens que desenvolvem atividades agrícolas em Canzanza o entendimento que tinham sobre o termo desenvolvimento local e como eles caracterizam tal desenvolvimento.

Foi constatado que para três dos seis jovens entrevistados, o desenvolvimento local está relacionado a melhorias do lugar (Canzanza). Já para os demais, o

desenvolvimento local está associado a projetos que visam levar algum desenvolvimento para o Assentamento Canzanza, além de estar vinculado à oferta de serviços sociais ao assentamento. Assim se expressam:

Um lugar onde o que você procure possa encontrar. Que podia ser melhor do que é. Ter um posto de saúde, ter uma academia (Eliseu, 24 anos).

É o desenvolvimento da localidade, vamos supor. Se desenvolver mais. Melhorias na localidade. As melhorias do lugar, da localidade. Se desenvolver mais com projetos que vem (Moisés, 22 anos).

Melhorar o lugar, né? Trazer algumas melhorias pra aqui pra dentro (Noé, 18 anos).

Alguma coisa que está desenvolvendo aqui e sair pra outro canto (lugar) (Abraão, 20 anos).

A pergunta já está dizendo quase tudo. É desenvolver o local que mora, né? Quando a gente veio pra aqui, a gente só via mato. Mato, mato e mato (vegetação nativa). Aí, com o tempo, a gente construiu a casa. Ver o sítio que a gente construiu! Construiu essas casas aqui, que é do meu avó e a do meu irmão lá em cima. Plantou a parcela todinha. Continua plantando. Isso é bastante desenvolvimento para onde só via mato, mato, mato (Salomão, 21 anos).

Ao se procurar saber se no Assentamento Canzanza há desenvolvimento local, quatro deles afirmaram que sim. Mesmo que, dois, desses quatro jovens, achem que esse desenvolvimento só aconteça em parte. Entretanto, os outros dois jovens responderam ao contrário, que não há desenvolvimento local em Canzanza. Eis abaixo a opinião de alguns deles:

Em minha opinião por uma parte tem, que é o corte de cana. É o único desenvolvimento que a gente trabalha. É de menor (que não atingiu idade de 18 anos), tá ganhando seu dinheirinho, pouco, mas tá se desenvolvendo com aquilo, cortando cana. Mas só que muitos jovens não tá querendo aquilo, de tá cortando cana. Corta porque é o jeito, né? Pra não ficar dependendo muito de pai e mãe (Elias, 18 anos).

Tem, né? Porque não é lugar parado, todo mundo trabalha, constrói, vai desenvolvendo (Eliseu, 24 anos).

Não, por enquanto, não. Está parado, vamos supor. Porque assim, faz uns 11 anos que eu moro aqui, e Canzanza foi sempre quase a mesma coisa assim. Melhorou algumas coisas, muitos que não tinha, hoje tem algo mais, assim conseguiu ter. Gente que não tinha nada e hoje tem moto, tem carro, tem caminhão para carregar cana, até. Mas coisas, assim, que vem de fora, do Governo... (Moisés, 22 anos).

Porque eu não entendo bem o que significa, mas acho que possa ter aqui (Canzanza) (Abraão, 20 anos).

Alguns cantos (locais) têm, não todos. Porque eu também não posso dizer (não tem conhecimento). Que tem, tem (Salomão, 21 anos).

Indagados os seis jovens como imaginam que poderia ser o Assentamento Canzanza com o desenvolvimento local, as respostas foram variadas: ter serviços básicos, entretenimento, emprego, transformação antrópica da paisagem e melhoria na qualidade de vida. Interligadas, porém, compondo um conjunto de serviços que todo cidadão deve ter. Alguns assim se expressaram:

Seria melhor, mudava muito as coisas aqui para os jovens. Rapaz, muitas coisas, vi? Muitas coisas para os jovens se desenvolver, agir mais, né? (Elias, 18 anos).

Viviam melhores. Porque ia ser melhor o desenvolvimento local. A localidade, vamos supor, ia ficar mais conhecida. Outras pessoas vinham até de fora para morar aqui, se assim tivesse desenvolvimento. Com estradas (asfalto) bastante boas, como eu já falei, com luz sempre nos postes, pra ficar tudo iluminado (Moisés, 22 anos).

Seria melhor. Ficaria melhor de se viver aqui. Porque não tem nada para o cabra se distrair com alguma coisa. Eu não sei imaginar, não (Noé, 18 anos).

Acho que ficaria melhor em tudo. Ia ter mais oportunidade de emprego, ia ter mais oportunidade do povo trabalhar. Acho que seria isso assim (Abraão, 20 anos).

Melhor, né? Melhor para todos. Em todos os sentidos. Porque onde tem desenvolvimento, sempre gera o que? Uma beleza, né? Vamos botar (dizer) assim uma beleza, porque onde você ver na zona rural, o que você mais vê é mato. Se tiver um canto que se você tiver uma paisagem mais além do que o mato, já é uma beleza. O mato é bonito, mas vamos ver o que, né? (Salomão, 21 anos).

Esses mesmos seis jovens discorreram com respostas diferenciadas a respeito de como eles podem contribuir para que o desenvolvimento local aconteça em Canzanza. Dentre suas respostas, estão questões relacionadas a ações socioeducativas, ligadas à educação ambiental e recreação infantil; à organização, a partir da formação de um grupo; à escolha de uma liderança e à realização de reuniões; à união com lideranças da associação local e, sobretudo, à permanência no Assentamento Canzanza:

Sei lá, acho que sim. Era se interessar um grupo e conversar aí com alguém que entenda para puxar projeto pra aqui, né? A situação dos jovens aqui dos engenhos para o Governo construir alguma coisa assim... (Elias, 18 anos).

Fazendo algo que fique marcado, que seja interessante, que seja voltado à população. Acho que construir algo, plantar. Ter uma ideia de fazer um time de futebol só com as crianças, ser um instrutor, pegar (escolher) uma área de reflorestamento e plantar na beira do rio (margem) (Eliseu, 24 anos).

Eles (os jovens) continuar a ficar aqui, lutar pelo que é deles por herança dos pais. Continuar a ficar, assim correr atrás dos representantes (presidente e vice da associação, prefeito e secretário de Educação de Moreno). Penso assim que eles podiam mudar mais, se sonhassem em ficar aqui realmente na

localidade. Correr atrás dos representantes para que venham as melhorias (Moisés, 22 anos).

É. Pode. Correndo atrás (buscar) mais esse povo que entende, pra ficar melhor aqui. Melhorar o lugar. Nós só pensamos em trabalhar, mesmo. Melhorar as casas, ajeitar os caminhos, porque é ruim no inverno pra ir à rua (Moreno e Jaboatão). Os roubos, porque os ladrões estão roubando muito, né? Assaltando o povo no meio do caminho, roubando as motos, esse negócio assim (Noé, 18 anos).

Acho que pode ajudar mais aqui, a associação aqui, o assentamento. Acho que os jovens reunidos podia ter algo mais (Abraão, 20 anos).

Se unindo. Conversando um com o outro para melhorar o assentamento aqui e ver o que falta para resolver, né? É porque a maioria do povo, aqui, trabalha “um por si e Deus por todos,” aí fica difícil. Aí se todos se unissem e fosse ajudando uns aos outros, melhoraria muito aqui (Salomão, 21 anos).

Assim, o prazer de viver no meio rural parece ser um sentimento de todos os seis jovens desse grupo que desenvolvem atividades agrícolas no Assentamento Canzanza. Há, igualmente, por parte deles, o desejo de ter um trabalho menos exaustivo, de continuar os estudos, de se profissionalizar e, também, de transitar no mundo urbano por estradas asfaltadas. A intenção de permanecer no assentamento é a opção de quatro deles. E o propósito de suceder seus pais no meio rural é igualmente percebido em alguns desses jovens.

Apesar de ter poucas informações sobre políticas públicas e como acessá-las e, ainda, sem contar com uma instituição que lhes oriente, esses jovens têm a consciência de que é preciso se unir e se organizar, tendo em vista que Canzanza não possui melhorias estruturais, sociais e econômicas e acesso a melhores condições de vida, tudo isso faz com que parte desse grupo de jovens pense em trabalhar e morar num centro urbano.

Apesar de todos os jovens, desse grupo, terem renda oriunda das atividades agrícolas, apenas um é proprietário de uma parcela no assentamento. Metade do total desse grupo de jovens não gosta das atividades agrícolas que desempenha e não pretende ficar nessas atividades durante toda a vida.

Aspecto que sinaliza a necessidade de uma política governamental e/ou não governamental, em parceria com outras organizações e/ou instituições do município de Moreno (sindicato rural, prefeitura, conselho da juventude municipal, associação local), estratégia esta fundamental para instaurar um processo de desenvolvimento local

(JESUS, 2003) em Canzanza, com repercussões no próprio desenvolvimento local de Moreno.

No item seguinte, apresentaremos a análise de um grupo de jovens que abandonou as atividades agrícolas (corte de cana) para trabalhar no meio urbano em uma atividade não agrícola, mas permanece domiciliado em Canzanza.

3.3 Jovens que trabalham em atividades não agrícolas, em áreas urbanas, mas retornam para o Assentamento Canzanza todos os dias

Caracterização dos jovens, que têm como ocupação as atividades não agrícolas

O jovem João

É casado, tem 21 anos de idade e estudou até o 1º ano do ensino médio. Atualmente, está trabalhando na construção civil, como ajudante de pedreiro, há uma semana, no município de Moreno. Antes trabalhava numa madeireira em Jaboatão dos Guararapes. Acha muito pouco a remuneração que recebe pelo seu trabalho, para onde se desloca às 5 horas da manhã e retorna ao Assentamento Canzanza às 18 horas, usando como meio de transporte uma motocicleta.

Nem o jovem João nem seu pai são proprietários de parcela no Assentamento Canzanza. Suas casas foram construídas na área comunitária do assentamento, que eles chamam de área verde. Seus pais e irmãos têm um lugar onde cultivam banana e outras culturas, que comercializam aos sábados na feira livre de Jaboatão dos Guararapes. João conta que esse seu trabalho, atual, é importante para ele continuar morando no assentamento.

Esse jovem diz não gostar muito de trabalhar na terra, mas quando perguntado se gostaria de ser proprietário de uma parcela, através de um programa governamental de reforma agrária, sua resposta mudou, afirmando que se for para trabalhar em sua própria terra, ele gosta, mas na parcela dos outros, não:

Gosto se for para mim mesmo. Agora para os outros, não gosto, não. Se ia! Aqui a gente não trabalha muito porque aqui é assentamento de área verde (área onde cultivam), aí não podemos plantar cana. E o sustento aqui é mais cana (João, 21 anos).

Mesmo passando doze horas de seu dia, trabalhando na área urbana de Moreno, volta todos os dias para Canzanza. Esse jovem se considera morador do campo e não da cidade, quando indagado: “Do campo. Para mim é, porque para mim rua (cidade) não presta. Gosto de rua, não, nunca gostei” (João, 21 anos).

O jovem Sansão

Cursou o ensino médio e o curso técnico em agricultura em um Instituto Federal. Tem 23 anos, é solteiro e evangélico. Já ficou seis meses na área técnica, na função de cabo agrícola, numa usina, chegando a trabalhar com herbicidas. Mas hoje trabalha na refinaria em Suape, município de Ipojuca, na função de apontador de obra. Considera-se satisfeito com esse emprego. Assim, ele aborda sobre a sua atividade:

[...] Aí lá o serviço mesmo, trabalho com documento. Com documentação. RDC é um relatório diário que cada encarregado faz. RDC tem 3 folhas: a 1ª folha é o serviço executado, a 2ª é o efetivo que tem na obra, e a terceira são os equipamentos que são usados. Fico responsável pelo plano de saúde quando chega, pelos cartões, folga de campo, marcar férias, crachá da empresa, quando chega. Eu fico responsável por tudo isso.

O grande sonho desse jovem é comprar uma casa na cidade. Ele diz, ainda, que se orgulha de ser um jovem rural, pois, segundo ele, o jovem rural é superior em alguns aspectos ao da cidade, conforme explica:

Quando me perguntam, eu sempre falo que sou de Moreno, do município de Moreno, da zona rural de Moreno. Sempre me identifico assim.

Eu tenho orgulho! Porque hoje, muitas coisas, os jovens da zona rural sobem e os da zona urbana...descem. Em relação à droga e outras coisas aqui. Assim, quem é do engenho, não tem tanto contato. É raro ter um drogado no sítio, roubando (Sansão, 23 anos).

O Jovem Paulo

Tem 24 anos, é evangélico e estudou até o 2º ano do ensino médio, tendo que desistir dos estudos, pois casou e teve que trabalhar. Devido ao seu pai ter problemas de saúde, Paulo ficou com a responsabilidade de manter a sua família e ainda ajudar financeiramente os seus pais. Mas, futuramente, ele pensa em estudar Engenharia mecânica ou civil.

Esse jovem é o irmão mais velho da família e pai de um menino. Não tem parcela, nem casa própria, mora na parcela de seus pais, juntamente com eles.

De 2007 a 2011, Paulo trabalhou na Usina Bom Jesus, no laboratório de sacarose, no período da colheita e moagem da cana-de-açúcar. No período da entressafra da cana, para se manter, trabalhava de mototáxi na área urbana do município de Jaboatão dos Guararapes. E voltava todos os dias para o Assentamento Canzanza.

Seu sonho é comprar uma casa em Moreno, para morar com sua esposa e seu filho, como relata: “E ter minha casa própria, né? Que eu moro na casa dos meus pais. Hoje eu penso em Moreno” (Paulo, 24 anos).

Paulo diz não ter vergonha de falar, seja onde for, que reside na zona rural de Moreno, no Assentamento Canzanza. Tem a consciência de que alguns jovens, ao contrário dele, se sentem envergonhados de revelar sua origem rural. Talvez, na intenção de evitar serem vítimas de preconceito:

Me orgulho. Quando as pessoas me perguntam, eu digo. Tenho vergonha, não. Me orgulho. Não me acanho, não. Porque às vezes têm pessoas que chega numa cidade, chega num lugar estranho, tem vergonha de dizer que é da zona rural. Às vezes fica acanhado, mode (devido) as pessoa tá mangando (ridicularizando). Às vezes, tem pessoas que dizem, como aquela história: olha o matutinho, do engenho... Às vezes, tem pessoas que brinca, mangando assim. Mas isso não me influi nada não. Tenho orgulho. Mora onde? Moro em Canzanza. Tem pessoas que chama a pessoa até pelo lugar que a pessoa mora.

A seguir, serão detalhadas as peculiaridades nas cinco subcategorias escolhidas neste estudo, a respeito dos três jovens que têm como ocupação as atividades não agrícolas no meio urbano.

3.3.1 Atividade profissional e renda

O grupo de jovens de Canzanza que trabalham em atividades não agrícolas em áreas urbanas é composto por três rapazes, acima caracterizados, não proprietários de parcela ou lote de terra. Eles abdicaram do trabalho árduo na cultura da cana e foram buscar, nas cidades vizinhas ao Assentamento Canzanza, outra opção de atividade profissional e renda.

Três jovens entrevistados falam sobre a remuneração obtida com o seu trabalho:

Gosto, estou satisfeito lá. É um serviço assim, porque primeiro que eu gosto de escrever. E a pessoa escreve bastante, lá. Não é pesado, só anda um pouquinho para dar umas revisadas, mas não é pesado. Fica mais na sombra Trabalhando na refinaria em Suape. Fica no município de Ipojuca (Sansão, 23 anos).

Eu trabalho em Suape, na refinaria. Eu entrei de ajudante, agora tou de operador, lá. Operador de pá carregadeira. Eu estou, vai fazer um ano e nove meses (nesse trabalho em Suape) (Paulo, 24 anos).

Dois jovens, que estão satisfeitos com o seu trabalho não agrícola, chamam atenção para os benefícios trabalhistas – plano de saúde, pagamento de horas-extras, café da manhã, almoço, lanche. Vantagens nunca obtidas em uma atividade agrícola:

[...] Porque em termo dos benefícios de lá, que aqui (Canzanza), eu nunca tive. A gente tem plano de saúde, toma café lá de manhã, almoça. Se ficar até 19 horas, tem o lanche. O transporte é bom, bem confortável. Legal, bem legal mesmo (Paulo, 24 anos).

É, tem um vale-alimentação de R\$ 310,00. Tem mais plano de saúde, tem o salário, e se trabalha de segunda a sexta-feira. Sábado, se for trabalhar, já é extra (hora extra) (Sansão, 23 anos).

Para chegar no horário determinado a seus trabalhos, esses jovens precisam acordar muito cedo. Saem de Canzanza às 5 da madrugada para ir ao Porto de Suape.

No período de inverno, esses jovens têm que sair uma hora ainda mais cedo, devido às chuvas e o lamaçal da estrada, que liga Canzanza ao centro do Cabo de Santo Agostinho. Muitas vezes chegam a atolar a motocicleta durante o percurso. Assim, dizem eles sobre os seus trabalhos:

No assentamento, eu não tenho atividade nenhuma. Porque eu saio de 5 horas (da manhã) e retorno de 6h30-7 horas (18h30-19 horas). Aí o tempo que eu passo aqui é curto, é só tomar café e dormir. E quando vou para a igreja. É assim, porque eu deixo a moto no centro do Cabo. Saio de 5 horas, chego lá de 5h35-5h40, aí pego o ônibus no Cabo e vou para Ipojuca, para a refinaria, que a empresa manda. Aí do Cabo é 20 minutos, 25... Depende, porque tem dia...Inverno, vou antes de 4h30 (da madrugada), devido ao caminho (Sansão, 23 anos).

Ao indagar esses três jovens sobre se essas suas atividades não agrícolas são importantes para a sua permanência em Canzanza, apenas um disse que sim. Os demais disseram que devido às dificuldades de transporte, deslocamento e comunicação pensam em morar numa cidade. Dois deles assim se expressaram:

Rapaz, eu não tenho vontade de continuar morando aqui, não, por causa das dificuldades. Acorda muito cedo, chega tarde. O caminho é perigoso, em cima de uma moto. E a pessoa mais perto é melhor, né? Que não tá dependendo de moto. Que no dia a dia que a gente vê, o que vê, de gente acidentada de moto (Paulo, 24 anos).

Primeiro que eu moro aqui, mas não sou muito chegado a sítio, não. Eu sempre gostei mais da área urbana. Primeiro porque aqui mesmo a pessoa tem dificuldade para internet, tem dificuldade para rede de celular e transporte e entre outros (Sansão, 23 anos).

Além das estradas precárias, esses jovens ainda têm que conviver com a ameaça de roubos constantes de motocicletas nas vias por onde trafegam.

Ao chegar em suas casas no Assentamento Canzanza, já é noite (19 horas para os que vêm de Suape e 18 horas para os que vêm de Moreno). Mas nos dias em que tem culto na igreja Assembleia de Deus, os jovens evangélicos procuram chegar um pouco mais cedo para participar.

Esses dois jovens trabalham de segunda a sexta-feira nos dois horários e, aos sábados, no horário da manhã. Algumas vezes, porém, aos sábados trabalham nos dois turnos.

Sobre a oportunidade de emprego em Canzanza, os três concordam que há trabalho para os jovens no assentamento, porém apenas em atividades agrícolas, em sua maioria relacionadas com a cultura da cana-de-açúcar. Diz um deles: “Só é agricultura mesmo. É porque aqui não tem obra, não tem indústria. Os serviços que tem é cortar cana, limpar, adubar. Quando está em época de plantio também” (Sansão, 23 anos).

E no meio urbano de Moreno, os empregos são muito poucos, devido à insuficiência de fábricas e infraestrutura, razão que tornou Moreno uma cidade-dormitório, afirma um dos três jovens.

Primeiro que Moreno é uma cidade-dormitório, uma grande maioria só chega em Moreno pra dormir, passa o dia...(fora). Sempre sai de Moreno para prestar serviço em outras regiões, em outras cidades, porque em Moreno, pela quantidade de pessoas, não tem emprego para todo mundo. Aí muita gente sai para trabalhar fora. Inclusive no Recife, Suape agora, que sai muita Rota (empresa de ônibus que transporta os trabalhadores de Moreno até Suape) de Moreno (Sansão, 23 anos).

Como conquista resultante do seu trabalho não agrícola, um jovem construiu sua casa, outro comprou uma motocicleta e o terceiro não respondeu.

3.3.2 Morar no meio rural

Sobre morar no Assentamento Canzanza, apenas um, dos três jovens, disse gostar. Os outros dois disseram que não gostam, devido às dificuldades que há no assentamento para se trabalhar numa cidade e, ainda, porque Canzanza só oferece oportunidade de trabalho na área agrícola:

Assim, eu moro, mas não gosto muito, não. As dificuldades que tem pra gente trabalhar fora. Aqui dentro, a gente vai trabalhar só de corte de cana. É ruim demais (Paulo, 24 anos).

Até agora, gosto. Até agora não apareceu outro lugar melhor (João, 21 anos).

Não. Primeiro as dificuldades que a pessoa tem. Porque aqui são muitas dificuldades para ir pra o Recife (Sansão, 23 anos).

Em relação às pretensões desses jovens de viverem toda a vida em Canzanza, apenas um, dos três, tem essa certeza. Enquanto os demais pensam, em algum dia sair para uma cidade, alegando a situação crítica relacionada à falta de serviços básicos, que tornam a vida rural ainda mais difícil. Assim, esses jovens expressam seus desejos:

Sair, pra Moreno. Porque eu não gosto mesmo de Sítio, de engenho, não (Sansão, 23 anos).

Em tenho a intenção de sair algum dia. Tenho vontade de ir pra Moreno (área urbana) (Paulo, 24 anos).

Não, penso não. Penso em ficar por aqui, mesmo (João, 21 anos).

Apenas um jovem, dos três, pretende dar continuidade ao trabalho do pai na parcela, mas vê essa possibilidade como uma espécie de reserva, se acontecer de ficar sem emprego na cidade. E os outros dois jovens, um, o pai não possui parcela (mora na “área verde” do assentamento), e o terceiro jovem, por não gostar das atividades do meio rural, respondeu negativamente, quando indagado sobre o assunto. Eis abaixo a opinião de dois deles:

Pretendo dar continuidade, né? Porque emprego, hoje, a gente está trabalhando. De repente, e obra (construção) sabe como é. De repente possa ser que o cara seja demitido, e estando com a parcela vai ajudar, né? Aí é uma coisa que a gente não pode deixar cair, nunca. Sempre ajudar (Paulo, 24 anos).

Primeiro, que se fosse para eu trabalhar no campo, eu só queria dar assistência técnica mesmo. [...] Primeiro que nada do serviço do campo, eu

gosto. Só essa área, assim, que eu gostei, que é uma área de assistência, que assim, a pessoa avalia, né? O trabalho dos agricultores (Sansão, 23 anos).

Sobre o modo de vida no meio rural, os três jovens que trabalham no meio urbano disseram gostar do campo por ter mais liberdade e tranquilidade e não existir o uso de drogas pelos jovens, bem como a ausência de roubos no assentamento. Assim, dois deles relatam:

O bom é o ar, é diferente. A liberdade, calmo, tranquilo, todo mundo conhece todo mundo (Paulo, 24 anos).

É ter liberdade, porque na rua (cidade) é tudo ... Não se pode nem ligar um rádio alto, porque já tem outro pra reclamar. E aqui, não... (João, 21 anos).

O que leva esses três jovens ainda a permanecer em Canzanza, mesmo trabalhando numa cidade, é o prazer de morar no meio rural e o apego que têm aos familiares que lá residem, como relataram dois, dos três jovens entrevistados. Em contrapartida, um deles diz que a falta de recursos financeiros para comprar uma casa no meio urbano faz com que ele permaneça em Canzanza. Aspectos revelados em seus comentários:

Por causa de meus pais, minha mãe. Sou apegado muito com a minha família. Ficava no Cabo, achava ruim, dava vontade de chorar, longe da família. Nascido e criado aqui, né? Acostumado com a rotina, o dia a dia, as amizades. Crescendo junto, brincando junto. Aí isso prende muito (Paulo, 24 anos).

Porque eu só moro mesmo em engenho. Eu não gosto de rua, não (João, 21 anos).

Sem condições de comprar uma casa própria na cidade (Sansão, 23 anos).

Nos momentos de lazer, dois desses três jovens se ocupam em ir à igreja evangélica, pois lá eles encontram seus correligionários, ensaiam suas participações nos cultos e se socializam. O terceiro jovem, desses três, diz que em Canzanza não há tantas opções de lazer, restando apenas o campo de futebol do assentamento:

Vou pra igreja. Na folga de final de ano mesmo, eu trabalhei aqui na parcela. Para igreja, o único lugar que eu vou. Só vou pra igreja mesmo ou resolver alguma coisa em Moreno (meio urbano). Em termo de divertimento, ir para a praia, jogar bola, não. Porque assim, eu sou evangélico, não combina, não (Paulo, 24 anos).

De lazer não tem nada, só o campo pra jogar bola, mesmo (João, 21 anos).

Eu sempre fico mais em casa. [...] Primeiro que eu só tenho disponível o domingo [...]. Aí no domingo quando amanhece o dia, 7 horas eu vou pra Moreno, corto meu cabelo e quando chego (em Canzanza) é hora de almoçar. [...] Aí tem dia que eu tou bem cansado. E tem dia que eu não tou, aí eu vou para evangelização, e quando volto é 16h30-17 horas, já é hora de ir à noite para a igreja. [...] (Sansão, 23 anos).

Desses três jovens, apenas um tem acesso à internet. E, segundo ele, gosta de acessar a rede social *facebook*, *e-mail*, além de pesquisar sobre oportunidades de emprego, cursos técnicos e concursos. Outro chegou a fazer o curso de informática, mas nunca praticou:

[...] Fiz o curso de informática, mas já esqueci tudo (Paulo, 24 anos).

Só quando eu saio, quando vou para Moreno mesmo, em *lan house*. É a única forma que eu tenho de acesso. E porque agora, eu tou com pouco tempo de acesso. Estou sem tempo, trabalhando até o sábado, aí só tem o domingo. E no domingo em Moreno, as *lan houses* não abrem. Mas sempre quando eu ia para as *lan houses*, mesmo, sempre olhava as oportunidades de emprego, cursos técnicos, concurso. Sempre via isso. *Face* também (Sansão, 23 anos).

3.3.3 Políticas públicas para a juventude rural

Procuramos saber desses três jovens com ocupação em atividades não agrícolas no meio urbano sobre a existência de programas e/ou projetos governamentais voltados para os jovens de Canzanza, seja em nível municipal, estadual ou federal. Eles foram unânimes em informar que nunca houve tais ações em Canzanza.

Quanto a ter algum conhecimento sobre o Estatuto da Juventude, apenas um, dos três jovens entrevistados, disse já ter ouvido falar sobre isso. Contudo, não sabe bem do que ele trata. Tampouco nenhum deles acessou ou ouviu falar sobre políticas públicas voltadas à juventude rural: “Já ouvi falar, mas não sei bem o que é isso. Assim, vi o povo comentando, mesmo” (João, 21 anos).

Com exceção do ensino de luta de capoeira para os jovens interessados, não houve outras atividades para os jovens do assentamento: “Assim, uma vez teve um cara para aprender (ensinar) esse negócio de luta, capoeira, essas coisas. Foi o projeto que teve. Mas outro, não. Passou uns três meses aqui, depois... (acabou)” (João, 21 anos).

Indagados sobre a participação na associação do Assentamento Canzanza, apenas um, dos três jovens nessa categoria, revelou que participa, porém em casos raros,

quando seu pai não pode estar presente à reunião da associação. E os outros dois jovens que não participam justificam que não são proprietários de uma parcela de terra no assentamento, e o outro diz que esse é um dever de seu pai ou do irmão. Informa, entretanto, que já chegou a participar, porém sem nenhum compromisso:

Às vezes, eu vou no lugar do meu pai, na vaga dele, quando ele não pode ir. É porque, eu não participo muito, não. É difícil eu ir, quem vai mais é meu pai. Eu vou algumas vezes perdidas, é difícil demais. Quando ele não pode ir, aí, eu vou. É porque assim, eu não sou assentado. Não tenho parcela, aí fico um pouco acanhado, né? Sem ter parcela para tá no meio, escutando as conversas lá (Paulo, 24 anos).

Isso é mais para parceleiro (proprietário de uma parcela ou lote), mesmo. A gente não vai, não (João, 21 anos).

Não. Por nada. Meu pai vai, meu irmão tem vez que vai. Aí como a associação é pequena, pra não ficar muito tumultuada. Assim, quando ele (o pai) não pode ir, eu vou, mas não aquela rotina, ter aquele compromisso por mês, entendeu? (Sansão, 23 anos).

Esses três jovens entrevistados esperam dos governantes ações que favoreçam a sua permanência no meio rural, tais como a criação de oportunidades de empregos e a implantação de projetos agrícolas viáveis aos jovens, por meio dos órgãos governamentais, a exemplo do Incra. Assim, eles expressam seus desejos:

Dar mais oportunidade de emprego, né? Em Moreno (meio urbano), pertinho. [...] (Paulo, 24 anos).

Porque aqui (Canzanza) é ruim até para isso. Pra vim algum negócio aqui pra dentro, é muito difícil (João, 21 anos).

Assim, liberando projetos. Como antigamente, o Incra liberava projeto para a pessoa plantar. Aí eu creio assim, que liberando mais projeto, eles podiam permanecer, porque ia se empenhar... Dinheiro para investir em alguma plantação (Sansão, 23 anos).

Ao serem indagados acerca do que eles podiam fazer para permanecer em Canzanza, um deles expôs que não tem pretensão de reivindicar nada. Outro disse que ele não tem a possibilidade de fazer nada. E o terceiro, não respondeu. Podemos inferir que existe, por parte desses jovens, uma falta de conhecimento acerca de seus direitos como cidadãos. Desse modo, um jovem expressa a situação do pensamento da maioria deles no assentamento: “Rapaz, é porque a turma daqui não gosta desse negócio, não. De tá reivindicando nada, não. Fica mais calado, comenta assim, às vezes, só com os

colegas, mesmo. Acha ruim tá no corte de cana, mas não tem outro meio” (Paulo, 24 anos).

3.3.4 Entre ficar e sair do meio rural

Sobre a situação da permanência desses três jovens em Canzanza, foi solicitado, nesta pesquisa, que opinassem sobre o que está faltando no assentamento para que eles não migrassem para a sede de uma cidade.

Dois jovens se referiram à necessidade de melhoria nas estradas, no transporte e na comunicação. Pois as estradas, no período de inverno, ficam quase que intransitáveis e o sinal das redes de celular não funciona em Canzanza, exceto em alguns pontos estratégicos, nas áreas montanhosas, distantes das residências. Um dos jovens acha que faltam cursos na escola do assentamento, à noite, para os jovens que trabalham:

Facilitava se colocasse uma rede para celular e a turma (a comunidade) não tivesse dificuldade. Melhorar o transporte (Sansão, 23 anos).

Rapaz, fica melhor para o cara continuar se as estradas fosse boa, acesso bom. Porque é perto daqui pra cidade (meio urbano de Moreno). Agora, no inverno, pra você sair daqui, de dentro, com um socorro, resolver alguma coisa, é difícil demais (Paulo, 24 anos).

Rapaz, escola tem para aprender. Um negócio para se fazer era cursos (à noite) aí na escola. Até que eu ia, para aprender mais (João, 21 anos).

Outro jovem afirmou que tais problemas devem ser resolvidos pela Prefeitura e Governo local, mas também pelo vereador e pelo deputado: “Depende da Prefeitura (de Moreno) lançar um projeto para o Governo, para melhorar a estrada. Tanto vereador, tanto deputado aí...” (Paulo, 24 anos).

Acerca da contribuição da associação de Canzanza na permanência desses três jovens que se ocupam em atividades não agrícolas no meio urbano, o primeiro, dos três, não respondeu; o segundo acha que a associação deveria estimular as atividades agrícolas como forma de trabalho e renda para os jovens; e o terceiro acha que a associação pode buscar meios para que os jovens possam conciliar trabalho e estudo. Dizem dois entrevistados:

[...] Porque tem muitos jovens que param de estudar para trabalhar. Poderia abrir uma sala, por exemplo, “jovens aprendizes;” poderia ter uma turma para aqueles jovens que deixaram os estudos e foram trabalhar logo cedo, porque

precisou. Aí, como o serviço do campo é meio pesado, aí ficava muito cansativo, aí deixaram, abandonaram a escola (Sansão, 23 anos).

O que a associação pode é ajudar, né? Os jovens. Aconselhar, ajudar, incentivar a trabalhar nas parcelas pra que não vá embora. Pra que continue aqui (Paulo, 24 anos).

A respeito de como esses três jovens podem favorecer a sua permanência em Canzanza, um deles disse que nada pode fazer. Outro também diz que nada pode fazer, mas continua opinando que é preciso se unir e exigir benfeitoria nas estradas. E o terceiro declarou que os jovens poderiam iniciar um movimento em prol da permanência da juventude no meio rural, por meio do apoio do presidente da associação. Dois deles assim se expressam:

Podem falar com o presidente (da associação) e fazer um abaixo-assinado para ver se melhora mais (Sansão, 23 anos).

Acho que os jovens não podem fazer nada, não. O que podem fazer é pedir, mesmo. Se chegar, né? É o mais que a turma cobra, principalmente na época de política. Quando vem pedir voto (os candidatos a cargos políticos), a turma reivindica isso aí. Pede mais melhorias das estradas (Paulo, 24 anos).

3.3.5 Pretensões futuras

Dentre as coisas que gostariam que existissem em Canzanza futuramente, esses três jovens entrevistados almejam cursos no horário noturno, a criação de um comércio básico local, opções de lazer, melhoria na comunicação (celular e *internet*) e estradas transitáveis. Como exemplo de tantas necessidades, um jovem relata do que sente mais falta:

[...] Uma pizzaria, que aqui não tem. O cara quer comprar algum negócio, ir no mercadinho, não tem. Quer comprar, de repente, um remédio, uma coisa, não tem. Quer comprar qualquer outra coisa, vamos supor, botar um combustível, tem que sair daqui pra Moreno (área urbana) (Paulo, 24 anos).

Em relação ao futuro, sobre escolarização, trabalho e profissão e melhoria das condições de vida, esses três jovens pensam um dia ter seu próprio negócio, ter uma casa na cidade e continuar os estudos, buscando uma formação profissional. Por meio das falas desses jovens, ficam evidentes as dificuldades que há em Canzanza para se

trabalhar e estudar e que tais obstáculos podem ser amenizados quando se mora em um centro urbano. Dizem eles:

Rapaz, eu penso é crescer mais. Pegar outra profissão (engenharia mecânica ou civil). E voltar a estudar que... Eu tenho muita vontade de voltar a estudar, mas só que aqui (Canzanza) não tem como eu estudar, não. Que a escola (de Canzanza) não ensina à noite, só ensina de 1ª a 4ª série. [...] Porque é muito bonito, né? Você tá trabalhando num emprego voltado aos estudos. E aqui (Canzanza), eu não tenho como estudar. Não tem ônibus à noite, não tem nada. Se eu tivesse na rua (zona urbana), tava o que? Vinha do trabalho e ia estudar (Paulo, 24 anos).

Eu penso não sair do emprego agora. Sempre seguir em frente, comprar uma casa e sair da zona rural, e deixar um pouco de lado essa área agrícola (Sansão, 23 anos).

Eu penso em algum dia trabalhar para mim mesmo. Parar de trabalhar para os outros. Em qualquer coisa (trabalhar), dando para mim, mesmo. Um trabalho próprio, mesmo, pra mim (João, 21 anos).

Ao tratar do entendimento do conceito de desenvolvimento local com os três jovens, dois disseram que é algo relacionado com a realidade local, como investimentos no lugar onde eles moram, como o objetivo de crescimento no sentido de melhorias na qualidade de vida. Mas um deles não soube responder:

É uma forma dos agricultores mostrarem como está vivendo a comunidade. É uma forma de desempenho da comunidade, como estão vivendo os dias de rotina, a rotina do trabalho (Sansão, 23 anos).

Eu não tou, nem entendo o que é esse desenvolvimento local (João, 21 anos).

Desenvolver no local que a pessoa mora. Investir no lugar que a pessoa mora. Crescer no lugar que a pessoa mora. Entendo que é isso aí (Paulo, 24 anos).

Continuando no tema do desenvolvimento local, procuramos saber desses mesmos três jovens se há desenvolvimento local em Canzanza. Dois deles afirmaram que há, pois houve uma melhoria nas condições de vida da população local, com a aquisição de veículos, reforma das residências e ampliação da produção agrícola local e comercialização dos produtos para fora do assentamento. Um deles considera que não existe desenvolvimento em Canzanza. Dois assim se expressam:

Tem desenvolvimento, nem tanto, mas tem desenvolvimento local. Primeiro que antigamente era da usina Colônia o Engenho Canzanza. Aí passou um tempo parada. [...] Aí o Incra mandou muitos projetos. As casas antigamente eram todas de barro, era um arruado, essas coisas, ninguém tinha carro, ninguém tinha moto. E hoje eu vejo uma grande diferença. É casa que o

governo deu, é projeto para a turma investir, reforma, projeto de bovino, muitos projetos. Aí eu vejo o desenvolvimento da comunidade. Como era antes pra mim era parado, como não tinha uma boa condição de vida. E hoje tem muita facilidade. E tudo isso é desenvolvimento. Desenvolvimento é uma coisa que tá se desenvolvendo. [...] (Sansão, 23 anos).

Tem. Tem desenvolvimento local aqui. Porque a pessoa planta, a pessoa leva pra rua pra vender algumas coisas, como a turma vende em Moreno mesmo. Aí isso é um desenvolvimento local, né? Que a gente planta e vende na rua. Uma coisa daqui, que a gente viu crescer, plantou, cuidou (Paulo, 24 anos).

Ao pedir que esses três jovens imaginem como seria Canzanza, tendo desenvolvimento local, dois disseram que seria um lugar onde alguns dos direitos sociais seriam assegurados a essa população rural (saúde, a educação) e as pessoas realizariam suas atividades com mais satisfação. E o terceiro jovem, dos três, diz não entender sobre desenvolvimento local. Dizem dois deles:

Ficava melhor em relação a tudo o que eu falei. Assim, trânsito de transporte, que era mais uma forma de se desenvolver. É uma dificuldade que a turma tem. Posto médico também que não tem, hospital. O engenho tá se desenvolvendo. Mas isso tudo era mais desenvolvimento. Porque não tem um desenvolvimento que fique aqui, (eles) sempre têm que sair daqui pra resolver as coisas fora. O colégio também tem até a 4ª série, poderia ter até a 8ª. Isso aí era mais desenvolvimento (Sansão, 23 anos).

Seria melhor, né? As pessoas ficavam mais empenhadas nas atividades, mais empenhadas nos serviços (Paulo, 24 anos).

Finalizando a entrevista com esses três jovens sobre o tema do desenvolvimento local, buscamos compreender como eles podem contribuir para que tal desenvolvimento aconteça em Canzanza. Apenas um dos jovens abordou o assunto: “Vai trabalhar mais os pais, plantar de manhã, de tarde. E às vezes trabalha e ainda vai estudar. Sai nas carreiras, toma banho rápido, pra pegar o ônibus, para dar tempo pra ir pra Moreno (meio urbano) estudar” (Paulo, 24 anos).

Para esses três jovens, portanto, o cotidiano em Canzanza apresenta dificuldades de mobilidade, trabalho e renda, comunicação, transporte, educação, segurança, saúde, lazer e iluminação pública. Apesar dessas dificuldades, eles retornam ao assentamento à noite. Este é um dos aspectos que levam os jovens que desenvolvem atividades não agrícolas fora do meio rural a querer morar num centro urbano. Mesmo que, de forma precária, possam acessar os serviços básicos que lhes proporcionem o mínimo de qualidade de vida, assegurados pelos direitos trabalhistas.

Mesmo tendo a pretensão de sair de Canzanza, esses jovens não deixam de reconhecer as vantagens de se morar no assentamento, devido à tranquilidade e liberdade oferecidas pela vida no campo. É nesse sentido que esses jovens desejam que os governantes desenvolvam projetos para criação de empregos no meio rural, aspecto que favoreceria a permanência de muitos jovens no campo.

Em síntese, pelo que tudo indica, o que os jovens gostariam mesmo era de permanecer no meio rural junto a seus familiares, desde que fossem atendidos com condições satisfatórias de trabalho e renda e acesso a serviços básicos.

Nesses termos, parece que as atividades não agrícolas exercidas pelos jovens fora do meio rural, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, não interferem diretamente na sua permanência no meio rural, desde que este apresente uma infraestrutura mais adequada para se viver e locomover. Seja como for, o apego aos seus familiares e o prazer de morar no meio rural são ainda determinantes para que esses jovens permaneçam em Canzanza.

No item a seguir, vamos conhecer a terceira categoria analisada, os jovens que trabalham no Assentamento Canzanza em atividades agrícolas, ajudando os pais, e estudam na zona urbana de Moreno ou em outro assentamento.

3.4 Jovens que trabalham no Assentamento Canzanza em atividades agrícolas, ajudando os pais e estudam na zona urbana ou em outro assentamento

Caracterização dos jovens que têm como ocupação ajudar os pais em atividades agrícolas e estudar

O jovem Pedro

Pedro tem 17 anos de idade, é solteiro e evangélico. Atualmente, está cursando o último ano do ensino médio na área urbana de Moreno e está aprendendo a tocar violão, nos períodos livres, recebendo aulas de um amigo em Canzanza.

Esse jovem tem vontade de estudar mecânica de automóveis. E seu pai, tem nele, um aliado para as diversas atividades agrícolas, desempenhadas, muitas vezes, no período da noite, principalmente em virtude da feira livre de Moreno, às sextas-feiras, na qual são vendidos os produtos agrícolas produzidos pela família.

Pedro almeja ter sua própria renda. Para isso, compra, com a remuneração que o pai lhe dá, bovinos jovens, para engorda e venda posterior.

O jovem José

É o mais novo dos 15 entrevistados. Com 16 anos de idade, atualmente está cursando o primeiro ano do ensino médio na área urbana de Moreno. É solteiro, tem dois irmãos. Seu sonho era ser um jogador de futebol, mas tem consciência de que, para isso, devia ter começado a jogar desde muito pequeno: “Um jogador, um advogado, esses negócios assim, etc. Sair pra trabalhar e sempre voltar para cá, morar aqui.”

Desempenha uma diversidade de atividades agrícolas, juntamente com seu irmão de 14 anos, na intenção de ajudar seus pais. Dentre elas, podemos citar as atividades que envolvem a cultura da cana-de-açúcar (colheita, plantio e tratos culturais) e as atividades das culturas alimentares e comerciais, como milho, feijão, macaxeira, batata, inhame, banana, hortaliças, além de cuidar dos animais que a família possui.

Os pais de José comercializam seus produtos agrícolas nas feiras livres de Moreno e Jaboaão dos Guararapes, aos sábados. A mãe transporta os produtos até a feira livre de Jaboaão no ônibus que circula no trecho Canzanza – Jaboaão, enquanto o pai usa um triciclo, que recebeu do Projeto Pais, da Assocene, para levar seus produtos até a feira livre de Moreno.

3.4.1 Atividades profissionais e renda

Esses dois que ajudam seus pais nas atividades agrícolas em Canzanza e estudam na área urbana de Moreno são os mais jovens que entrevistamos.

Pelo seu empenho nas atividades agrícolas, ajudando seus pais, esses jovens, além de uma pequena remuneração que recebem dos pais, também são recompensados com bens materiais, que são objeto do desejo deles, como aparelho celular, TV, instrumentos musicais, como violão, roupas, calçados, material escolar e bens mais valiosos, como motocicletas. Estas são úteis para se deslocarem dentro do assentamento. Dizem os jovens sobre suas atividades cotidianas:

Sempre a gente ajuda o pai e a mãe. Cortar cana, limpar mato (capinar).
Sempre faz esse negócio (José, 16 anos).

Ajudo meu pai nos serviços do campo (Pedro, 17 anos).

Somando-se às muitas outras atividades, esses dois jovens têm que ajudar seus pais na colheita, preparação e transporte dos produtos agrícolas até um local, onde outro transporte leva tais produtos até a feira na cidade.

Quanto ao gostar do trabalho agrícola, esses dois jovens dividem suas opiniões. Um diz gostar e o outro, não. Assim, relatam seus pontos de vista:

Porque o trabalho do campo é muito pesado (Pedro, 17 anos).

Rapaz, não é tão ruim, não. Porque é coisa do dia a dia, mesmo (José, 16 anos).

Sobre a oportunidade de emprego em Canzanza, os dois jovens dizem ter apenas atividades agrícolas que demandam um intenso esforço físico, sendo a maioria relacionada à cultura da cana-de-açúcar. Dizem não ter conhecimento de empregos para jovens em Moreno, sendo listadas por eles as opções de emprego em Canzanza, para os jovens:

A oportunidade de trabalho aqui é só no pesado. Enxada, foice, sempre isso aí (José, 16 anos).

Cortar cana, ajuntar e limpar mato (capinar) (Pedro, 17 anos).

3.4.2 Morar no meio rural

Quanto a gostar de morar em Canzanza, os dois jovens foram unânimes em dizer que sim. Segundo eles, essa afeição pelo meio rural é por ser um local tranquilo e calmo, por ser um lugar extenso, por não oferecer os perigos da cidade e, ainda, por todos se conhecerem:

Gosto, porque aqui é melhor, o cabra (a pessoa) sai. Na rua (cidade) é aquilo apertado. Também tem mais perigo. Porque em sítio o cara sai ali, brinca, conversa (José, 16 anos).

Gosto, porque é bom de morar. É tranquilo, é calmo, eu gosto (Pedro, 17 anos).

Os dois dizem que pretendem viver suas vidas em Canzanza. Entretanto, um deles afirma que pretende ao mesmo tempo ter um trabalho mais leve na cidade, pois os trabalhos em Canzanza são muito cansativos:

Pra morar fora, não. Mas assim, para trabalhar, arrumar (conseguir) um serviço melhor, sempre eu penso. Onde tiver (trabalho). Serviço mais maneiro, mais fácil. Porque aqui só tem serviço pesado (José, 16 anos).

Morar aqui mesmo. Porque eu gosto desse lugar aqui (Pedro, 17 anos).

A pretensão de dar continuidade ao trabalho dos pais na parcela é uma opção de apenas um que, paradoxalmente, revela não gostar das atividades agrícolas. Embora o segundo jovem fale que não pensa em suceder seu pai, conta, entretanto, que deseja investir parte dos recursos, que obtiver, na parcela de terra do pai, quando estiver trabalhando na cidade. Explica ele:

Não. Para pensar em continuar, não. Agora se eu puder colocar uma renda, para não deixar cair o serviço que ele (pai) fez aqui. Penso em assumir, tomar conta, agora com uma renda, tá entendendo? Que eu possa colocar para sustentar o que ele deixou. Uma pessoa que eu pudesse pagar pra sustentar (trabalhar), assim, limpar uma cana, cortar cana... (José, 16 anos).

Relacionado ao modo de vida em Canzanza, os dois jovens apontam que os aspectos mais importantes para eles são: não ter a agitação e barulho de carros, por não ter o problema da falta de água e por ser um lugar onde as pessoas podem viver mais livres:

Aqui é um lugar calmo, não tem carro passando direto, muita zuada (barulho). Tem água por perto, nunca falta água (Pedro, 17 anos).

Aqui a gente se sente mais livre, né? Mais livre do que numa rua (cidade) (José, 16 anos).

Nos seus momentos de lazer, esses dois jovens relatam que gostam de jogar futebol no campo do assentamento, assistir TV, ouvir rádio, ir à igreja e conversar com os amigos.

Quanto ao acesso à internet, apenas um diz utilizá-la para uso da rede social (*facebook*) e assistir vídeos de cantores evangélicos. Esse acesso é feito por meio do aparelho de celular, mas com o desconforto de se deslocar a locais mais altos, distantes de sua casa, em pontos estratégicos, para obtenção de sinal para esse fim.

3.4.3 Políticas públicas para a juventude rural

José e Pedro informam que em Canzanza nunca teve nenhum programa, projeto ou palestra para os jovens, por meio de organizações governamentais ou não governamentais. Dizem ainda que não conhecem e nunca ouviram falar do Estatuto da Juventude e em política pública para jovens rurais. Do mesmo modo que os jovens anteriormente analisados, esses também não participam das atividades da associação de Canzanza: “Não tem nenhum jovem lá (na associação), pra eu ir só, fica ruim” (Pedro, 17 anos).

Quanto à intervenção do poder governamental em prol da permanência dos jovens no meio rural, os dois são unânimes em apontar a necessidade de se estabelecer em Canzanza a geração de emprego e renda para os jovens. Mas salientam que não desejam trabalhar em atividades agrícolas, pois já conhecem a dureza deste trabalho. Isso eles revelam em suas falas:

Assim, se tivesse um trabalho bom, ficaria mais fácil, não carecia (precisava) sair. Um trabalho sempre melhor do que esse pesado. Porque esses trabalhos que têm por aqui é pesado (José, 16 anos).

Fazendo os cursos, fazendo algum tipo de trabalho assim, para ficar trabalhando aqui, trabalho não pesado. Pra ficar aqui, acho que mudaria muito (Pedro, 17 anos).

Ao serem indagados sobre o que os próprios jovens poderiam fazer para mudar essa realidade, um diz que deveriam buscar o apoio de uma pessoa que os oriente nessa descoberta de seus direitos. O outro jovem acha que se dedicando aos estudos também é uma forma de contribuir para isso:

Correr atrás. Procurar alguém que entende para falar, para ver que... pra arrumar (Pedro, 17 anos).

Fosse todo mundo estudar certinho, mas muitos não querem. Querem estar vadiando (José, 16 anos).

3.4.4 Entre ficar e sair do rural

Diante da difícil situação de optar por ficar ou sair do meio rural, esses dois jovens, que têm como principal ocupação ajudar os pais nas atividades agrícolas e estudar, relatam que falta opção de trabalhos em Canzanza, seja eles agrícolas ou não

agrícolas. Aspecto que sinaliza o desejo desses jovens de possuir renda própria e ter autonomia, como constatou Brumer (2007), ao pesquisar jovens filhos de agricultores do Sul do Brasil. Muitas vezes, como já observamos, essa falta de opção e o esforço físico no trabalho agrícola levam os jovens a buscar fora do meio rural outras oportunidades de trabalho. Dizem eles:

O trabalho aqui (no Assentamento Canzanza) é muito pesado, aí procuram um trabalho melhor em firma (empresa). Aí por isso que não estão ficando por aqui (os jovens) (Pedro, 17 anos).

Feito (como) eu disse, tivesse um trabalho melhor (José, 16 anos).

Quanto ao apoio da associação na luta pela permanência de jovens no meio rural, dizem que ela pode promover cursos na área agrícola e não agrícola, bem como orientar os jovens na busca de emprego e na decisão entre ficar ou sair do meio rural: “Uns cursos para a gente fazer sobre agricultura, sobre mecânica de automóveis. Arrumando um trabalho fora e ficar morando aqui” (Pedro, 17 anos).

3.4.5 Pretensões Futuras

Cursos técnicos em várias áreas, principalmente no período das férias escolares, são alguns dos desejos apontados pelos jovens: “Uns cursos técnicos pra gente fazer. A gente que não tá fazendo “nada” nas férias. Em todas as áreas. Tem gente que gosta de um (curso), e tem gente que não gosta. Em agricultura, mecânica” (Pedro, 17 anos).

Em relação ao seu futuro, um jovem pensa em fazer Engenharia mecânica e ter um bom emprego. Um outro também deseja fazer um curso e ter uma profissão que lhe proporcione uma boa remuneração, ainda que tenha o sonho de ser jogador de futebol:

Feito (como) eu falei, mesmo, tendo uma profissão boa, um recurso bom, fica melhor. Penso em fazer um curso, mesmo. A gente sempre tem vontade de ser jogador. Para ser jogador, mesmo, tinha que ter começado desde novinho jogando, mas a gente não pode, né? Colocar pra jogar logo novo (José, 16 anos).

Penso em fazer uns cursos (Engenharia mecânica) para arrumar um emprego bom e ser alguém na vida (Pedro, 17 anos).

Ao serem indagados sobre como compreendem o desenvolvimento local, um jovem se refere a um grupo unido com os objetivos de criar maneiras para desenvolver

um lugar (Canzanza). E o outro complementou, dizendo que tal desenvolvimento seria melhorias para os agricultores:

Desenvolvimento local, eu entendo que seria um grupo desenvolvendo uma localidade (Pedro, 17 anos).

Uma melhora pra gente aqui que é agricultor (José, 16 anos).

Ao saber deles se há desenvolvimento local em Canzanza, os dois jovens são unânimes numa resposta negativa:

Porque é meio parado (Pedro, 17 anos).

Acho que não (José, 16 anos).

Foi perguntado como seria Canzanza com desenvolvimento local. Esses jovens responderam que teria um grupo de pessoas que se reuniriam em prol da realização de um trabalho endógeno. O assentamento seria bem melhor, se comparado aos dias atuais:

Um grupo reunido fazendo um trabalho dentro do assentamento. Acho que seria melhor, facilitaria as coisas. Ajudaria mais os jovens a se dedicar nos trabalhos (Pedro, 17 anos).

Bem melhor (José, 16 anos).

Ainda dialogando sobre o desenvolvimento local com esses dois jovens, procurou-se saber como eles podem contribuir para que esse tipo de desenvolvimento aconteça em Canzanza. O “pontapé inicial” apontado seria mobilizar os jovens de Canzanza em prol da criação de um grupo: “Um grupinho se reunir, conversar para ver que, tentando formar algum grupo. Fazer algum trabalho, alguma pesquisa para ver se tem alguma melhoria” (Pedro, 17 anos).

Diante do exposto, podemos inferir que esses dois jovens têm a pretensão de permanecer no meio rural, mas trabalhando em atividades não agrícolas. Onde se presume que as atividades agrícolas, que atualmente esses dois jovens desempenham, mesmo que ajudando seus pais, não interferem na decisão de sua permanência. Pois pensam em trabalhar em atividade não agrícola em cidades, porém continuando a morar em Canzanza.

3.5 Jovens, do sexo feminino, que trabalham em atividades domésticas em Canzanza, subsidiando as atividades dos pais e irmãos

Caracterização das moças que têm como ocupação as atividades domésticas

A jovem Ester

Ester tem 20 anos, é solteira, evangélica e concluiu o ensino médio. Mora com seus pais e dois irmãos mais jovens do que ela. Seu sonho é ter uma profissão na área de enfermagem. Diz não se envergonhar de morar em Canzanza, pois não vê motivo para isso. Ela ainda conta que é muito mais difícil para uma jovem mulher permanecer no meio rural, do que para um jovem homem. Certamente, referindo-se às oportunidades de emprego e renda em Canzanza, que se resumem às atividades agrícolas, mais difíceis para as moças, pelo intenso esforço físico que a atividade demanda.

A jovem Miriam

Miriam tem 24 anos de idade, é solteira e concluiu o ensino médio. Vive no Assentamento Canzanza com seus pais e um irmão. Essa jovem tem o sonho de se profissionalizar e trabalhar em Canzanza. Ela pensa em ser cabeleireira, pois em Canzanza há uma demanda para um profissional nessa área, o que leva as pessoas a se deslocarem de Canzanza para o centro urbano de Moreno, à procura desse serviço. Uma atividade não agrícola, que pode favorecer sua permanência no assentamento e beneficiar os habitantes deste local.

A jovem Sara

Sara tem 19 anos, é solteira, evangélica e concluiu o ensino médio. Para ela, as atividades domésticas que desempenha não são consideradas como um trabalho. Talvez, porque ela não tenha um reconhecimento de seu esforço físico e/ou benefícios trabalhistas. Ela conta que é também componente de um grupo de jovens da igreja Assembleia de Deus de Canzanza, onde participa do conjunto musical.

Ela tem o sonho de morar numa cidade, fazer uma faculdade na área administrativa, ter um bom emprego e com o resultado de seu trabalho poder adquirir bens materiais, que proporcionem certo conforto, como possuir um carro.

Essa jovem afirma que não tem vergonha de se identificar como moradora do Assentamento Canzanza. Acha, porém, que não dá para sentir orgulho de morar em um local que, para muitos, não existe. E ainda tem o sentimento de que os jovens de Canzanza são excluídos, pois o acesso a notícias e informações, sobre, por exemplo, oportunidade de empregos e cursos, quando chegam até eles, já têm passado os prazos.

A jovem Raquel

Raquel tem 17 anos, é solteira, evangélica e concluiu o ensino médio. Pensa em conseguir um emprego numa cidade e, quem sabe, cursar Enfermagem. Ela diz que não se envergonha de se identificar como moradora do Assentamento Canzanza, porém não se sente orgulhosa por isso.

Ela destaca que as atividades domésticas que realiza não são importantes para sua permanência em Canzanza, mas sim para a higiene e bem-estar de toda a sua família. Essa moça também faz parte do grupo de jovens da igreja Assembleia de Deus de Canzanza, onde participa e ensaia no conjunto musical.

Assim, essas quatro jovens entrevistadas, com idade média de 20 anos, ensino médio completo e com ocupação no Assentamento Canzanza nas atividades domésticas, serão analisadas por meio das cinco subcategorias estabelecidas nesta pesquisa.

3.5.1 Atividades profissionais e renda

As atividades realizadas por essas quatro jovens em Canzanza são os trabalhos relacionados com o conforto e bem-estar doméstico: as chamadas atividades domésticas ou do lar. Tais jovens contam que ajudam suas mães nas tarefas domésticas:

Aqui só ajudo a minha mãe, mesmo, não pratico outra atividade, não. É só no lar. Manual, assim roça, cana, não. Na lavoura, não. Tinha horta, sim, mas no momento acabou, eu aguava (irrigava) as plantações (horta) (Ester, 20 anos).

As atividades são só as coisas de casa, mesmo (Miriam, 24 anos).

A gente no momento está só ajudando em casa, a mãe da gente, e pronto. No caso, a gente tá ajudando em casa porque se a gente está (na casa dos pais), não precisa os pais da gente fazer tudo sozinhos, a mãe no caso. A gente tem que dar uma contribuição. Mas a gente pretende trabalhar na rua (meio urbano). Ter um emprego melhor. Um emprego, né? (Sara, 19 anos).

É importante para o nosso bem-estar em casa, a limpeza (Raquel, 17 anos).

Sobre a existência de oportunidades de trabalho para os jovens em Canzanza, três dizem que existem tais oportunidades de emprego, mas se restringem apenas ao corte de cana, enquanto outra diz que essa oportunidade de emprego não existe em Canzanza. Vejamos o que diz Ester, 20 anos:

Aqui, não tem, né? A oportunidade que tem é assim, cortar cana. É muito difícil para moças. Para rapazes ainda fica melhor, porque é manual, é mais pesado. Agora, para as moças é mais difícil. Que é muito bruto, mesmo, é pesado, mesmo, o trabalho.

Diferentemente de Canzanza, devido às características desse assentamento, praticamente voltado para as atividades agrícolas que exigem muita força física, Carneiro (2004) encontrou, na região de Nova Friburgo (RJ), atividades de trabalho não agrícolas nas pousadas, residências de outros, e confecção em suas casas para as moças que permanecem no meio rural.

Ainda sobre as oportunidades de emprego para os jovens na área urbana de Moreno, essas jovens dividem suas opiniões. Duas, das quatro, dizem que existem tais empregos, entretanto se restringem a operadora de caixa de supermercado ou em lojas. As outras duas dizem que tal oportunidade de emprego em Moreno não existe:

Em Moreno, também não. É muito difícil encontrar emprego em Moreno. Até às vezes um curso pra fazer é muito difícil. Aí os jovens vão mais pra outras cidades, como o Cabo de Santo Agostinho, que tem muita oportunidade de emprego. Jaboatão dos Guararapes é mais razoável. Mas a maioria dos empregos está lá no Cabo (Ester, 20 anos).

Em Moreno, às vezes aparece. Mas para quem mora num engenho já fica mais difícil. E os transportes também são poucos (Miriam, 24 anos).

Não, só operador de caixa em supermercado, às vezes. Moreno é uma cidade pequena que falta fábrica para empregar mais pessoas (Raquel, 17 anos).

Não. Porque Moreno é um lugar que não é muito desenvolvido (Sara, 19 anos).

3.5.2 Morar no meio rural

Quanto a gostar de morar no meio rural, duas jovens, das quatro, afirmaram que sentem tal sentimento por Canzanza, enquanto as outras duas ficaram em dúvida. Os

motivos pelos quais essas duas jovens disseram gostar de morar em Canzanza são a tranquilidade do lugar e a família residir no assentamento:

Eu gosto, é tranquilo, é calmo. Por um lado é bom, mas por outro lado, há dificuldade de emprego, de você fazer curso, de estudar. É um pouco mais difícil. Mas é bom (Ester, 20 anos).

Gosto. Porque tenho família aqui. A pessoa gosta. Também é um lugar tranquilo, né? De vez em quando, há algumas coisas. Mas, por enquanto, está sendo tranquilo (Miriam, 24 anos).

Assim, mais ou menos, sabe? É bom a tranquilidade assim... Mas as oportunidades é difícil da gente ter (Raquel, 17 anos).

A tranquilidade assim é bom, porque é um lugar tranquilo. Mas para outras coisas, oportunidade de emprego, para estudar também é bastante complicado (Sara, 19 anos).

Sobre a pretensão de viver toda a sua vida em Canzanza, as quatro jovens foram unânimes em suas respostas negativas. Todas querem, um dia, sair de Canzanza, pois segundo elas a vida no meio rural é difícil para tudo. Para estudar, para transporte e, principalmente, para conseguir um trabalho. Devido a essas dificuldades, pensam em morar numa cidade, seja Moreno ou Jaboatão dos Guararapes. Opiniões que se reafirmam no que Carneiro (2004) encontrou em suas pesquisas sobre jovens, no sentido de que há uma maior tendência de migração por parte das moças para os centros urbanos do que dos rapazes. Dizem três entrevistadas:

A pessoa pensa em sair. Ir para um lugar melhor, que seja mais perto, tenha mais transporte, essas coisas. Porque, por exemplo, numa cidade, a pessoa tem mais oportunidade de emprego. Para Moreno, Jaboatão (Miriam, 24 anos).

Eu penso em sair. Pra cidade de Moreno, Jaboatão (Sara, 19 anos).

Imagino sair, no meu ponto de vista. Pra uma cidade na rua, que não seja no engenho. Agora eu não sei direito o certo. Mas eu pensaria em sair, sim. Arrumar um emprego lá (na cidade), estudar. Fazer minha vida lá (na cidade). Vim assim de visita aqui para o Engenho Canzanza, porque a vida aqui é muito difícil. Lá na cidade também é, tem suas dificuldades, tem que correr atrás. Mas aqui é difícil. [...] (Ester, 20 anos).

No que se relaciona ao modo de vida no meio rural, três, dessas quatro jovens, apontaram a tranquilidade, como o aspecto que mais gostam em Canzanza, enquanto a quarta jovem diz gostar dos aspectos ambientais, como o rio, o ar fresco e as frutas do assentamento. Dizem Miriam, 24 anos, e Ester, 20 anos:

Justamente disso, porque no sítio é mais tranquilo do que na rua. Porque na rua (cidade) é muita coisa... (se referindo à violência).

A natureza tem tudo próximo. Tem muitas frutas, tem rio. De tudo tem, não falta nada. E na rua é aquele ar mais quente, mais abafado. Não tem esse ar fresco, essa brisa aqui do campo.

Como atividades de lazer, duas jovens relatam que gostam de visitar parentes, ir à praia, ler e ir à igreja evangélica:

Sempre tem tempo que tem viagem para praia, a gente vai. Tem ônibus para ir. Uma vez, duas por ano, a gente vai (Miriam, 24 anos).

Não tem muito... Eu sou um pouco reservada, mais de casa, passear na casa de minha família. Mas geralmente o povo daqui gosta de tomar um banho de rio, ir para a cachoeira. Eu fico mais em casa, sou mais família. Eu gosto muito de ler. Reflexões. São livros bíblicos (Ester, 20 anos).

Quanto ao acesso à internet, apenas duas, das quatro jovens, dizem acessar a internet para, principalmente, participar da rede social (*facebook*) e ver noticiário.

3.5.3 Políticas públicas para a juventude rural

Apenas uma jovem, das quatro, disse ter ouvido falar do Estatuto da Juventude pela TV: “Já ouvi falar assim, pela televisão. É alguma coisa relacionada aos jovens” (Ester, 20 anos).

Sobre políticas públicas para jovens rurais, essas quatro jovens contam que nunca ouviram falar. Também informaram que nunca houve em Canzanza projeto, programa, curso ou palestra, de órgãos governamentais e não governamentais voltados para os jovens desse assentamento. Entretanto, Ester traz uma definição para política pública e expressa seu desejo para que tais políticas públicas cheguem até elas e aos demais jovens:

É algo para todo mundo, para o povo. Teve não, seria muito bom se tivesse. Era uma oportunidade muito boa para os jovens aqui do engenho. Nunca teve, que eu lembre (Ester, 20 anos).

Em relação à participação dessas quatro jovens nas atividades da associação de Canzanza, três delas disseram que não participam, pelo fato de não serem convidadas e/ou por não existirem atividades para os jovens e, ainda, por morarem em uma área que

não se enquadra como parcela do assentamento. Uma das quatro moças, não respondeu. Assim, duas expressam seus sentimentos:

Não, porque não chamam os jovens. Não vejo nenhum interesse com os jovens. Só quem vai mais é os mais adultos: meu pai (Ester, 20 anos).

Não. Porque não tem atividade pra gente participar. Algum curso, ensinar a gente a fazer artesanato (Raquel, 17 anos).

Ao se procurar saber dessas quatro jovens o que os governantes podem fazer para ajudar a permanência delas e dos demais em Canzanza, elas apontaram a necessidade de ações na área da educação profissional, atividades que gerem trabalho e renda, lazer, transporte e comunicação no assentamento. Sendo tudo isso resumido por algumas jovens, quando dizem que desejam o desenvolvimento da cidade no assentamento:

Seria bom. Assim, oportunidade de cursos para os jovens aqui. Alguma coisa para prender (atrair) eles, para estudar aqui (Canzanza). Como um curso para qualificar, para arrumar (conseguir) um emprego melhor. Alguma coisa que prendesse eles aqui, para eles fazerem algo no engenho. Criasse (os governos) uma escola, com vários cursos nessa escola, com oportunidades pra eles estudarem e se focarem aqui no Engenho Canzanza (Ester, 20 anos).

Que trouxessem o desenvolvimento da cidade para cá (Canzanza) (Raquel, 17 anos).

É trazer o desenvolvimento da cidade, meio de transporte, tudo isso ficaria mais fácil para a gente. Escola técnica, locais onde a gente pudesse trabalhar, empresas, no caso (Sara, 19 anos).

Investisse. Em botar uma linha de internet; construísse um estádio de futebol para os jovens, algum curso também, e mais transporte também (Miriam, 24 anos).

Em relação ao que elas podem fazer para reivindicar esses direitos, duas, das quatro jovens, informaram que nenhuma coisa podem fazer. Ao passo que a terceira mencionou que podem se reunir, e a quarta jovem aconselha a procurar o prefeito do município de Moreno para cobrar uma atitude de seu Governo. Assim se expressam:

[...] Se reunissem. Sei lá... Não sei bem o que a gente poderia fazer. Porque é muito difícil, né? Porque mal eles (governantes) ouve os (jovens) da zona urbana, ia ouvir a gente. É difícil já na zona urbana e para o engenho é mais difícil ainda (Ester, 20 anos).

[...] Procurar o prefeito, talvez. Seria uma boa. Porque prefeito só aparece em tempo de eleição, né? (Miriam, 24 anos).

Eu acredito que nada (Raquel, 17 anos).

[...] Até porque a gente é meio que excluídos. Assim, quando a gente vem saber (das notícias) aqui, a gente já é o último. Às vezes já tem passado as coisas. Nem existem mais. Oportunidade de emprego, mesmo, de cursos (Sara, 19 anos).

3.5.4 Entre ficar e sair do rural

O que pode favorecer a permanência dos jovens em Canzanza é a oportunidade de trabalho e renda para eles no meio rural, segundo duas entrevistadas:

É oportunidade de trabalho, né? Que aqui não tem. Trabalho tem, mas é trabalho pesado, como eu já falei (Ester, 20 anos).

Apoio dos governos, do prefeito, mesmo (Miriam, 24 anos).

Indagadas sobre como a associação de Canzanza pode ajudar na permanência dos jovens, duas delas acham que a associação pode intervir junto aos governantes para buscar meios de promover cursos profissionalizantes e de artesanato. Dizem três das entrevistadas:

Acho que deveria. Mas os projetos da associação são mais direcionados aos donos das parcelas, resolvendo os próprios assuntos. Poderia trazer pessoas e fazer projetos para a gente aqui. Cursos profissionalizantes, de artesanato, essas coisas... (Sara, 19 anos).

[...] Tomar uma iniciativa de alguma coisa. Sei lá... Porque ele (diretoria da associação) tem mais contato com outras pessoas, assim, conhece, vamos supor, (pessoas) de governos, conhecidos para falarem... Pra fazer alguma coisa, tomar uma iniciativa pelo povo, pelos jovens dos engenhos (Ester, 20 anos).

Não sei. Isso aí eu não sei, quem sabe é eles (diretoria da associação), né? (Miriam, 24 anos).

Sobre o que as jovens podem fazer para que a juventude possa permanecer em Canzanza, foi dito que, por ser uma minoria, os jovens não são ouvidos pelos governantes. Embora algumas falas sinalizem a possibilidade de morar em Canzanza e trabalhar fora do assentamento:

Conseguir isso é muito difícil, moço. Eu não sei nem o que a gente poderia fazer. Porque somos a voz bem minoria, mesmo. É muito difícil eles ouvirem a gente. Não sei como a gente podia chamar a atenção deles (governantes).

Assim, não me vem à cabeça agora, o que a gente poderia fazer (Ester, 20 anos).

Mesmo com as dificuldades, se esforçar, mesmo sendo longe. Sair para trabalhar, voltar de novo. Sair para estudar, voltar (Sara, 19 anos).

É estudar, se esforçar. Sem sair do assentamento, fica muito difícil. Se tivesse uma casa em Moreno, seria melhor, voltava no final de semana pra cá (Canzanza) (Raquel, 17 anos).

3.5.5 Pretensões futuras

Com relação às pretensões futuras, as jovens gostariam que em Canzanza existissem cursos profissionalizantes e um posto médico:

Cursos para os jovens em todas as áreas, como têm na rua (cidade), a gente também precisa. Têm muitas áreas de: logística, de atendente de farmácia, de enfermagem. Claro que é difícil para aqui, de muitas áreas... De informática, seria muito bom mesmo, curso de informática aqui no Engenho Canzanza. Porque é um curso que hoje em dia é um curso muito simples, básico. Mas para muitos dos engenhos (meio rural) nunca tiveram a oportunidade de fazer um curso de informática (Ester, 20 anos).

Tudo. Uma escola melhor, porque essa daqui só vai até a 4ª série do ensino fundamental. Hospital, uma UPA. Às vezes, a pessoa está doente aqui, chega em Moreno quase morto já para ser atendido (Raquel, 17 anos).

Um posto de saúde pra a gente não ter que se deslocar para outros lugares (Raquel, 19 anos).

No que se refere ao futuro em termos de escolarização, trabalho, profissão e condições de vida, essas quatro jovens pensam em morar num centro urbano, pagar um curso profissionalizante ou uma faculdade e ainda ajudar a família. Aspectos refletidos nas suas falas, a seguir:

Primeiro seria bom a pessoa se profissionalizar, mas não é fácil. Porque no Engenho Canzanza, a oportunidade é pouca. Penso em fazer um curso de cabeleireira e investir nesse trabalho (Miriam, 24 anos).

Eu penso. Pensar não é fazer. Mas eu penso fazer um curso técnico e me formar naquela área, e daquela área conseguir trabalhar. Eu queria farmácia (curso) (Ester, 20 anos).

Eu pretendo arrumar um emprego para poder pagar meu curso técnico. Sair da zona rural para ter um futuro melhor. Poder ajudar minha família (Sara, 19 anos).

[...] Sair daqui, arrumar um emprego para poder pagar uma faculdade. Se não for possível fazer uma faculdade, mas pelo menos tem o emprego (Raquel, 17 anos).

O desenvolvimento local é entendido pelas jovens como sinônimo de avanço, inovação e empreendedorismo, tendo uma relação com o trabalho para o público jovem:

É a pessoa construir seu próprio negócio, na localidade onde vive, né? (Miriam, 24 anos).

Aqui a gente não tem nenhum. É o engenho ser desenvolvido com alguma coisa. Que tenha alguma coisa, oportunidade para a gente (jovens) trabalhar. Alguma coisa, assim, bem desenvolvida (Ester, 20 anos).

É um determinado lugar desenvolvido (Raquel, 17 anos).

É trazer coisas novas para o lugar, para ele poder avançar. Sair da mesmice (Sara, 19 anos).

Sobre se o desenvolvimento local existe em Canzanza, três jovens, das quatro, disseram que não, pois só se vê plantios de cana, o que pra elas não corresponde a tal desenvolvimento. Por outro lado, uma jovem acha que existe desenvolvimento local ao relacioná-lo ao comércio local, à agricultura do assentamento e à população. Três das entrevistadas disseram:

Eu acho que muito pouco, viu? O desenvolvimento que tem é a gente mesmo, umas plantações que têm. Quem tem seus bares. Essas coisas assim (Miriam, 24 anos).

Tem não. Nenhum. Porque o que tem só é cana para cortar, roça pra plantar. O que tem é na área de fruta, como falei, que é pesado mesmo. Não tem desenvolvimento, não (Ester, 20 anos).

Não. Tem não. Porque as coisas estão sempre nas mesmas, para onde se olha é cana-de-açúcar, cana e mais cana, e mato e tudo só. E mais nada (Sara, 19 anos).

Recorrendo ao imaginário dessas quatro jovens que se ocupam das atividades domésticas, foi perguntado como acham que seria Canzanza com um desenvolvimento local. Uma jovem, das quatro, de imediato relacionou a presença de trabalho e renda e a possibilidade de ter direitos sociais, como trabalho, educação, saúde e transporte público. Dizem três delas:

Seria melhor, né? Principalmente seria mais movimentado de pessoas de outros engenhos até, talvez. Se tivesse um ponto turístico seria melhor para o engenho (Miriam, 24 anos).

Seria melhor, eu acho. Ah, oportunidade de emprego para o jovem. Jovens trabalhando e dali desenvolvendo mais coisas (Ester, 20 anos).

Seria bom, porque ia ter tudo mais próximo da gente. Todas as coisas, escolas, empresas para a gente trabalhar, ia ter hospitais, meio de transporte, ia ser bem mais fácil (Sara, 19 anos).

Também se desejou saber como essas entrevistadas e os demais jovens de Canzanza podem fazer para que o desenvolvimento local aconteça de fato. As suas respostas foram variadas, sendo citados, como opções, a iniciativa de formação de um grupo e a realização de reuniões; investimento em si mesmo e no seu próprio negócio; e a formação de uma cadeia produtiva local. Mas uma jovem diz que é necessário ter uma pessoa que motive e oriente os jovens nos seus interesses. Assim, elas contam:

Principalmente investir em si mesmo. Abrir o próprio negócio pra si mesmo (Miriam, 24 anos).

A gente está de mãos atadas porque não tem ninguém pela gente. A gente sozinha não consegue fazer alguma coisa. Só se tivesse uma pessoa, assim, de dentro, nos incentivando a levar a gente a fazer alguma coisa. Mas não tem (Ester, 20 anos).

Eu acho que pra ter desenvolvimento local, os parceiros deveriam desenvolver uma atividade que vendesse para os outros, os outros comprando. Um vendesse ao outro. Tipo se criasse, por exemplo, vaca, aí com o leite fazia queijo, aí vendia e outras coisas assim (Raquel, 17 anos).

Aí tinha que ter a iniciativa de um grupo de pessoas, no caso. Os próprios jovens e outras pessoas do assentamento. Assim, o que exatamente eu não sei, mas reuniões para ver o que precisava melhorar, como que a gente ia fazer para tentar melhorar. A quem a gente ia recorrer pra isso também acontecer (Sara, 19 anos).

Desse modo, é recorrente durante todas as entrevistas com essas quatro jovens o desejo de que no Assentamento Canzanza se tenha acesso aos direitos sociais, como trabalho, educação, saúde, lazer, além de outros serviços básicos, como transporte coletivo e estradas acessíveis. Aspectos que, de alguma maneira, sinalizam que essas jovens têm o desejo de permanecer em Canzanza.

A insatisfação destas jovens está relacionada à ausência de todos esses direitos sociais e serviços básicos que tornam a vida muito difícil no meio rural, não lhes deixando outra alternativa, a não ser a ideia de sair para um centro urbano em busca de trabalho e renda, escolarização e melhores condições de vida.

Indignadas com tanta exclusão, essas jovens esclarecem que desejam o desenvolvimento da cidade no Assentamento Canzanza, o que pode indicar que elas

querem permanecer, desde que com qualidade de vida, com todos os direitos e serviços que há no meio urbano.

Pode-se concluir, ainda, que as atividades domésticas são pouco valorizadas pelas famílias em Canzanza. As jovens não têm a percepção da contribuição de suas atividades domésticas como subsídio às agrícolas, exercidas por seus pais e irmãos. Talvez isso aconteça porque elas não recebem uma remuneração pelo seu trabalho e ainda por essas atividades domésticas serem consideradas próprias do gênero feminino, como foi convencionado pela sociedade.

Assim, pode-se deduzir que as atividades domésticas realizadas por essas quatro jovens não contribuem para a permanência delas em Canzanza, razão pela qual todas tenham a pretensão de sair do assentamento.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a permanência dos jovens no Assentamento Canzanza, município de Moreno, Pernambuco. Especificamente, este estudo procurou observar se as atividades agrícolas e não agrícolas favorecem a permanência desses jovens no meio rural.

A pesquisa revelou que o meio rural do Assentamento Canzanza apresenta problemas para permanência dos jovens naquela área, pela ausência de escola, de cursos profissionalizantes, de estradas, de transporte, de sinal de celular, de acesso à internet, de opções atuais e futuras de emprego e renda, sobretudo para as jovens, de lazer, de saúde, de esportes (academia de malhação), de organização social e política e, sobretudo, de políticas públicas específicas para os jovens do assentamento.

No que se refere especificamente às atividades agrícolas desenvolvidas pelos jovens de Canzanza, foi observado que essas atividades, devido à forma como vêm sendo desenvolvidas, não favorecem a permanência dessa juventude no meio rural. A principal razão apresentada é o exaustivo esforço físico gerado pelo trabalho na cultura da cana-de-açúcar, principal atividade agrícola na localidade. Esta atividade, por seu turno, não oferece, segundo alguns jovens entrevistados, remuneração satisfatória, aspecto que tem levado muitos desses jovens a buscarem outras oportunidades de trabalho fora do assentamento, embora ali permanecendo como morador.

Em razão disso, parte considerável dos jovens de Canzanza não pretende permanecer durante toda a vida no meio rural. Aspecto que se agrava, considerando que apenas um jovem, dos que foram entrevistados, possui uma parcela de terra no assentamento. Os demais trabalham na parcela dos pais, muitas vezes sem remuneração específica pelo trabalho desenvolvido. A renda por esse trabalho juvenil é indireta, isto é, pelo recebimento de objetos de interesse dos jovens, comprado pelos pais, como televisor, aparelho de telefone celular, violão, e, em alguns casos, de motocicletas.

Em relação à permanência das mulheres jovens no meio rural, a possibilidade de que isso possa acontecer parece mais remota. Por possuírem uma formação escolar mais adiantada, aspecto que aumenta a chance de um emprego na cidade (supermercado, comércio, escritório) e pelo impedimento de se ocuparem das atividades agrícolas no

assentamento, devido ao esforço físico exigido (na cana-de-açúcar), as moças entrevistadas pretendem sair do meio rural. Soma-se a isso, que as atividades domésticas desenvolvidas pelas jovens na casa dos pais são invisíveis na própria família e na sociedade local. Isto é, as atividades domésticas não são percebidas como subsidiárias das atividades agrícolas e não agrícolas desenvolvidas, tanto pelos pais, quanto pelos jovens rapazes do assentamento. É nesse sentido, que muitos pesquisadores apontam essa questão como uma das causas da masculinização do meio rural.

Fato interessante observado é que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos jovens de Canzanza, a maioria gostaria de permanecer no meio rural, ainda que não tenham a intenção de se envolver com as atividades agrícolas, particularmente da cana-de-açúcar. O prazer em viver no meio rural é um sentimento geral entre esses jovens e reconhecem as qualidades desse local. Alegam a tranquilidade do ambiente, a segurança, o contato com os amigos e os familiares, como elementos motivadores de permanência no rural.

Alegam ainda que não se sentem constrangidos em se apresentar como moradores do meio rural, mesmo entre aqueles que estudam, na sede do município de Moreno ou trabalham em atividades não agrícolas fora do assentamento. Aspectos que vêm ao encontro de alguns estudos que revelam o caráter identitário dos jovens rurais, construídos a partir do modo de vida rural, mesmo entre aqueles que transitam entre o rural e o urbano.

Nessa mesma perspectiva, este estudo revelou que alguns jovens que ajudam os pais nas atividades agrícolas e estudam têm a intenção de suceder seus pais, no sentido de manter a propriedade da família, inclusive morar nela, mas não pensam em se dedicar às atividades agrícolas. Foi observado, por meio das falas dos jovens entrevistados que há, ainda, uma espécie de falta de clareza, no que se refere ao futuro desses jovens, quando o assunto é permanecer ou sair do meio rural. A ausência de políticas públicas e de orientação específica à juventude de Canzanza, tanto pelos agentes públicos, quanto pela associação de agricultores local, provoca, nesses jovens, essa ambiguidade entre ficar ou sair do meio rural.

Essas observações se estendem aos jovens de Canzanza envolvidos em atividades não agrícolas fora do assentamento. Para estes que buscam essas

oportunidades, mas retornam ao assentamento no final do dia, alegaram os benefícios trabalhistas (plano de saúde, pagamento de horas extras), mas, em contrapartida, têm que enfrentar uma série de dificuldades devido às condições das estradas e transporte que os obrigam a acordar mais cedo para se deslocarem até o local de trabalho, algumas vezes situado em municípios vizinhos.

A maioria desses jovens pensa algum dia sair para a cidade, alegando a situação caótica dos serviços básicos e acesso aos direitos sociais em Canzanza, embora eles revelem, tais quais os jovens que exercem atividades agrícolas no assentamento, as vantagens de se morar no meio rural, particularmente no assentamento Canzanza.

Todos esses aspectos deixam-nos a impressão de que os jovens rurais de Canzanza, que desenvolvem atividades agrícolas e não agrícolas, gostariam de permanecer no rural, desde que as oportunidades ofertadas aos jovens do meio urbano, ainda que precárias, sejam também acessíveis à juventude rural.

No que diz respeito à noção de desenvolvimento local por parte dos jovens de Canzanza, embora não seja uma tarefa deles, pôde-se perceber, por meio desta pesquisa, que existe, ainda que de maneira superficial, certa compreensão do tema. Particularmente, quando faz alusão às modificações socioeconômicas, sociais e infraestruturas necessárias e percebidas por eles no assentamento e quando apontam a organização dos jovens como estratégias à modificação do cenário atualmente existente.

Tais aspectos possibilitam inferir que permanecer ou sair do meio rural está, no caso dos jovens estudados, muito mais relacionado a fatores contingenciais do local do que, necessariamente, a fatores de atração do urbano sobre o assentamento. Pelas adversidades no dia a dia das atividades agrícolas e não agrícolas, os jovens já perceberam que é possível alcançar o desenvolvimento local em Canzanza, pois conhecem os seus principais problemas, bem como algumas estratégias de mudança, entre elas a própria organização dos jovens no assentamento.

Cabe ao Estado, ao município de Moreno e à própria associação de agricultores de Canzanza, atentar para o fato de que o desenvolvimento do meio rural no âmbito das atividades agrícolas e não agrícolas de Moreno está, em grande medida, nas mãos dos jovens rurais e na permanência deles nos seus locais de origem.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. ZAPATA, T. A importância da estratégia de desenvolvimento local/territorial no Brasil. In: DOWBOR, L. POCHMANN, M. (Org.). **Políticas para o desenvolvimento local**. 1. ed. São Paulo, SP: Perseu. 2010. 225p. Disponível em: <<http://dowbor.org/blog/wp-content/uploads/2012/06/10PochmannLivroLocalPoliticas-1.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

ALVES, E.; SOUZA, G. da S.; MARRA, R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**. Brasília, DF, ano 20, n. 2, p. 83, abr./maio/jun. 2011.

ASSOCENE. **Estatuto**. 2008.

Disponível em: <<http://www.assocene.org.br/st/>>. Acesso em: 31 out. 2013.

BARROS, E.U. **Línguas e linguagens nos candomblés de nação angola**. 2007. 288 f. Tese (Doutorado em Linguística e Semiótica) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-27112009-102203/pt-br.php>>. Acesso em: 7 de ago. 2014.

BERNARDO, S. J. **Capital humano e juventude rural na criação e produção da moda-vestuário para o desenvolvimento local de Surubim-Pernambuco**. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 27 jul. 2014.

BRASIL EM DESENVOLVIMENTO: **Estado, planejamento e políticas públicas**. Brasília, DF: IPEA, 2009. Série: Brasil: o estado de uma nação. p. 697. vol. 3.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Estatuto da Juventude**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 8 ago. 2013.

BRASIL. Lei n. 8.171 de 17 de janeiro de 1991. **Dispõe sobre a política agrícola**. Brasília, DF, 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8171.htm>. Acesso em: 27 jul. 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura Familiar. **Pronaf**: definição e finalidade. Brasília, DF: MDA 2005. Disponível em: <<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/programas/pronaf>>. Acesso em: 31 maio 2014.

BRASIL. Presidência da República Federativa do Brasil. CONSEA. **Conceitos**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www3.planalto.gov.br/consea/o-conselho/conceitos-1>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Primeira parte (primeira sessão), p. 09-311.

CARNEIRO, M. J. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Primeira parte (primeira sessão), p. 9-311.

CARNEIRO, M. J.; TEIXEIRA, V. L. Pluriatividade, novas ruralidades e identidades sociais. In: CAMPANHOLA, C.; SILVA, J. G. da. (Ed.). **O novo rural brasileiro**: novas ruralidades e urbanização. Brasília, DF: Embrapa informação tecnológica, 2004. v. 7.

CASTRO, E. G. de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 7, n. 1, p. 179-208, jan./june, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v7n1/v7n1a08.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2013.

CASTRO, E. G. de. In: CASTRO, E. G. et al. Produção por tipo de publicação. **Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009. Cap. I, p. 8-223.

CASTRO, E. G. de. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, V. L. S. B.; WHITAKER, D. C. A. (Org.). **Reforma agrária e desenvolvimento**: desafios e rumos da política de assentamentos rurais. Brasília, DF: MDA; São Paulo: Uniara, 2008.

CASTRO, E. G. de. Sonhos, desejos e a “realidade”: herança, educação e trabalho de ‘jovens rurais’ da Baixada Fluminense/RJ. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE JUVENTUDE BRASILEIRA - JUBRA, 1., 2004, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 5. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000099&pid=S01040618201200010000500008&lng=en>. Acesso em: 27 jul. 2014.

FIDEM. **Perfil municipal (Moreno)**. 2013. Disponível em: <<http://www.bde.pe.gov.br/ArquivosPerfilMunicipal/MORENO.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2013.

FRANCO, A. de. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 2. ed. Brasília, DF: Instituto de política, 2000.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009. 148 p.

IBGE. **Censos demográficos, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010**. 2013. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=200&z=t&o=1&i=P>>.__Acesso em: 18 jul. 2013.

INCRA. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/institucionall/historico-do-incra>>. Acesso em: 31 out. 2013.

JARA, C. J. **As dimensões intangíveis de desenvolvimento sustentável**. Brasília, DF: IICA, 2001.

JESUS, P. de. Desenvolvimento local. In: CATTAN, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz editores, 2003.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LIMA, N. Q. **Redes sociais, juventude rural e desenvolvimento local**: apropriações de propostas de comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas pelos jovens do Cariri Cearense. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

LIRA, J. C. F. A. **Reconfiguração identitária de jovens rurais como estratégia de inclusão social**: a experiência dos agentes de desenvolvimento da comunicação na microrregião da Bacia do Goitá-PE. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

MENEZES, M. A. Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. In: TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C.; BAENINGER, R. (Org.). **Migrações**: implicações passadas, presentes e futuras. Marília, SP: Oficina Universitária, 2012. Parte I, 368 p.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 80 p.

OLIVEIRA, F. de. **Aproximações ao enigma**: o que quer dizer desenvolvimento local? São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001. 40p. p.13. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/uploads/1144/1144.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

PAULO, M. A. L. **Juventude rural**: suas construções identitárias. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. 324 p. (Coleção Teses e dissertações n. 74).

PAULO, M. A. L. **As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município**. 2010. 258 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/9589/arquivo635_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Acesso em: 6 de ago. 2014.

PIRES, A. H. B. **Extensão rural, agroecologia e juventude rural**: a experiência dos agentes promotores da agroecologia (APAs), no Sertão do Araripe, Pernambuco. 2011. 85 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

PIRES, M. L. L. S. A (re)significação da extensão rural a partir da ótica da inclusão: a via cooperativa em debate. In: LIMA, J. R. T. de. (Org.). **Extensão rural e desenvolvimento sustentável**. 2. ed. Recife: Bagaço, 2005, p. 07-125.

PREFEITURA MUNICIPAL DO MORENO. **Plano de ação para a implantação do agro-ecoturismo no município do Moreno**. Moreno, 1999. p. 2-26.

PNCF. Secretária de reordenamento agrário, MDA. Promovendo a sucessão e o combate a pobreza. **Cartilha**. Brasília, DF, 2003.

PRORURAL. Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária. **Definição e missão**. Recife, 2014. Disponível em: <<http://www.prorural.pe.gov.br/prorural.asp>>. Acesso em: 31 maio 2014.

SARAIVA, R. M. **Políticas públicas e extensão pesqueira para o desenvolvimento local**: Estudo das estratégias de comunicação do projeto Renascer (PCPRII) e Promata (Peixe de rede) nas comunidades de Atapuz, Barra de Catuama e Tejucupapo, Goiana – Pernambuco. 2008. 101f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. p. 28. Disponível em: <http://200.17.137.108/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=878>. Acesso em: 30 jul. 2014

SECRETARIA DA CRIANÇA E DA JUVENTUDE. **Casas da Juventude**. 2011. Disponível em: <<http://www.scj.pe.gov.br/casasjuventude>>. Acesso em: 6 set. 2013.

SILVA, M. H. **Caracterização de propriedades e produtores rurais do município do Moreno-PE**. 2005. 35 f. Monografia (Graduação em Zootecnia) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Relatório de Estágio Supervisionado Obrigatório.

SILVA, R. C. **A voz e a vez dos jovens na Bacia do Goitá**: arte, cultura, folkcomunicação e desenvolvimento local na experiência do projeto sanfona cultural em Pombos-PE. 2010. . Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

SILVA, Y. V. **Juventude rural e políticas de extensão rural do Instituto Agrônomo de Pernambuco**. 2011. 86 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

SOARES, S. **A inserção de jovens rurais na economia solidária sob a perspectiva do desenvolvimento local**: análise da experiência da cooperativa de adolescentes e jovens do setor de artesanato do meio rural do município de Ouricuri, Pernambuco. 2011. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

VEIGA, J. E. O Brasil é menos urbano do que se calcula. In: _____. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003, p. 63-66.

WANDERLEY, M. N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J. ; CASTRO, E. G. de (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Primeira parte (primeira sessão), p. 9-311.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman 2005. 212 p.

APÊNDICE - A

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL –
POSMEX

Roteiro para entrevista semiestruturada com jovens do assentamento Canzanza, Município de Moreno, Pernambuco

ENTREVISTADO Nº _____

1- IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Estado civil: () casado () solteiro

Se casado, tem filhos? Quantos? _____

Celular: _____

E-mail: _____

Escolaridade: () Fundamental incompleto

() Fundamental completo

() Médio completo

() Médio incompleto

() Superior Qual? _____

() Outro _____

2- ATIVIDADE PROFISSIONAL E RENDA

2.1- Qual a atividade que você desenvolve no assentamento ou fora dele que lhe traz alguma renda? Há quanto tempo está nessa atividade? A remuneração que recebe é satisfatória?

2.2- Possui terra própria? Gosta do seu trabalho? Há algo que pode melhorar em seu trabalho?

2.3- Trabalha no meio urbano, em qual cidade e em que função? Está satisfeito com esse trabalho? Por quê?

2.4- Retorna para sua casa no meio rural após o trabalho, com que periodicidade (*final de cada dia ou apenas nos fins de semana*)?

2.5- A atividade que você desempenha é importante para você continuar morando no assentamento Canzanza? Por quê? Essa atividade é importante para as pessoas do assentamento Canzanza? Por quê?

2.6- No assentamento Canzanza existe oportunidades de trabalho para os jovens? E no município de Moreno? Na sua opinião por que isso acontece?

2.7- Você chegou a construir algo no assentamento Canzanza? O quê? Mas sonha em construir o quê? E para quê?

3- MORAR NO RURAL

3.1- Gosta de morar no assentamento Canzanza? Por quê?

3.2- Pretende viver toda sua vida no assentamento Canzanza ou tem a intenção de sair algum dia? Por quê? Ir para onde?

3.3- Tem pretensão de continuar o trabalho de seus pais na parcela do assentamento Canzanza (*sucessão geracional*)? Por quê?

3.4- Em relação ao modo de vida, quais aspectos gosta mais no assentamento Canzanza?

3.5- O que faz você permanecer (*ou sair*) no assentamento Canzanza?

3.6- O que faz nos momentos de lazer para se divertir? Onde? Com quem?

3.7- Tem acesso a internet? O que mais gosta de ver na internet?

3.8 – No seu entendimento o que é pra você permanecer no campo (*morar*)?

4- POLÍTICAS PÚBLICAS PARA JUVENTUDE RURAL

4.1- Conhece algum programa do governo (*estadual, federal*) ou do poder municipal (*prefeitura*) para os jovens que vivem no meio rural em Moreno ou em outro município?

4.2- Conhece o Estatuto da Juventude e as políticas públicas que existem direcionadas para os jovens rurais?

4.3- Já acessou alguma política pública voltada para juventude rural (*NPT; Pronaf Jovem*)? Por quê? Qual e quando? Qual sua avaliação dessa política?

4.4- Tem alguma organização governamental ou não governamental que realiza algum trabalho direcionado aos jovens do assentamento Canzanza? Qual? Que trabalho realiza? Como você avalia esse trabalho como os jovens?

4.5- Participa das atividades da associação do assentamento Canzanza? Por quê? Como gostaria que fosse a associação?

4.6- O que pode ser realizado pelos governos para que mais jovens permaneçam morando no meio rural? E o que os jovens do assentamento Canzanza podem fazer para que essas reivindicações sejam alcançadas?

5- ENTRE FICAR E SAIR DO RURAL

5.1- Na sua opinião o que está faltando no assentamento Canzanza (*ou no meio rural*) para que mais jovens permaneçam nesse lugar? E de quem depende isso? O que você pode fazer pra ajudar a mudar isso?

5.2- O que pode ser realizado pela associação do assentamento Canzanza para que mais jovens permaneçam no assentamento (*ou meio rural*)?

5.3- O que pode ser realizado pelos próprios jovens para que eles permaneçam, em maior número no assentamento Canzanza (*ou meio rural*)?

6- PRETENSÕES FUTURAS

6.1- O que gostaria que existissem no assentamento Canzanza? Por quê?

6.2- O que pensa para o seu futuro relacionado à escolarização, trabalho, profissão e condição de vida?

6.3 - O que você entende por *desenvolvimento local*?

6.4 - Você acha que há um *desenvolvimento local* no assentamento Canzanza? Por quê?

6.5 - Como você imagina que poderia ser o assentamento Canzanza tendo um *desenvolvimento local*? E como seria a vida das pessoas que vivem no assentamento Canzanza?

6.6 – Como os jovens e os demais que vivem no assentamento Canzanza podem contribuir para que esse *desenvolvimento local* aconteça?

6.7 – Qual o maior sonho de sua vida?

6.8 – Quando está fora de Canzanza, você se identifica como jovem rural?

6.9- Tem orgulho de morar da zona rural?

APÊNDICE - B

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL –
POSMEX

Roteiro para entrevista com o presidente da associação do assentamento Canzanza

SOBRE O ENTREVISTADO

Nº

Nome:

Estado civil:

Tem filhos:

Tempo de entrevista:

Escolaridade:

- 1- Qual o número de famílias que moram no assentamento Canzanza?
- 2- Qual o período da sua gestão na diretoria da associação de Canzanza?
- 3- O Senhor pode explicar um pouco sobre a área comunitária e a área de preservação do assentamento?
- 4- Qual o público da escola de Canzanza?
- 5- Qual a área total e os limites do assentamento Canzanza?
- 6- Quantos hectares possui cada parcela do assentamento Canzanza?
- 7- Como foi adquirido e como é usado o trator da associação pelos sócios?
- 8- Como é a participação dos jovens na associação do Assentamento Canzanza?
- 9- Que atividades poderiam atrair mais jovens para participar da associação?
- 10- Já teve algum curso, capacitação, palestra para os jovens de Canzanza, através de alguma organização governamental ou não governamental?
- 11- Na sua opinião o que os governos poderiam fazer para que os jovens permaneçam morando no meio rural?
- 12- Já ouviu falar no Estatuto da Juventude?
- 13- No seu entendimento, porque uma parte dos jovens têm saído do meio rural?
- 14- Em Canzanza, quais são as oportunidades que os jovens têm de trabalho?
- 15- Na sua opinião o que poderia ter em Canzanza, para que os jovens permaneçam morando?

- 16- Como a associação pode ajudar para que os jovens permaneçam no campo?
- 17- Na sua opinião o jovem que trabalha na cidade, e vem para Canzanza apenas a noite para dormir, pode ser considerado como morador do assentamento Canzanza?
- 18- Na sua opinião uma parte dos jovens vão dá continuidade ao trabalho do pai na parcela?
- 19- Quais projetos já vieram para Canzanza?

APÊNDICE - C

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO
LOCAL – POSMEX

Roteiro para entrevista com um agricultor, que conhece sobre a história do assentamento Canzanza:

SOBRE O ENTREVISTADO

Nome:
Estado civil:
Tem filhos:
Tempo de entrevista:
Escolaridade:

- 1- Como foi a conquista das terras do assentamento Canzanza pelos agricultores?
- 2- Como era o assentamento Canzanza e quantas famílias moravam, antes de ser destinado para a reforma agrária?
- 3- Quantas e de onde eram e as famílias acampadas no engenho Canzanza?
- 4- Depois que saiu a reintegração de posse quais os acontecimentos que houve?
- 5- Em que ano os agricultores receberam a posse do engenho Canzanza e quantas famílias foram beneficiadas?
- 6- Depois de receberem a posse, quais benefícios receberam do INCRA?
- 7 - Todos os agricultores que foram beneficiados com a posse da terra em Canzanza continuam morando em sua parcela?
- 8- O que levou alguns agricultores desistir de morar no assentamento Canzanza?
- 9 - Como foi construída a infraestrutura física de Canzanza? E quais são elas? Em que ano?
- 10 - Quais políticas públicas já foram acessadas pelos agricultores de Canzanza?

APÊNDICE – D

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL (POSMEX)

TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Jovem,

Sou, Marconiedison Herculano da Silva, estudante do curso de **Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco**. Estou realizando esta pesquisa cujo objetivo é **analisar os aspectos que favorecem a permanência dos jovens no assentamento Canzanza, Moreno-PE**, sob a orientação do Professor Angelo Brás Callou.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e envolve uma entrevista que será gravada e fotos, se assim você permitir. Se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade para fazê-lo.

Na publicação dos resultados dessa pesquisa sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identifica-lo(a). Indiretamente você estará contribuindo para o entendimento do fenômeno social estudado e para a produção de conhecimento científico.

Assim, declaro que fui esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do aluno pesquisador

Local e data: _____

Mais informações sobre esta pesquisa podem ser obtidas através dos contatos abaixo:

Aluno pesquisador: Marconiedison H. da Silva
Contatos: (81) 3535-2790 / (87) 9935 7214 / (81) 8435 9221
e-mail: marconihs@yahoo.com.br

Coordenação do Mestrado:
Aparecida Tenório
(81) 3320-6587
e-mail: aparecidatcosta@hotmail.com

Professor Orientador:
e-mail: abcallou@gmail.com

APÊNDICE - E

Período da realização da vivência e das entrevistas no Assentamento Canzanza			
Datas	Locais e horários	Entrevistados (nome fictício)	Tempos das Entrevistas
Agosto/2013	Participação na reunião da Associação, onde aconteceu o primeiro contato com as pessoas do assentamento Canzanza.		
05/01/14 - Dom	Participação na 1ª reunião da associação de Canzanza no ano de 2014 no horário da manhã.		
22/01/14 - Quar	Chegada à tarde ao assentamento Canzanza para iniciar a vivência.		
23/01/14 - Quin	Residência / noite	Pedro	22 minutos
24/01/14 - Sex	Residência / manhã	Moisés	58 minutos (> tempo)
24/01/14 - Sex	Bodega / tarde	Elias	23 minutos
24/01/14 - Sex	Residência / noite	João	16 minutos
24/01/14 - Sex	Residência / noite	Miriã	14 minutos (< tempo)
25/01/14 - Sáb	Saída de Canzanza pela manhã		
29/01/14 - Quar	Chegada à tarde ao assentamento Canzanza para dá continuidade à vivência		
29/01/14 - Quar	Residência / tarde	Salomão	40 minutos
29/01/14 - Quar	Residência / noite	José	27 minutos
30/01/14 - Quin	Residência / manhã	Noé	22 minutos
30/01/14 - Quin	Igreja / manhã	Sara	37 minutos
30/01/14 - Quin	Igreja / manhã	Raquel	
30/01/14 - Quin	Residência / tarde	Ester	22 minutos
30/01/14 - Quin	Associação / tarde	Eliseu	29 minutos
30/01/14 - Quin	Residência / noite	Sansão	49 minutos
31/01/14 - Sex	Trabalho / manhã	Abraão	37 minutos
31/01/14 - Sex	Residência / noite	Paulo	32 minutos
31/01/14 - Sex	Residência / noite	Presidente da Associação	72 minutos
	Feira livre de Moreno	Agricultor	24 minutos
01/02/14 - Sáb			
02/02/14 - Dom	Participação na reunião da associação de Canzanza no horário da manhã.		
02/02/14 - Dom	Saída do assentamento Canzanza à tarde.		
Tempo total de entrevistas com os jovens			428 minutos (7,1 horas)
Tempo médio por entrevista com os jovens:			28,5 minutos
Total de dias de vivência em Canzanza:			09 dias
Total de participações em reuniões da associação de Canzanza:			03 participações
Total de horas de entrevista com o presidente da associação e com o agricultor conhecedor da história de Canzanza:			96 minutos
Total geral de horas das entrevistas:			524 minutos ou 8,7 horas
OBS.:			
A entrevista com o agricultor, que relatou sobre a história do assentamento Canzanza, foi realizada após o período de vivência, na feira livre de Moreno, onde ele comercializa seus produtos agrícolas.			

APÊNDICE – F

Perfil dos(as) jovens entrevistados(as) do assentamento Canzanza						
Nº	NOME FICTÍCIO	IDADE	NÍVEL ESCOLAR	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	PROPRIETÁRIO DA TERRA (PARCELA)
1	ELISEU	24 anos	Cursou até 7ª série do ensino fundamental	Agricultor	Solteiro	O Jovem
2	MOISÉS	22 anos	Concluiu o ensino médio	Agricultor	Solteiro	A Tia
3	PEDRO	17 anos	Cursando o 3º ano do ensino médio	Agricultor/ Estudante	Solteiro	O Pai
4	JOÃO	21 anos	Cursou até 1º ano do ensino médio	Ajudante de pedreiro	Casado	O Pai (área coletiva)
5	ESTER	20 anos	Concluiu o ensino médio	Ajuda nas tarefas do lar	Solteira	O Pai
6	NOÉ	18 anos	Cursou até a 5ª série do ensino fundamental	Agricultor/ Cortador de cana	Solteiro	O avó
7	JOSÉ	16 anos	Cursando o 1º ano do ensino médio	Agricultor/ Estudante	Solteiro	O Pai
8	MIRIÃ	24 anos	Concluiu o ensino médio	Ajuda nas tarefas do lar	Solteira	O Pai (área coletiva)
9	SARA	19 anos	Concluiu o ensino médio	Ajuda nas tarefas do lar	Solteira	O Pai
10	RAQUEL	17 anos	Concluiu o ensino médio	Ajuda nas tarefas do lar	Solteira	O Pai
11	SANSÃO	23 anos	Concluiu o ensino médio e o Curso Técnico em Agricultura	Apontador	Solteiro	O Pai
12	ABRAÃO	20 anos	Concluiu o ensino médio	Motorista de Caminhão	Solteiro	O Pai
13	SALOMÃO	21 anos	Concluiu o ensino médio	Agricultor; Busca trabalhar em supermercado	Solteiro	O Pai
14	ELIAS	18 anos	Cursou até o 1º ano do ensino médio	Agricultor/ Cortador de cana	Solteiro	O Pai
15	PAULO	24 anos	Cursou até o 2º ano do ensino médio.	Operador de pá carregadeira ou pá mecânica	Casado	O Pai

APÊNDICE - G

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PG EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL - POSMEX

Levantamento para definir o local de realização da pesquisa

1) Nome do assentamento e/ou da associação:

1.1) Ano de fundação do assentamento: _____

1.2) Presidente (a) da

associação: _____

1.3) Telefone de

contato: _____

1.4) Nº de famílias assentadas: _____

1.5) Localização do assentamento

(Engenho): _____

1.6) Área total do assentamento: _____ (hectares) E por parcela: _____

(hectares)

1.7) O Assentamento possui: () Associação () Cooperativa () Grupo de jovem

() Diretor do STR

Se **SIM** qual o nome?

2) Existem jovens **que moram** no assentamento (com idade entre 15 a 29 anos; sexo masculino ou feminino)?

() SIM () NÃO

Se **SIM** quantos (+ ou -): rapazes: _____ moças: _____

Se **NÃO**, o que aconteceu com os jovens do assentamento (homens e mulheres)?

Se **SIM**:

Com que idades: () 15-17 anos () 18-19 anos () 20-24 anos () 25-29 anos

() _____

Estado civil: () casado () solteiro

2.1) Esses jovens realizam alguma atividade agrícola ou não agrícola?

() SIM () NÃO () SÓ ESTUDAM _____

Se **SIM**, quais atividades desenvolvem (atividades agrícolas ou não agrícolas)?

Homens: _____

Mulheres: _____

São remunerados: () SIM () NÃO ()

Outro _____

2.2) Em que local desenvolvem as atividades: () Meio Rural () Urbano () Ambos

Se no URBANO em qual

cidade: _____

E retornam para sua casa, no meio rural, ao fim do dia de trabalho?

() SIM () NÃO ()

Outro _____

2.3) Qual função

exerce: _____

3) Em seu assentamento o que tem **favorecido a permanência** desses jovens (rapazes e moças) no meio rural?

4) Os jovens participam das atividades da associação ou outra organização do assentamento?

() SIM () NÃO

5) Seu assentamento tem interesse em contribuir para realização desta pesquisa?

() SIM () NÃO

OBSERVAÇÕES: